

VILLA VELHA •
• PARANÁ



1x500 EM
TODO O BRASIL

Revista da Semana

ANNO XLII • Nº 2
11 DE JANEIRO DE 1941

Se a Sicilia fosse bombardeada...

Por Giulio Scarpini



Claustro da igreja de S. Giovanni, em Palermo.

O crescente impeto da actual guerra, na frente do Mediterraneo, leva a crer que os paizes belligerantes, dentro em pouco, empenharão, na luta, todo o poderio militar de que dispõem e se valerão de todos os meios mortíferos e destruidores para alcançar, cada um de seu lado, a almejada victoria.

Pela sua posição geographica e importancia strategica, collocada como linha divisoria entre a bacia oriental e occidental do antigo Mar Interior, a Sicilia, berço de uma das mais adeantadas civilizações mediterraneas, seria talvez o objectivo mais visado e mais apetezido pela arma aérea.

Esta ilha é a maior, a mais bella, a mais pittoresca do outrora "Mare-Nostrum" dos Romanos. Os povos da antiguidade ficaram impressionados com a sua forma triangular e a tomaram como symbolo.

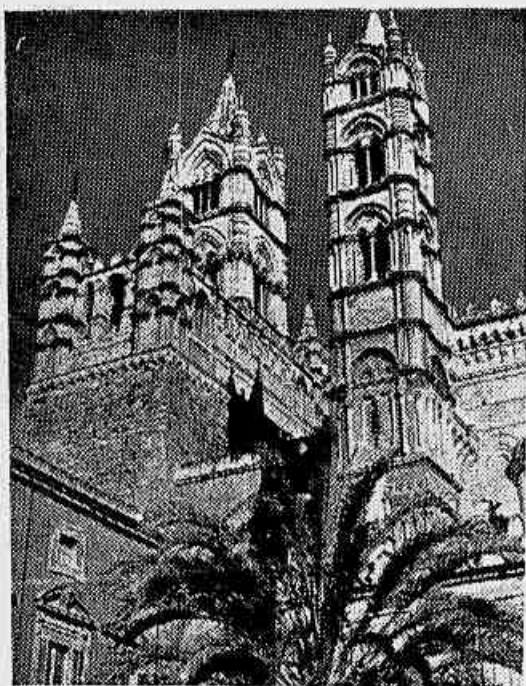
Sua estrutura natural tornava facil as invasões: as montanhas interiores, reunidas em grupos ou em cadeias não formavam uma couraça em torno das costas; as praias abertas e accessiveis, a fecundidade prodigiosa da terra, a doçura do clima, a variedade e o encanto das paisagens fizeram della uma presa cobiçada por todos os povos que dominaram as margens do Mediterraneo.

A Sicilia tornou-se o objectivo, durante os seculos VIII e VII, antes de Jesus Christo, das invasões dos antigos gregos que seguiam as peregrinações do homérico Ulysses e, durante os seculos mais proximos da nossa época, foi invadida pelos arabes

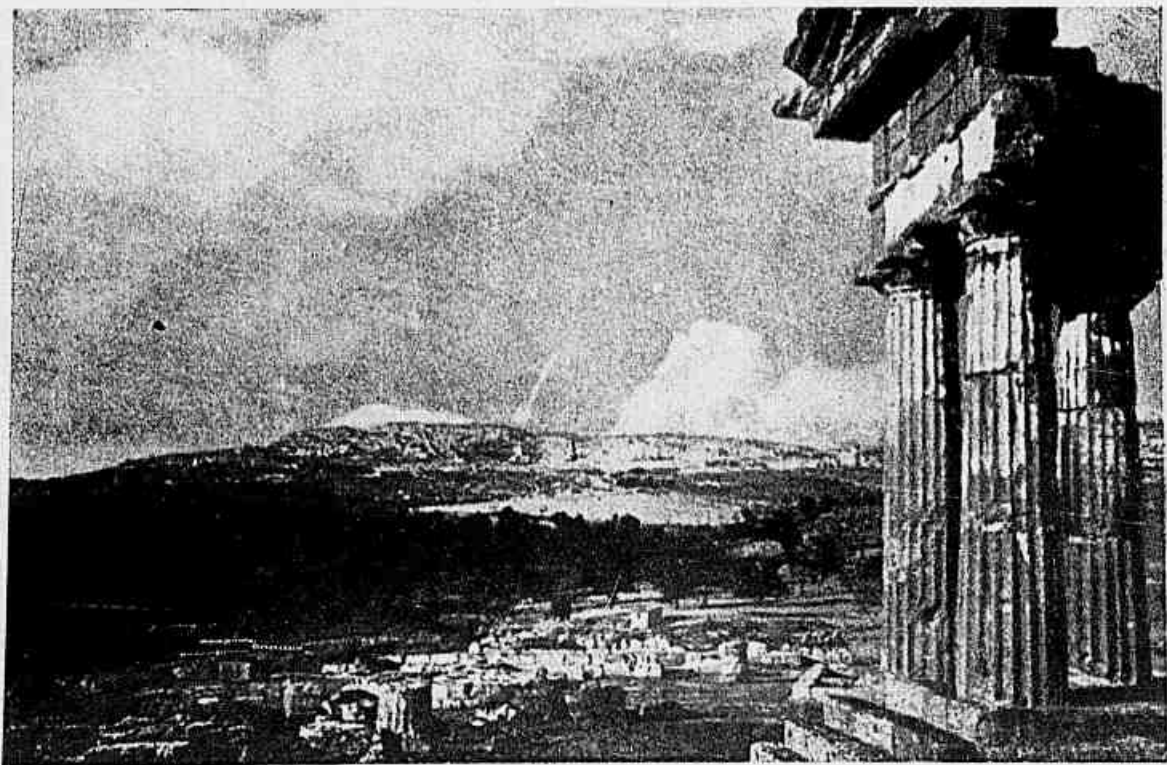
e pelos normandos. Serviu de theatro das guerras entre Carthago e Roma, entre Sarracenos e Normandos, e de ponto de convergencia da Africa com as civilizações occidentaes.

Os phenicios, os gregos, os romanos, os carthaginezes, os byzantinos, os sarracenos, os normandos, os suabios, os aragonezes, os bourbons revezaram-se no dominio desta terra insular, atormentando-a continuamente com pilhagens sangrentas.

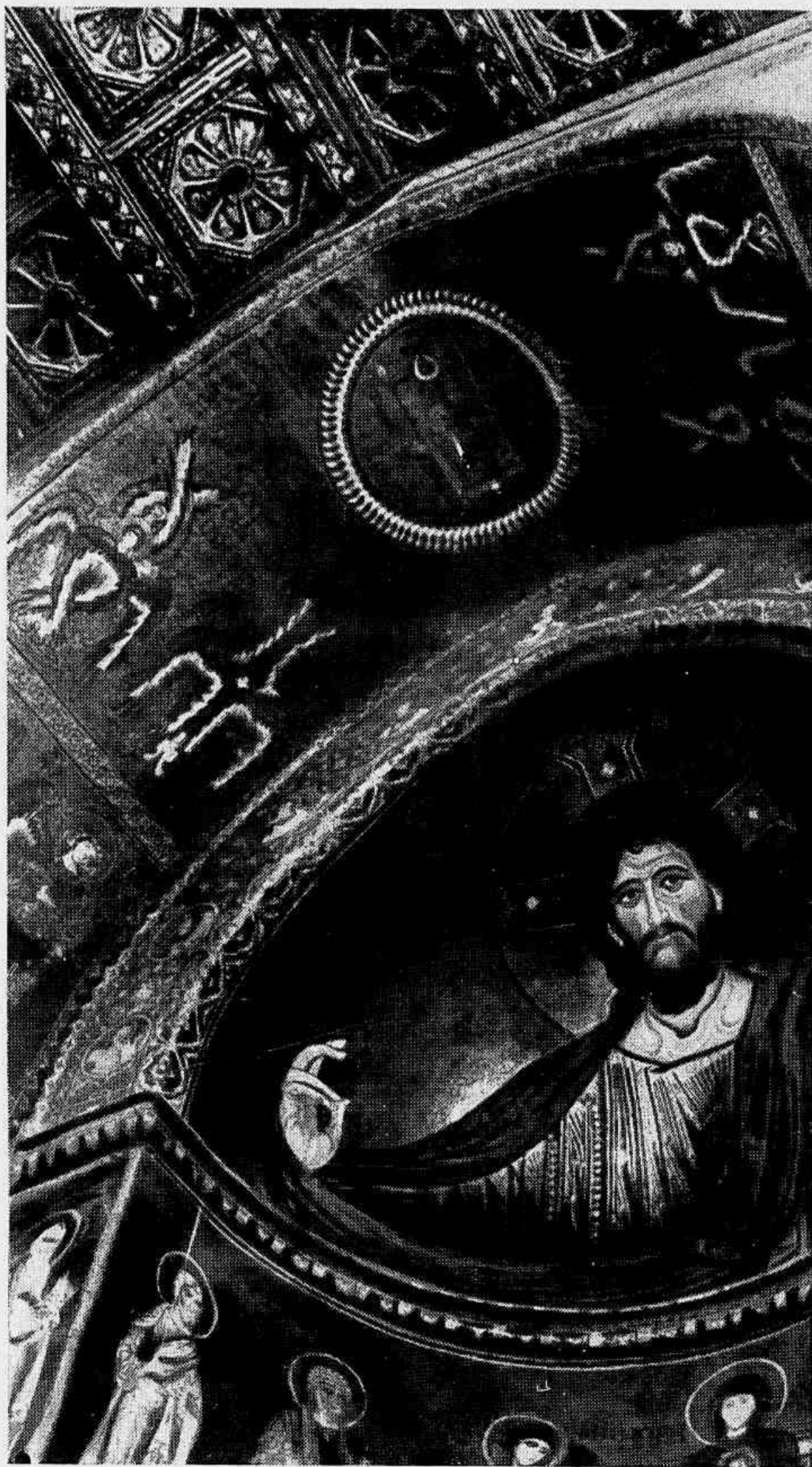
Um encanto irresistivel emana de tudo o que resta desse mundo prehistorico, das necropoles dos piculas, dos monumentos gregos, dos thesouros byzantinos, das ogivas de architectura arabe, das esplendidas basilicas dos normandos, das immensas torres quadradas dos suabios, das notaveis pinturas do seculo XV, das admiraveis esculpturas e dos estuques famosos, das igrejas e dos mosteiros sumptuosos dos bourbons, das ma-



Visão da cathedral de Palermo.



O templo dos Dioscuros, em Agrigento.



Mosaico da ábside da cathedral de Monreale.

gníficas "villas" e dos faustosos palacios do seculo XVIII.

A admiravel variedade artistica da Sicilia se manifesta egualmente na visão das paisagens, das cidades e da população.

Poucos paizes no mundo assim tão ricos em côres, de aspectos tão interessantes e tão differentes entre si. Dir-se-ia uma terra encantada.

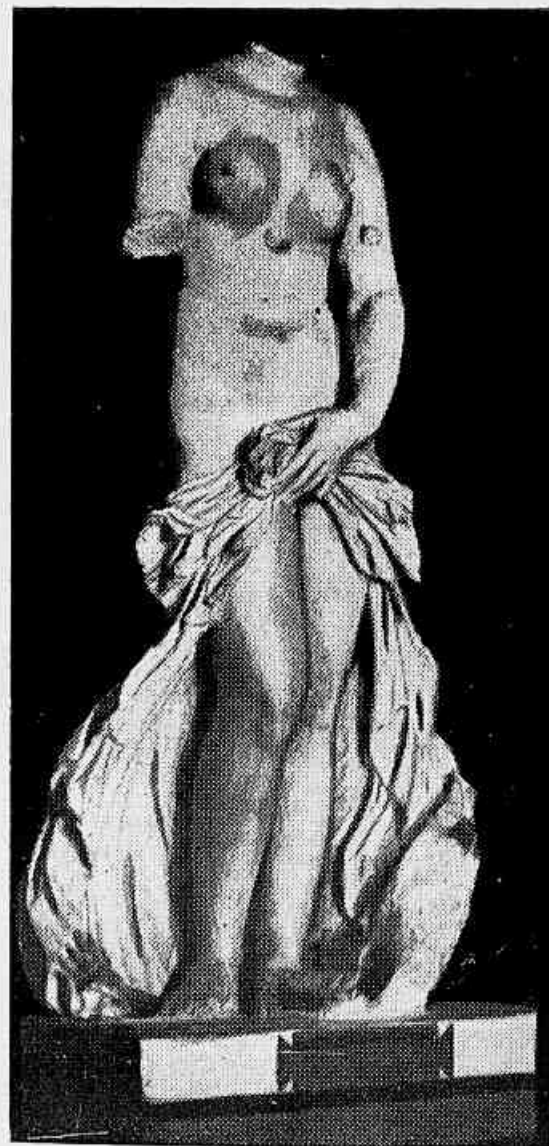
Desde a mais remota antiguidade os poetas e escriptores exaltam taes bellezas: Pindaro, Homero, Theocrito, Virgilio, Cicero abundam em citações. Nos tempos modernos, Thompson, Smith, Dumas, Musset, Goethe as evocam em paginas soberbas.

Os gregos collocaram nesta ilha alguns dos mythos mais emocionantes e mais formidaveis da sua religião.

Os altos rochedos de Enna nos lembram Demeter e Persephona. A paisagem do Etna nos suggere Ulysses e Polyphemo, Acis e Galathéa.

A graça e o encantamento ainda agora são os mesmos: a espiritualidade que disso tudo dimana é a mesma todavia e nos falam directamente á alma.

Por isso muito teria perdido o patrimonio historico e cultural da Humanidade se as bombas incendiarias e altamente explosivas cahissem cegamente sobre essa ilha maravilhosa...



Venus Anadyomene, Museu Archeologico de Syracusa.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITTERATURA E MODAS
A DECANA DAS REVISTAS NACIONALES

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PREMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUERPIA EM 1930
E NA FEIRA INTERNACIONAL DE S. PAULO EM 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

DIRECTOR: GRATULIANO BRITO

ASSIGNATURAS			
BRASIL E AS 3 AMERICAS		REGISTRADA	
Um anno.....	63\$000	Um anno.....	80\$000
6 mezes.....	32\$000	6 mezes.....	40\$000
EXTRANGEIRO		REGISTRADA	
Um anno.....	170\$000	6 mezes.....	90\$000
Avulso.....	1\$500	Atrazado.....	2\$000
15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE — 15			
Telephones: Direcção 222622 Gerencia 222550 Secretaria 224447			
Redacção e Publicidade 229570 Photog. 221013 Portaria 225602			
Endereço Telegraphico: REVISTA — RIO DE JANEIRO			

TODOS OS ORIGINAES ENVIADOS A "REVISTA DA SEMANA" DEVEM VIR DACTYLOGRAPHADOS.

OS TRABALHOS ASSIGNADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

SUCURSAL EM SÃO PAULO:
Edificio Martinelli — 10.º andar — Sala G Teleph.: 3-3885
Endereço Telegraphico: REVISTA
REPRESENTANTES
BAHIA — Joaquim M. Cunha
Praça Castro Alves, 79 — São Salvador
PARANA — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)
Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curitiba
RIO GRANDE DO SUL
Ademar Lobato — (Agencia Publix)
Rua Siqueira Campos n.º 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)
ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O Evangelho e a Imprensa

POR D. Aquino Corrêa
da Academia Brasileira

Qui autem dixerit fatue, reus erit gehennae ignis. Quem disser: és um tolo, será réu do fogo do inferno.

feição dessas estrellas que se apagam na immensidade, mas cuja luz ainda scintilla, por largo tempo, na atmospha diaphana das nossas noites. O doesto é sempre um excesso e, como bem notou arguto pensador, sempre se enfraquece o que se exagera:

On affaiblit toujours tout ce qu'on exagère.

ÃO podiam ser mais incisivos os termos em que o Divino Mestre revela e releva, nesta página sublime de S. Matheus, a elevação e pureza da moral evangelica em confronto com a lei antiga.

Ouvistes, observa Elle aos seus discipulos, que foi dito aos antigos: não matarás, e o que matar será réu no juizo.

Pois eu vos digo que o que disser ao seu irmão és um tolo será réu do fogo do inferno: qui autem dixerit fatue, reus erit gehennae ignis.

Assim é que, em face do código penal do christianismo, não só o homicidio, senão tambem uma simples palavra de ira contra o proximo, é passivel da mais tremenda das penas.

Mais do que a ninguém, é a imprensa que urge inculcar esta santa verdade, máxime a essa que se deixa fanatizar na idolatria vã dos partidos e das seitas.

O evangelho, como se vê, exgotta os anátemas da colera divina contra um insulto qualquer atirado ao próximo. Ameaça-o nada menos que com os abysmos de fogo da sempiterna geêna.

Como, pois, classificar o crime da imprensa, em cuja linguagem, des-açaimada e buída nos vocabularios da mordacidade, a expressão injuriosa, condemnada pelo Christo, não passaria de risonho e amavel eufemismo?

Nem é ahi apenas a injuria, de que trata o evangelho, injuria dita, qui dixerit, mas escripta. E escripta, não de qualquer maneira, mas em órgãos da maior publicidade, da mais vasta repercussão, em jornaes, que são como as azas da palavra, realizando de alguma sorte a formosa imagem das "palavras aladas", de que fala Homero.

E, pondo embora de parte a lição divina, dever-se-ia attentar em que os ataques pessoas bem pouco valem, quando não são mesmo contra-producentes. Nas pugnas do espirito, as pessoas devem desaparecer, porque o ideal é tudo. O homem passa, mas a idéa fica e refulge, á

Ademais disto, as investidas pessoas numa arena de principios, qual deve sêr a imprensa, enxovalham e desprestigiam, por si mesmas, ao que as comete, transformando-lhe em punhal de sicario a penna, que é uma lança de cruzado. E o cavalleiro sempre andante em prol do direito, qual se nos afigura o jornalista, descamba em vil aretino, semeando aos quatro ventos os miasmas da diffamação e da deshonra.

Mas então a justiça divina se incumbe de fulminal-o com a pena do descrédito. Pode ainda debicar na honra do homem de bem, como o abutre do Cáucaso nas entranhas de Prometheu; mas, assim como estas sempre renasciam, parecendo sempre intactas, assim tambem aquella nada soffrerá em sua integridade, aos botes de uma imprensa degenerada pela ira e pela mentira.

Nenhuma arma, ao contrario, mais elegante, nem mais poderosa que a verdade. Tem algo das fulgurações olympicas do raio. Mas é da sua essencia não exceder-se e, portanto, não injuriar. Não se bate corpo a corpo. O insulto pode mutilar, como a espada de Pedro, no Getsemani, só a verdade, á semelhança do verbo de Jesus naquella hora de trevas, é que vale a prostrar legiões inteiras por terra.

Tal ha de ser a panóplia do jornalista catholico. E' a armadura de luz, a que se refere S. Paulo: illumina e defende. Ella, a verdade, é que o faz desprezar as aggressões á sua pessoa, para só se bater pelos seus ideaes e pelos seus principios.

Ella é que orienta a sua palavra, mantendo-a igualmente avessa ao feiticismo dos amoucos, como ás verrinas da paixão e do odio, nas opposições systematicas. Ella, enfim, é que, tambem aqui, o livra de se medir com os seus atassalhadores premiando-o e confortando-o intimamente, na consciencia da superioridade e da victoria: veritas liberabit.

Francisco
Arboreto

ALBERTO
LIMA

BLACK OUT

CONTO DE PIERRE-GILLES VEBER

Deu-se isto logo ao principio da guerra... contou-nos o dr. Bathsoap. — O meu mestre, o grande detective Ferlock Solmes, e eu morávamos então numa casa modesta em Gort Street, perto do Ironside Square. O illustre desvendador de mysterios e decobridor de criminosos acabava de, mais uma vez, se fazer admirar pelo povo londrino ou, mais propriamente falando, pelos habitantes de toda a Grã-Bretanha, com a prisão de Hilda Appelgrüber. Não se lembram do nome? Hilda Appelgrüber, a genial espiã que trazia, no logar dos seios, duas bombas de melinite para fazer ir pelos ares o sr. Winston Churchill! Solmes fôra solicitado pelo Intelligence Service a intervir no caso, quando já parecia que nenhuma força, nenhuma astucia poderia evitar o attentado. E duas horas antes do momento exacto em que a bella e terrivel enviada da Gestapó conseguiria approximar-se do Primeiro Lord do Almirantado, que os inimigos tanto detestam, o insigne detective demonstrava a toda a Inglaterra, e á Allemanha tambem, que a formosa mulher tinha o peito perfeitamente chato, arrancando-lhe, num gesto inspirado e theatral, o *soutien-gorge* explosivo.

Depois disto, não nos podia surprehender a visita, certa manhã, do inspector Maylobster, a quem chamam o Homem de Aço de Scotland Yard.

Ferlock Solmes estava tocando na sua harpa eolia um trecho classico. E, como pelas janellas não entrava uma viração bastante intensa para fazer vibrar o instrumento, tomamos a resolução de appellar para o ventilador. Terminada a musica que tanto o enlevava e que elle, aliás, executara como verdadeiro artista, Solmes saudou o valente Maylobster:

— Como vae, Irving? Pela veia que forma relevo do lado esquerdo da sua testa de pensador, estou vendo que você é um arthritico. Não beba tanto whisky, meu amigo! Aconselho-lhe uma bôa estadia no Paiz de Galles. E coma bastantes cenouras. Não ha para isso melhor remedio.

— Infelizmente, chefe... respondeu Maylobster — abandonei o whisky completamente. — E não por me fazer mal, mas por causa da lei das restricções. A ter que me restringir, preferi a abstenção completa.

Solmes olhava-o com certa severidade, pois que o inspector assim lhe desmentia os extraordinarios dons de observação; mas não quiz insistir, não quiz discutir, embora devesse ter a certeza de esmagar o contradictor. E este proseguir:

— Além disso, abomino as cenouras. Das ultimas vezes que às comi, ia morrendo. São para mim um verdadeiro veneno. E, se pudesse sahir agora de Londres, iria ver meu velho pae que é o primeiro magistrado municipal de Aberdun. Não, meu eminente mestre... Se esta veia da testa se tornou tão

saliente, é porque ando preocupadissimo, impressionadissimo. Ha espiões na Torre de Londres!

O mestre sacudiu de leve os magros hombros escossezes: — Mas você está confundindo espiões com fantasmas, Maylobster! Deixemos em paz a pobre Anna Bolena que, ao dar da meia noite, começa a passear pelos corredores do velho edificio...

— Não, chefe! O senhor sabe que com o black out a escuridão é agora completa, tão completa como num tunnel. Ora, de ha dez noites para cá certas luzes se accendem ao alto da Torre e outros signaes lhe respondem sobre a Abbadia de Westminster. Por mais que tenhamos feito não conseguimos obter indicio algum capaz de nos levar a averiguar ou a imaginar sequer quem possam ser as pessoas que emittem taes signaes. E eis porque o nosso superintendente me mandou vir ter com o senhor.

— Curioso... murmurou Solmes — Curiosissimo... Bathsoap, dê-me depressa uma injeção de stout e não lhe misture agua como da ultima vez. Preciso de toda a minha lucidez, toda a minha agudeza de espirito para decifrar o enigma da Torre.

A' noite, caminhavamos, o mestre e eu, pela margem do Tamisa. O black out estava, se assim nos podemos exprimir, em plena actividade. Não se enxergava um palmo adeante do nariz. Tinhamos já esbarrado em dois policiaes, cujos vultos absolutamente não distinguimos, tão cerrada era a treva. Irreprehensíveis no cumprimento do seu dever, os dois homens haviam respondido apenas com pragas por entre os dentes aos desastrados transeuntes que, avançando ás apalpadelas, assim lhes esmagavam os callos.

De repente o grande detective apertou-me o braço com toda a força. Um grito de dôr me ia escapar da garganta, quando elle me indicou pontos luminosos que indubitavelmente emanavam do alto da Torre de Londres.

— Morse... murmurou Ferlock... Estão transmittindo qualquer coisa, servindo-se do alfabeto Morse. Escreva, Bathsoap.

Bastante difficuldade tive em escrever naquella escuridão. O mestre ia dictando:

— Ponto! Traço! Traço! Ponto! Traço!

Chegados a casa, Solmes traduziu a primeira mensagem que conseguimos surprehender:

Atenção! O velho ainda não está deitado. Amanhã, ás dezesseis horas, no logar do costume. E a resposta dizia: Combinado, meu bem. Adoro-te.

— Trata-se dum codigo! concluiu o mestre. — Tenho que decifrar tudo isto. Felizmente sou de primeira força em cryptographia.

Durante oito dias o grande detective decifrou aquellas phrases mysteriosas no meio de montes de papelada. Não dormia, não queria saber de mais coisa alguma deste mundo. E eu lhe applicava mais uma injeção — já perdera o numero exacto — quando appareceu o inspector Maylobster.

— Victoria! exclamou justamente nesse momento Ferlock Solmes. — Matei a charada! A primeira mensagem significava: *Aviões Heinkel em marcha para Londres*; e a segunda: *Indiquemos o caminho aos pilotos*.

E mais uma vez a sagacidade do mestre me maravilhava, quando o Homem de Aço de Scotland Yard observou placidamente:

— Apanhámos os culpados, chefe. Era a filha do porteiro-mór da Torre de Londres que se correspondia, em alfabeto Morse e por meio duma lampada, com o namorado, filho do chefe dos guardas de Westminster!

O progresso técnico e a fisionomia dos combates ofensivos e defensivos no front terrestre

Técnica militar e técnica industrial. Antes de 1914. De 14 a 28. O armamento da infantaria. O material de artilharia. A fortificação permanente. De 1918 a 1939. O armamento da infantaria, da artilharia e a fortificação. O futuro da técnica na guerra terrestre. Formidável artigo, escrito ao alcance de todas as classes, bem ilustrado, no **ALMANACH EU SEI TUDO** para 1941, á venda.

Contos. Anedotas. Calendarios. Páginas coloridas. Novidades científicas. Um livro riquissimo de ensinamentos uteis. Mais de 200 páginas por 5\$000 no Rio e 6\$000 nos Estados.

ALMANACH EU SEI TUDO

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 - RIO

O NOVO NUMERO DO TRAPEZISTA

Conto de ANTONIO COURSON

Havia já varios annos que os dois trabalhavam juntos, de cidade em cidade, de circo em circo, exhibindo o perigoso numero.

O acaso os havia approximado no recanto de uma longinqua cidade, ligando-os na execução da difficil pirueta de trapezio.

Fôra, porém, do trabalho de picadeiro, tinham-se conservado extranhos um ao outro. Léa bem sabia o segredo de Jack e este bem que percebia a hostilidade de sua companheira de numero por aquella ligação.

Mezes a fio, Jack levava uma existencia de sonho. Certa mulher, da platêa, tinha se ligado a elle, seguindo-lhe os passos.

Tremula, ella acompanhava com os olhos, ansiosamente, as acrobacias do trapezista. Depois, sem duvida, no desejo de experimentar o amor desse coração que brincava com o espaço vazio e a morte, apaixonara-se por elle.

Jack, no trapezio, quasi sobrehumano nas suas proezas, tão lá em cima, sobre a multidão de espectadores, dera-lhe a impressão de um sêr superior. Teria elle se convencido de que os riscos de seu officio extranho lhe asseguravam tal superioridade?

Mas chegou um dia em que ella desapareceu, prometendo voltar e...



E' que as mulheres, ás vezes, se prendem mais a uma imagem, a um emblema, do que a uma alma. Com certeza era apenas o seu "maillot", voando no espaço, que ella tinha amado. E agora, descido do seu trapezio, Jack lhe parecia menor, menos forte, mais simplesmente homem.

Léa já estava prompta. Modelada no seu "maillot" rosa a acrobata parecia um macaquinho cheio de agilidade.

Emquanto Léa concluia o "maquillage" elle se despiu. Vestiu o corpo musculoso no traje de malha profissional. Léa contemplava-o pelo espelho.

— Estarás cansado? — perguntou.

— Nem mais nem menos do que o costume.

Tocou a campainha. Era a vez da entrada delles.

Jack ergueu-se penosamente da cadeira onde ficara prostrado. O espelho manchado mostrou-lhe a cara triste.

— Por que é que ella nem ao menos me escreveu? — reflectiu.

Mais uma vez ia arriscar a vida deante dessas centenas de olhares, que não viam senão os seus musculos. Os gritos, os applausos da multidão, longe de animá-lo, só concorriam para tornar ainda mais sensível o seu isolamento.

Os encontros no corredor, onde uns iam e outros voltavam do picadeiro, não conseguiram interromper as suas cogitações.

Perto da cortina da entrada, perguntou-lhe Léa:

— Já estás prompto?

Jack respondeu com a cabeça que sim.

Nesse momento abriu-se a cortina para dar passagem a uma "écuyère", seguida pelo rumor dos applausos do publico.

Até o Genio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de molestias graves, que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martirio!

Para evitar e tratar estes padecimentos e as complicações internas perigosas ou inflamação do Utero, use **Regulador Gesteira**.

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Era a vez de Jack e Léa, e elles lançaram-se para o picadeiro.

A luz da pista pareceu a Jack mais deslumbrante do que o costume. Enquanto a orchestra cobria o barulho das conversas, o par de acrobatas subia corda acima, para chegar aos trapezios.

Do alto, Jack olhou para o recinto, fixando o olhar num lugar vazio, o camarote que elle alugara para ella, durante toda a temporada. E pensou:

— Não voltará mais!

Uma grande dôr dilacerou-lhe a alma, como se o coração lhe tivesse parado dentro do peito. As dôres da alma chegam a ser tambem dôres quasi phisicas.

Um gesto de Léa chamou-lhe a atenção para o trabalho. Jack fez uma pirueta e atirou-se transversalmente sobre a pista, voando no espaço livre, sem que rede alguma estivesse estendida em baixo. Travou das mãos da companheira. Depois, num movimento habitual e automatico, independente do seu espirito, viu-se de pé no trapezio.

Agora, era Léa que, sózinha, executava os seus exercicios. Seguiu-a com os olhos, sem a ver. Depois, instinctivamente, fixou o olhar num ponto, entre os espectadores, no lugar vazio, lá em baixo!...

Por que não?... Cahir lá, justamente nesse lugar, num gesto de cabotino, a que não faltaria uma certa elegancia...

— Agora! E' a tua vez! — gritou-lhe Léa.

Era o momento classico, nos circos, em que, depois do caracteristico rufo prolongado dos tambores, a orchestra pára, como suspensa pela ansiedade do numero perigoso. Jack tinha de dar varias cambalhotas perigosas entre dois trapezios. Num outro, Léa balançava-se...

Depois de fazer varias flexões, Jack voltou ao seu lugar, prolongando, como de praxe, a expectativa para que o publico tivesse uma farta recompensa de emoção, a troco do pagamento da entrada.

Novamente deixou-se ir abaixo, calculando a queda para o ponto visado lá em baixo.

A arena pareceu-lhe augmentar de repente. O publico deu um grito rouco. Nesse momento tragico, porém, Jack sentiu duas mãos agarrarem-lhe solidamente os pulsos. E' que, pendurada no trapezio pela dobra dos joelhos, Léa o tinha apanhado, sustentando a queda terrível.

Num desabafo brusco, crepitaram os applausos, ovacionando esse "numero" que os espectadores pensavam ser uma nova atracção.

Jack ainda tentou soltar-se, mas as mãos de Léa resistiram, prendendo-lhe ainda mais os pulsos. Então, o desesperado acrobata ergueu os olhos e deu com o rosto crispado de sua companheira de numero, que chorava.

Foi esse olhar lacrimoso, cheio de ternura, que o prendeu de novo á vida. E o trapezista deixou-se atirar para o seu trapezio, enquanto a orchestra atacava, resfolegando, precipitadamente a marcha final.

ANTONIO COURSON

DOIS EXPANSORES DE VOLUME

COMO SE LEVANTA O NIVEL

COMO FUNCIONA O EXPANSOR

LIGAÇÕES AO APPARELHO RECEPTOR OU AMPLIFICADOR

OBJECTIVO DO CONDENSADOR

OUTRO TIPO DE EXPANSOR

CONSULTORIO DOS AMADORES

A fim de attender ás difficuldades dos amadores na solução de seus problemas technicos, fica creada esta secção por intermedio da qual procuraremos satisfazer todas as questões que nos forem confiadas pelos radio-amadores.

ESTAÇÕES DE ONDAS CURTAS AUDIVEIS NO BRASIL

Onda em ms.	Onda em kcs.	Prefixo	Localidade	Onda em ms.	Onda em kcs.	Prefixo	Localidade	Onda em ms.	Onda em kcs.	Prefixo	Localidade
13,95	21,500	WGEA	Schenectady, E. U. A.	25,30	11,830	WCBX	New-York, E. U. A.	31,12	9,640	CXA8	Montevideo, Uruguay
16,82	17,830	LRA5	Buenos-Aires, Argentina	25,31	11,550	DJP	Berlim, Alemanha	31,13	9,635	2RO3	Roma, Italia
16,83	17,820	2RO8	Roma, Italia	25,40	11,810	2R04	Roma, Italia	31,18	9,620	CXA6	Montevideo, Uruguay
16,84	17,810	GSV	Londres, Inglaterra	25,42	11,800	CB1180	Santiago, Chile	31,25	9,600	CB960	Santiago, Chile
16,87	17,780	WNBI	Schenectady, E. U. A.	25,42	11,800	JZJ	Tokio, Japão	31,28	9,590	PCJ	Huizen, Hollanda
19,56	15,330	WGEA	Schenectady, E. U. A.	25,55	11,740	CB1174	Santiago, Chile	31,32	9,580	GSC	Londres, Inglaterra
19,56	15,330	KGEI	S. Francisco, E. U. A.	25,59	11,720	ZP14	Villarica, Paraguay	31,35	9,570	CXA2	Montevideo, Uruguay
19,60	15,273	WCBX	New-York, E. U. A.	25,60	11,718	TPA4	Paris, França	31,37	9,562	OAX4T	Lima, Perú
19,61	15,300	2RO6	Roma, Italia	25,62	11,700	CB1170	Santiago, Chile	31,41	9,550	WGEA	Schenectady, E. U. A.
19,62	15,290	LRU	Buenos-Aires, Argentina	30,43	9,860	EAQ	Madrid, Hespanha	31,45	9,540	DJN	Berlim, Alemanha
19,63	15,280	DJQ	Berlim, Alemanha	30,52	9,835	IRF	Roma, Italia	31,48	9,530	WGE0	Schenectady, E. U. A.
19,79	15,160	JZK	Tokio, Japão	30,80	9,740	CSW7	Lisboa, Portugal	31,55	9,510	GSB	Londres, Inglaterra
19,82	15,140	GSF	Londres, Inglaterra	30,92	9,700	CB970	Valparaiso, Chile	31,58	9,500	PRF5	Rio de Janeiro, Brasil
25,21	11,900	CB1190	Valdivia, Chile	30,96	9,690	LRA1	Buenos-Aires, Argentina	31,80	9,440	COCH	Havana, Cuba
25,24	11,885	TPB12	Paris, França	30,99	9,680	—	Paris, França	32,10	9,345	HLB	Berna, Suissa
25,27	11,870	WPIT	Pittsburg, E. U. A.	31,02	9,670	WRCA	Schenectady, E. U. A.	48,54	6,180	LRA2	Buenos-Aires, Argentina
25,29	11,860	GSE	Londres, Inglaterra	31,06	9,660	LRX	Buenos-Aires, Argentina	48,98	6,126	CXA4	Montevideo, Uruguay
								49,32	6,082	OAZ4Z	Lima, Perú

PARA CAÇAR CORVOS

Nos Estados Unidos os caçadores de corvos estão usando ultimamente um processo que parece dar excelentes resultados. Servem-se duns artefactos de borracha, do typo balão de creança e que, uma vez cheios de ar, assumem a forma e o aspecto da coruja. Varios, cabem no bolso do collete, ás duzias.

Ora, os corvos são inimigos tradicionais — desde a fabula — das corujas. E os caçadores, para os atrahir, collocam ao alto duma estaca a ave nocturna... de borracha. Immediatamente os passaros negros — que, além de crocitar irritantemente, passam por ser de mau agouro — se precipitam sobre aquella ficção industrial; e os caçadores, commodamente installados em cadeiras de campo, só tem que fazer pontaria... e acertar.

E' sabido que Eduardo Prado, para pescar na famosa fazenda do Brejão e como lhe repugnasse pegar nãs minhocas com que se guarnecem os anzoës, mandou fazer em S. Paulo vermes de borracha, admiravelmente imitados. Apenas, para os peixes do Brejão aquella isca nada tinha de appetitosa ou tentadora. E nenhum lhe pegava. Serão os corvos norte-americanos menos desconfiados? A fabula os dava como aves essencialmente espertas e matreiras... Mas talvez, de então para cá, tenham degenerado...

O PREÇO DUM MARIDO

A enfermeira ingleza sra. Linton, que ha nove annos não tinha noticias do marido, resolveu tirar o caso a limpo. Que seria feito delle? Estaria morto ou vivo? "Vale mais soffrer um desengano que passar enganada a vida inteira" reflectiu ella. E encarregou um detective famoso de esclarecer o mysterio.

O novo Sherlock Holmes bateu o paiz, á procura do homem perdido, mas sempre conseguiu descobri-lo. E immediatamente se dirigiu á cliente, para lhe dar conta das diligencias que empregara e do resultado que finalmente obtivera.

— Quanto lhe devo? perguntou a sra. Linton.

— Quarenta libras esterlinas.

— E' de mais. Não pago.

O detective, á maneira dos criados de restaurante quando se lhes diz que a conta é exaggerada, detalhou os esforços e as despesas que o empreendimento lhe havia custado:

— Percorri 5.000 kilometros por estrada de ferro e em automovel; empreguei 270 horas em investigações difficeis...

Os madrugadores e os outros

A simples ideia de que a velha poetisa sueca se sentava á sua mesa de trabalho desde as 6 horas da madrugada, affectou-me sempre como uma verdadeira offensa pessoal. Aos que lembravam esse exemplo acostumei-me a responder com o de Balzac, que, embora sem ter ganho o premio Nobel, nunca se poz de pé antes das 3 da tarde e só começava a trabalhar depois de um lauto almoço.

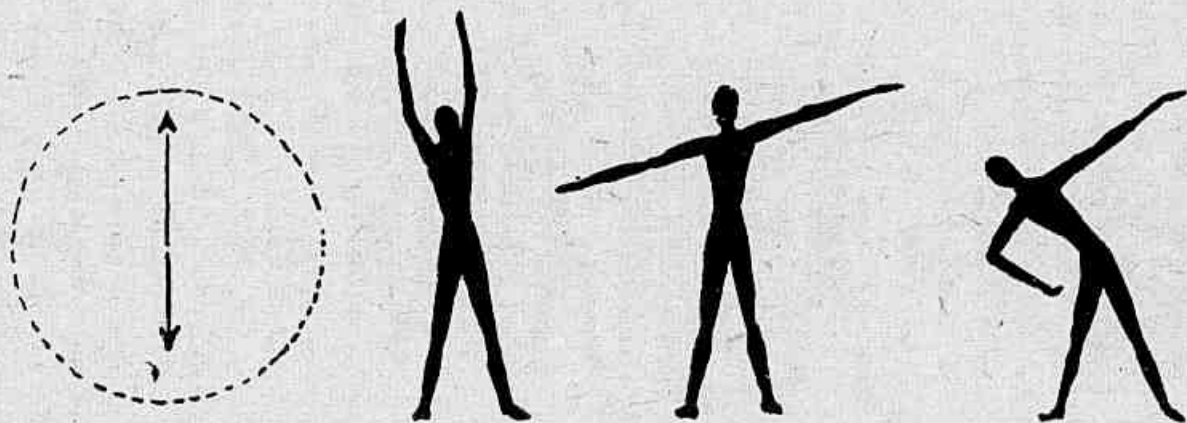
Entre os dois casos extremos existe sem duvida um meio termo. Uma cousa, porém, pode ser desde já afiançada: ha homens da madrugada e homens da noite. E taes attributos nascem com a pessoa. Se tiver sorte, haverá harmonia entre o attributo e os costumes da terra em que vive. Se não, o homem da madrugada deverá ir viver em uma terra onde todos se levantem cedo e vice-versa. No Brasil, os homens da madrugada vivem bem. Não ha hora matinal em que não se possa telephonar a um pobre christão, mesmo em occasiões onde na Europa ninguém attenderia ao chamado dessa bella e diabolica invenção.

Ha terra, porém, em que nunca se pode chegar tarde demais. Em que antes das nove da manhã nenhuma loja está aberta. São as terras onde a vida começa a pulsar com o escurecer. Não raro, nessas terras, os cinemas só iniciam seus espectaculos ás dez e meia da noite. E' claro que nessas circumstancias o dia ha de começar tarde...

O madrugador, o levantar cedo é cousa que pouco tem a ver com a educação, pois succede frequentemente que na mesma familia os differentes irmãos costumam levantar-se em horas differentes. Uns despertam com os primeiros raios de sol, e nunca é cedo demais para se erguerem. Outros só deixam entrar a luz do dia quando não têm meios de evita-la. O caracter dos primeiros é em regra o dos frios observadores. Sua vida corre facil e sem surpresas, pois são diligentes por indole.

No caso dos segundos já não se dá o mesmo. Desperdiçam prodigamente as suas manhãs e á tarde trabalham com precipitação e portanto com imperfeição. Mas a sua vida é menos triste. Gostam da hora do crepusculo, quando as primeiras luzes artificiaes apparecem e dissolvem o ruido do dia. São os intimos das trevas. Nellas buscam refrigerio para o pensamento e energia para o trabalho.

Não ousamos nem podemos julgar qual dos dois tem razão, pois o mundo offerece espaço sufficiente para todas as formas de existencia. Só queremos que não censurem demasiado a uns e elogiem a outros. Quem é culpado de nascer louro ou moreno? Dia virá, talvez, em que algum commerciante atilado saberá aproveitar as differenças de caracter entre uns e outros, se assim o permittirem as leis sociaes.



Mas a sra. Linton não se dava por convencida:

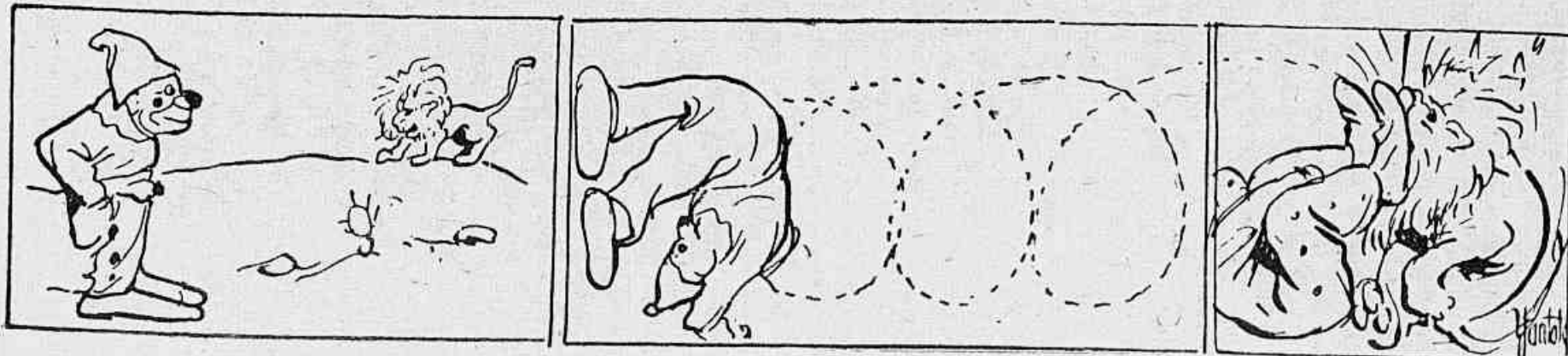
— Não pago. Não ha marido que valha quarenta libras.

— Nem mesmo o seu?

— O meu ainda menos que qualquer outro.

O caso foi levado aos tribunaes. E o

HISTORIA MUDA



BEM, LIA... ISSO... NÃO SERÁ POR CAUSA DE TEU HALITO? PORQUE NÃO CONSULTAS TEU DENTISTA?



O DENTISTA ACONSELHA

LIA, EM GERAL O MAU HALITO PROVÉM DAS PARTICULAS DE ALIMENTO QUE FICAM ENTRE OS DENTES. EU RECOMMENDO CREME DENTAL COLGATE, PORQUE...



"COLGATE COMBATE O MAU HALITO"

"A espuma de Colgate contem o novo ingrediente que penetra até ás fendas escondidas entre os dentes — as quaes os dentífricos communs não podem limpar — livra-as dos residuos de alimentos e das bacterias que são a maior causa do mau halito, dos dentes embaçados e amarellos, das gengivas molles e das caries dolorosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e sadias e o halito perfumado".



juiz do condado de Brentford, a quem coube o processo, deu uma sentença mais ou menos á maneira de Salomão: cortando a quantia ao meio. A sra. Linton foi condemnada a pagar vinte libras, mas, em pleno tribunal, protestou com vehemencia:

— E' uma iniquidade, sr. juiz! bradou ella. — Não ha marido que valha vinte libras!

O magistrado, sem se desconcertar e com um leve sorriso, replicou:

— A senhora pode falar do seu. Dos outros maridos falarão as outras esposas. — E, dirigindo-se á assistencia, perguntou: — Não haverá ahi alguma senhora que dê maior valor ao seu marido?

Mas nenhuma respondeu.

PAGINA das CRIANÇAS



As alunas e diretoras do Orfanato Pedro Richard, em Jacarépaguê, estiveram em visita á sucursal no Rio da Associação de Imprensa Periodica Paulista. As visitantes foram saudadas pelo nosso confrade dr. Manoel Lavrador, tendo pronunciado palavras de agradecimento a diretora do Orfanato.

TRES FOLHAS DE PAPEL

Os nossos pequenos leitores não darão, com certeza, importância nenhuma a uma folha de papel, a não ser que nella esteja impressa uma importância que valha dinheiro ou uma ordem de pagamento. Os lixeiros, quando a apanham na rua, mettem-n'a logo no sacco, juntamente com o lixo. Mas aqui vai um caso curioso.



Kilza, filha do casal Aristeu R. Pereira e d. Anesia de S. Pereira.

Vivia no fundo de uma sórdida avenida da cidade, um velhote, o qual sahia muito cedo de casa, onde morava sózinho e voltava tarde, para não mais sahir. Os garotos o respeitavam, alguns tinham até medo d'elle, mas como sorria, ás vezes, ao passar pelas creanças, estas não o molestavam. Diziam que era avarento, mas os avarentos não se vestiam com certa decencia como elle. Chamava-se Venancio e sua idade orçava pelos 60 annos, embora seus cabellos estivessem quasi de todo brancos.

la terminar o anno e o Venancio ficou varios dias sem sahir, o que despertou a attenção dos visinhos. Estava doente.



O Club Municipal festejou o advento do Natal com a realização em sua séde, na Cinelândia, de animada e concorrida *matinée* infantil.



Os irmãosinhos gêmeos, Airtón e Milton, filhos do sr. Alcides Silva e d. Maria dos Santos Silva.

Ninguém o visitava, a não ser uma mulher que lhe prestava alguns serviços. Tres garotos, que haviam sympathisado com o Venancio e que não o viam apparecer souberam pela mulher que elle estava doente e, sem mais nada, foram visital-o, o que muito commoveu o bom velho. Ao se despedirem, tomou elle tres folhas de papel, escreveu alguma coisa em cada uma e as distribuiu aos garotos, dizendo: — Fico muito grato a vocês, meus filhos, pela visita. Guardem estas folhas de papel, mas não as desdobrem, para saber de que se trata. Quando eu mandar, então vocês farão o que nellas eu mando. Promettem?

Os garotos prometteram. Quatro mezes se passaram e o velho, em agonia, mandou chamar os tres garotos, aos quaes murmurou, já com um fio de voz:

— Meninos, quando eu morrer, poderão abrir os papeis que lhes dei.

E fechou os olhos para sempre. Deixara suas economias, uma respeitavel quantia, aos tres garotos, pedindo apenas que elles lhe puzessem sobre o caixão uma cravina que haviam plantado no vaso de sua janella.

Esses tres garotos nunca esquecerão o dia em que resolveram fazer uma visita ao bom Venancio, quasi sob a galhofa dos companheiros.



Airtón, filho d- sr Horacio Cerreia e d. Alice Barreto



Sergio, filho do sr. Amaldo Lima e d. Odette Lima.

AS INVENÇÕES DE LEVABRECK



Narciso Azul
de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO
PEQUENO Nº 1504
GRANDE Nº 1517

PO Nº 1550

LOÇÃO
Nº 1575
Nº 1576

COLÔNIA
1 Lit. Nº 1531 1/4 Lit. Nº 1533
1/2 Lit. Nº 1532 1/8 Lit. Nº 1534

Nº 1533-F
Nº 1534-F

BRILHANTINA
Nº 1512

Nº 1513

Distribuidora: PERFUMARIA LOPES, Rio - S. Paulo



Na residência do dr. Anísio de Sá, em redor da Arvore de Natal, reuniu-se o mais galante e alegre grupo de convivas, animado pessoal que difficilmente pôsou para esta nota graphica.

ANECDOTAS

Historias escocesas — E' um facto bem sabido que os Ingleses estão sempre trocando da avareza dos Escoceses: tem tantas aneddotas sobre esse agarramento como em França sobre a gabolice dos Marselhezes.

Mac Donald, o conhecido politico do partido trabalhista, é Escocês, e conservou sempre a pronuncia escocesa. Como lhe perguntassem um dia qual a razão por que os Escoceses nunca perdiam o sotaque, respondeu elle:

— O Escocês não gosta de perder nada, nem mesmo seu sotaque!

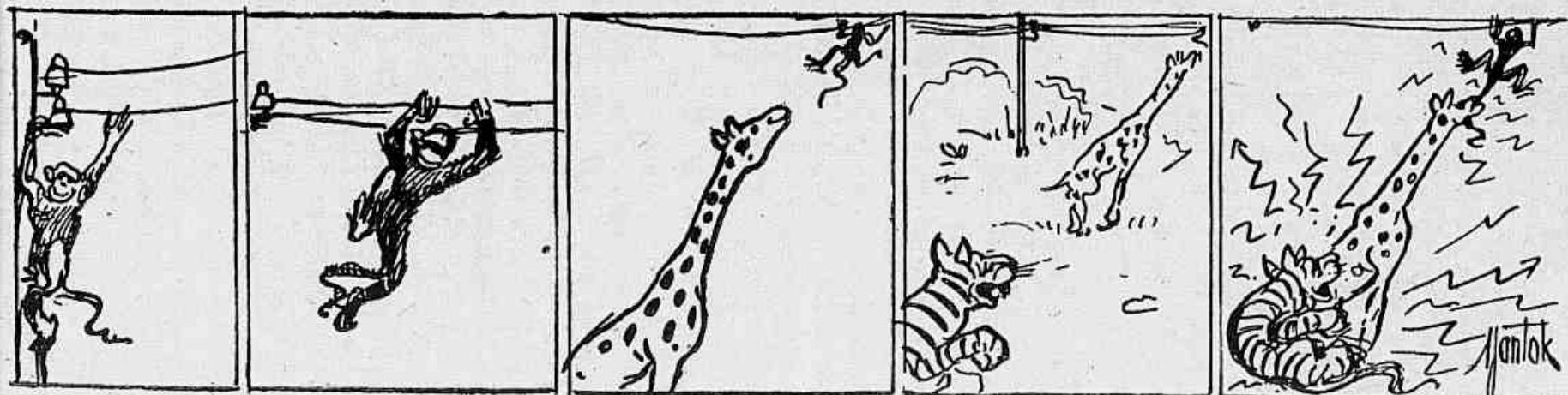


Belkis, filha do capitão Armindo Pinheiro Couto e d. Branca de Oliveira Couto.

PARA CRIANÇA DENTISTA

Dr. Willmersdorf especialista. Ex-assistente do Dr. Plínio 22-5596.212. Tel. Rio Branco, sala 128, Sena. v. Hora 20\$. Segundas, Quartas e Sextas-feiras.

TRAGEDIA NA AFRICA



Durante o verão

(Cuidados hygienicos)

Durante o verão é preciso redobrar de cuidado com a alimentação das crianças.

A regra geral para a alimentação nos lactentes é a seguinte: "o leite materno é insubstituível das crianças até 6 meses de idade". Esta regra deve ser difundida entre todas as mães, para que a sigam, rigorosamente, a bem dos filhos. Como se sabe, ainda ha muitas mães que dão aos bebês bolachas, pedaços de pão ou de banana ou mesmo as taes "bonecas" embebidas em agua com assucar, causadoras de fermentações e desordens gastro-intestinaes.

As crianças até 6 meses, além do leite materno, só devem receber colherinhas de agua fervida e de caldo de laranja, duas vezes ao dia. Quando a mãe tiver pouco leite, deverá consultar um medico pediatra sobre a melhor maneira de alimentar o filho. Se fossem observados estes cuidados, não morreriam tantas creancinhas! No caso de se manifestarem desordens gastro-intestinaes, indicam-se, além do regimen alimentar, os caseinatos de calcio e o Eldoformio da Casa Bayer, os quaes corrigem as defeccões liquidas ou semi-liquidas, combatem as fermentações e defendem as mucosas intestinaes das irritações.

Bons conselhos

A arte de dizer não

Para desanimar um vendedor que insiste, saber apoiar o "não" numa razão peremptoria: não possuo meios; o sr. tem um concorrente na minha propria familia, etc. Deante da perspectiva de esforços seguramente inuteis, deixarão em paz.

Com delicadeza saber dizer não aos pedidos de dinheiro, quando não se tem os meios para ser caridoso. Suavisar o mais possivel a recusa. Quantas pessoas incomodadas por não poderem dar, são desagradaveis e impolidas na sua recusa!



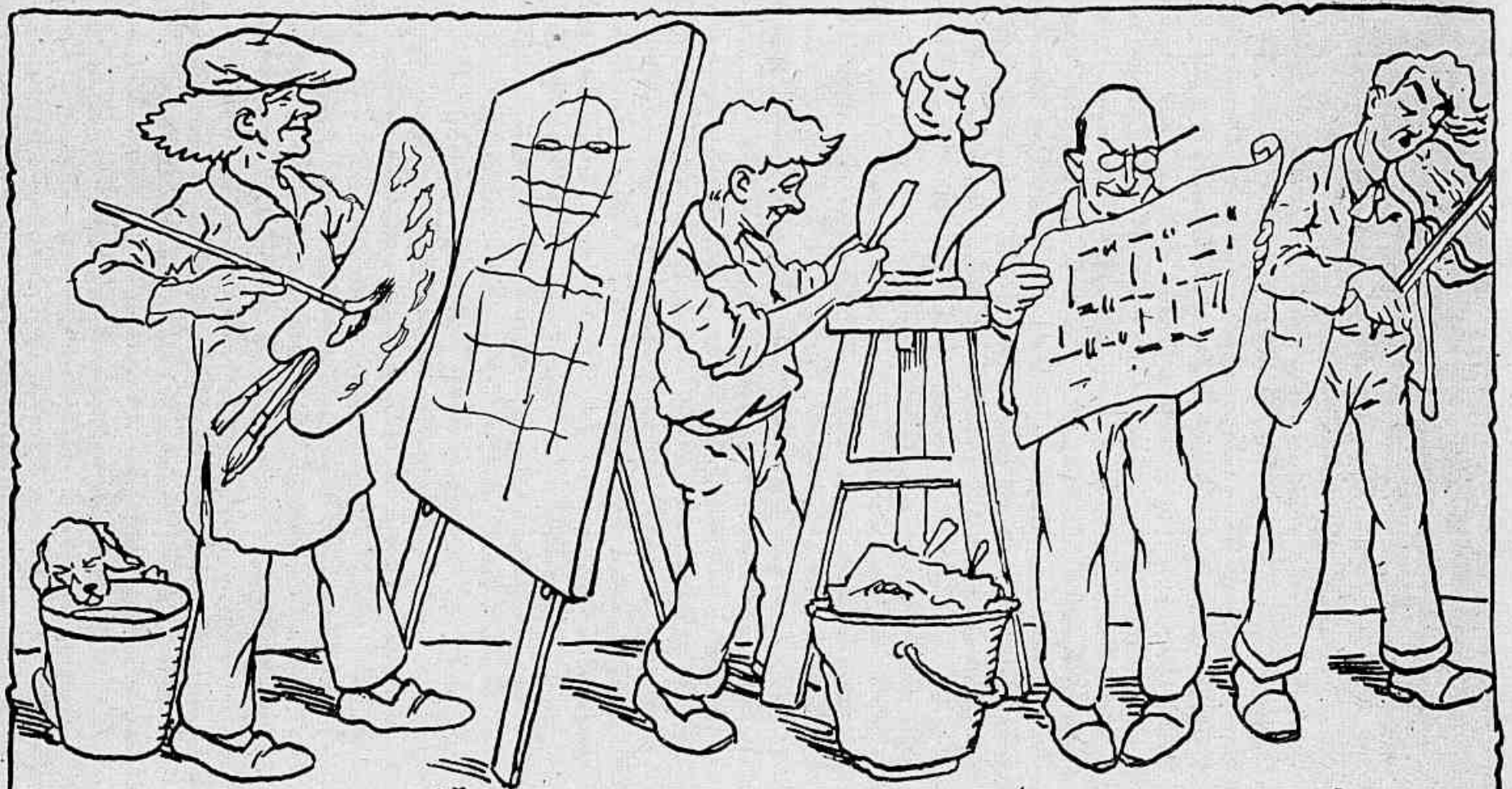
O artista

Por mais habituado que esteja a exhibir-se em publico, o artista de teatro experimenta um certo nervosismo sempre que tem de estreiar uma peça ou apresentar-se diante de uma platéia desconhecida. O remedio é simples: um ou dois comprimidos de ADALINA, tomados alguns minutos antes de entrar em cena, bastam para acalmar os nervos excitados, evitando o "trac", como denominam o medo do artista diante do publico. ADALINA não oferece perigo a orgão algum.

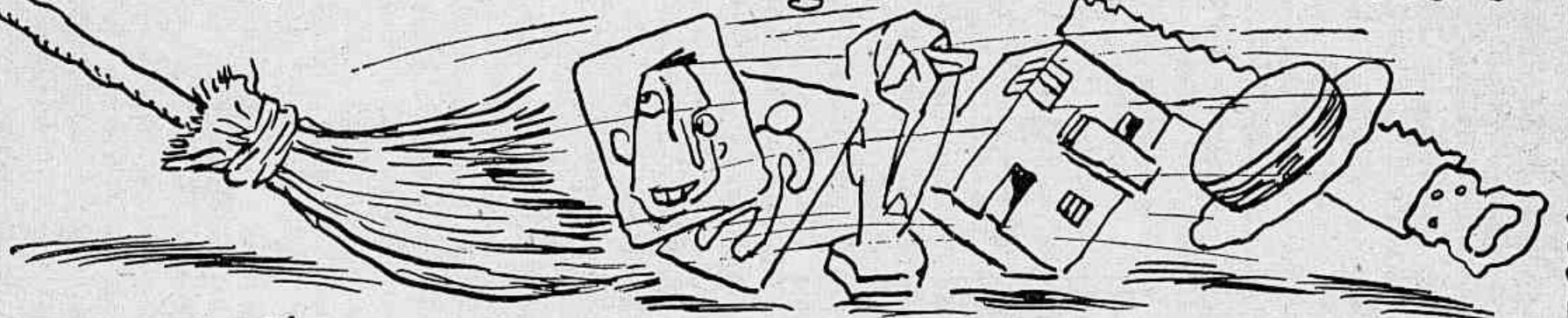
ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Vida Nôva...



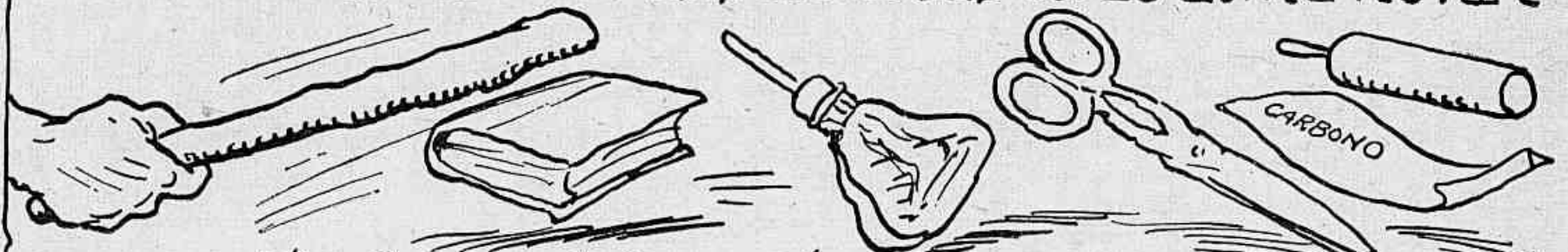
As Bellas artes seguirão bom caminho e



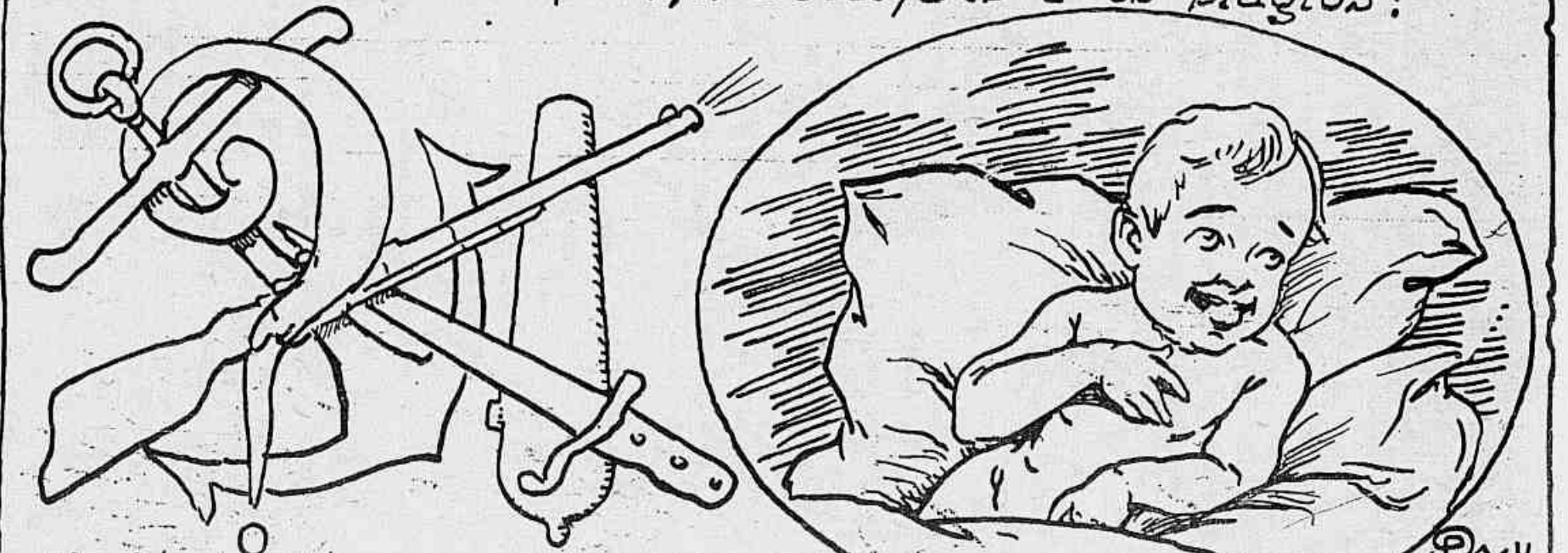
varrerão os manipanços e mamartáchos?



As letras e as sciencias terão alma nova e



enxotarão as cópias, os decálques e os plágios?



A situação do mundo terá vida nova?

-só esta!

SANTOS DA SEMANA

11 Santo Theodosio, o Cenobiarcha. Nasceu em 423, na Cappadocia (Asia - Menor). Superior dos Cenobitas da Palestina, visitou S. Simeão Stylita e fundou um mosteiro celebre em Bethlem. Morreu em 529, com cento e cinco annos de idade.

— Santa Honorata. Virgem. Irmã de Santa Epi-
phania, que a consagrou em 471. Morreu em 500,
mais ou menos.

12 Santa Arcadia. De uma illustre familia de Cesaréa — hoje Kaisarieh — cidade da antiga Cappadocia, entregou-se á solidão. Durante uma perseguição, apresentou-se espontaneamente ao juiz para confessar sua fé. Condemnada ao supplicio, foi cortada em pedaços (seculo III).

— Santa Taciana. Christã de Roma que, tendo pelas virtudes de suas orações feito ruir os idolos, teve o corpo dilacerado por unhas de ferro; foi depois entregue ás feras que nenhum mal lhe fizeram e, por fim, decapitada em 227.

13 Baptismo de N. S. Jesus Christo. — Anniversario do baptismo de Nosso Senhor Jesus Christo no Jordão, por S. João Baptista.

— Santa Vivencia. Discipula, segundo certos autores, de Santo Hilario de Poitiers (seculo IV). Suas reliquias foram transportadas para o mosteiro de Vergy no seculo X.

— Santa Veronica de Binasco. Nasceu em 1444. Admittida nas Agostinhas de Santa Martha, em Milão, aprendeu, sem mestre, a ler e escrever e serviu de exemplo a suas companheiras, pelo fervor. Soube, por uma revelação, a hora de sua morte e expirou em 1497.

14 Santo Hilario. Doutor da igreja. Nasceu, ao que parece, em Poitiers, por volta de 315. Converteu-se pouco depois de seu casamento, tornou-se bispo de Poitiers e foi exilado por medida do imperador Constancio. Voltando a sua diocese, ali morreu em 367 ou 368.

— Santa Macrina, a Antiga. Mãe de S. Basilio, o Antigo, e avó de S. Basilio, o Grande. Foi convertida por S. Gregorio, o Thaumaturgo. Sob Maximino, soffreu cruelmente. Enviuvando, morreu perto de Neocesária, pelo meado do seculo IV.

15 São Paulo. Primeiro eremita. Nasceu em 229, de paes abastados, na baixa Thebaida. Perseguido por Decio, retirou-se para uma caverna; Deus lhe mandava todos os dias a metade de um pão por um corvo. Pelo fim de sua vida, foi visitado por Santo Antão, e morreu em 342, com cento e treze annos.

— Santa Tarcisa. Virgem. Parenta, possivelmente, de Clotario I, viveu solitaria, perto de Rodez. Morreu por volta do anno 609.

16 São Marcello. Padre da igreja romana, eleito papa em 308. Não occupou a Santa-Sé senão um anno. Perseguido por Maxencio, morreu, esgotado pelos soffrimentos, em 309.

— Bemaventurada Graça. Virgem da Hespanha, de grande caridade. Morreu em Valencia, em 1616.

17 Santo Antão, o Grande. Nasceu em Come, no Alto-Egypto. Retirou-se para o deserto após haver distribuido seus bens. Depois de ter fundado varios mosteiros, recebeu, na solidão, a visita de São Paulo, o primeiro eremita, a quem deu, ao morrer, as honras da sepultura. Morreu em 356, com cento e cinco annos de idade.

— Santa Yolanda. Virgem romana, martyrisada por haver prestado os ultimos deveres ás victimas das perseguições. Recusando a apostasia, foi decapitada em 169.



O marido: — Mas, minha querida, seja razoavel! Você quer que eu vá lá em baixo apanhar o ladrão... Eu o apanho... E onde é que iremos mettel-o?

sedução feminina se completa e se valoriza com o suave colorido das faces e o acento prodigioso dos labios! Aumente o fulgor de sua beleza usando o

ROUGE e o BATON
Lalaque

Com "LALAQUE" sua boca ficará maravilhosa, seus olhos fulgirão com mais harmonia, aumentando a fascinação do seu rosto.

ROUGE e BATON
Lalaque

Distribuidora:
PERFUMARIA LOPES,
RIO - S. PAULO

No. 1411
No. 1410
No. 1460

T. TARQUINO

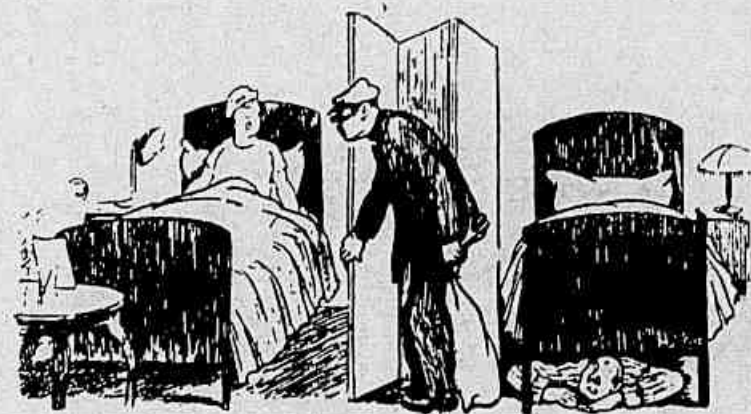
PENSAMENTOS

Todos aquelles que no soffrimento erguem os olhos mais alto que a terra teem força para supportá-lo.

P. Bourget

Dizem que é melhor um desgosto que o tédio. É uma triste verdade. Uma alma bem formada encontra no desgosto, qualquer que elle seja, energia e coragem. O tédio pelo contrario corrêe e destrôe o homem; o espirito entorpece-se, o corpo immobilisa-se e o pensamento fluctua ao acaso. Não ter mais uma razão de viver é um estado peor que a morte.

A. de Musset.



— E's tu, Juca?
— Não, senhora. Sou eu. Juca está em baixo da cama.

Ephemerides da semana

11 de Janeiro — Morre o Marquez da Praia Grande, economista (1827). Morre o poeta e patriota M. C. de Almeida e Albuquerque (1834).

12 de Janeiro — Morre a catechista Damiana Cunha (1831).

13 de Janeiro — Morre o politico Felix Peixoto de Brito e Mello (1878). Supplicio de frei Joaquim do Amor Divino Caneca, figura notavel da Confederação do Equador (1825).

14 de Janeiro — Secularização dos cemiterios (1890). Morre o Barão de Melgaço, official de Marinha, geographo (1880).

15 de Janeiro — Morre o conego, prof. J. Caetano Fernandes Pinheiro (1876). Morre o diplomata e historiador A. M. Vasconcellos de Drummond (1865).

16 de Janeiro — Morre o philologo Francisco Sotero dos Reis (1871). Morre o patriota Antonio Muniz Barreiros (1643).

17 de Janeiro — Morre o general Hilario Maximiliano Antunes Gurjão (1869). Morre o medico Antonio Dias Ferraz da Luz (1865).



O viajante (indignado, para o dono do hotel):
— O senhor não está entendendo o que lhe digo? Eu telegraphiei, mandando guardar quartos...

LIVROS NOVOS

FAZENDA, romance de Luis Martins — Editora Guisira, Curitiba — S. Paulo-Rio, 1940



Não diremos que este livro encerre o drama do café, outros em análogas condições obedeceram à intenção de constituir o drama do cacau, da canna de açúcar, do algodão... O sr. Luis Martins abordou o assumpto da crise declarada na principal riqueza paulista, mas forçosamente, pela exigência mesma do romance, teve que se restringir a certo meio e certas personagens. Mesmo depois dos reclamos editoriais relativos à amplitude e alcance da sua obra, insensato seria esperar d'elle um estudo de conjunto do problema formidável. Em trabalho doutra natureza o próprio sr. Luis Martins nos mostraria certamente todas as faces e pormenores da questão, as causas, as imagens actuaes, as previstas ou presumíveis consequências de amanhã. Desde, porém, que a sua tarefa consistia em nos dar um romance, outra deveria ser a nossa expectativa, para o gosto razoavel de a vermos satisfeita.

O que *Fazenda* effectivamente nos dá é o drama dum fazendeiro. E, a rigor, dum falso fazendeiro. O protagonista João Paulo é por completo destituído da vocação, da inspiração do agricultor. Formou-se em medicina antes de ir tomar conta da propriedade que lhe viera em dote da esposa. Não era, porém, o grau de doutor nem a falta do aprendizado agrário que o prejudicavam no empreendimento de amanho e explorar a terra. O maior impedimento ao seu bom exito dentro d'elle próprio se erguera. Francamente se lhe declarara a negação para aquillo. Tudo lhe repugnava ou o affligia. A serenidade dos crepusculos e a doçura das noites da roça respondiam às suas contemplanções, às suas meditações, com uma espécie de hostilidade muda, invisível, inimaginável e por isso mesmo mais temerosa. Por mais que desejasse penetrar-se de esperança, o que realmente o invadia eram ameaças sobre ameaças, enquanto se não desencadeava a positiva catastrophe. Nem o amor da esposa nem o riso da filha o desanuviavam daquelle pesadelo feito de nostalgia arrependida e trágicos presentimentos. E, praticamente,

não tinha jeito de mandar, não sabia impellir os indolentes nem punir os deshonestos; e jamais aprenderia a arte, sobretudo instinctiva, de amassar o pão de cada dia e o barro do edificio da prosperidade com o suor do rosto alheio.

Todas as fazendas soffriam da situação determinada lá longe, nos mercados, pela oferta e a procura que tinham deixado de se entender; na de João Paulo, porém, mais que em qualquer outra se fazia sentir o conflicto distante. Porque o seu torrão produzisse peor que os outros e assim a relatividade das competencias o desmoralisasse? Não. Elle, João Paulo, é que se collocara no peor lugar entre os fazendeiros.

O pobre doutor vende agora a colheita dos seus cafezaes aos visinhos que abusam da sua necessidade, velhaqueiam com elle, depois lhe fazem imposições assustadoras e finalmente o esfolam. João Paulo vê-se caminhar para a ruina absoluta. E cada vez odeia mais a fazenda — que não tem culpa de tal desastre. Tanto assim que, mal elle a passa — por prego infimo, está claro — a um taberneiro para tudo o mais estúpido e sem preparo, logo aquelle "negócio" entra a animar-se, a produzir, a dar lucro. Com "seu" Jesuino por heroe, o drama do café se converte em comédia, em comédia satyrica. "Seu" Jesuino, quasi analfabeto, perfeitamente bogal para o resto das coisas da vida, sobe às culminancias que a fazenda pode proporcionar. Faz-se venerar pelos pobres, temer pelos humildes; impunemente deshonra as familias e despacha as moças suas victimas para a prostituição; faz-se acceitar para marido pela moça mais prendada, mais fina daquelles sitios; vae enriquecer deveras; triumpho em toda a linha. E por essa altura João Paulo, que não poudo voltar a ser médico nem a fazer qualquer coisa de energico ou sério na vida, deixa-se findar em S. Paulo pelo subito amor ao alcool, pela entrega a todas as dores e todas as misérias.

Como se vê, o romance de Luis Martins offerece em João Paulo e Jesuino um contraste curioso de caracteres, uma especie de luta entre duas individualidades, na qual a mais elevada e mais sympathica é vencida pela outra. Questão de força, questão de armas que um possuía naturalmente e o contendor não soube adquirir. Outros tipos nos desenha o autor, estes impressionantemente pittorescos, como o velho negro Damião, relaxado e relapso, sempre bêbedo, fazendo resoar pelos ermos uma busina rustica e findando entranhado no matto, semelhante aos bichos e pouco mais que as plantas até se perder na confusão da terra que tudo cria e tudo consome. O estilo do sr. Luis Martins, de singular desenvoltura e colorido, vae do poético ao caricatural, dum a outro extremo. Ora descreve, como intensidade e subtilidade de expressões puras, ora paródia, servindo-se das mesmas palavras e das mesmas phrases que constituem a verdade crua e tosca dos dialogos caipiras — e não vale, por isso, a pena indicar de que modos, por toda a obra, soffre a legitimidade do idioma e os preceitos da syntaxe são postergados. No fundo o sr. Luis Martins é um destes artistas que quasi têm o direito de abandonar as leis e as regras, por haver provado que as aprendeu e ainda quando quer as observa correctamente. Talvez tambem faça aquillo... para variar. E na verdade aquellas mudanças duma pagina para a outra, dum periodo para o outro, arremessos de diversidade, que a principio nos escandalizam, estabelecem a certa altura como que uma fórmula original, um elemento forte de interesse que nos conduz até ao fim do livro.

FRAGMENTOS DA VIDA, contos de Marúcia de Oliveira — Getulio M. Costa, editor, Rio de Janeiro, 1940.

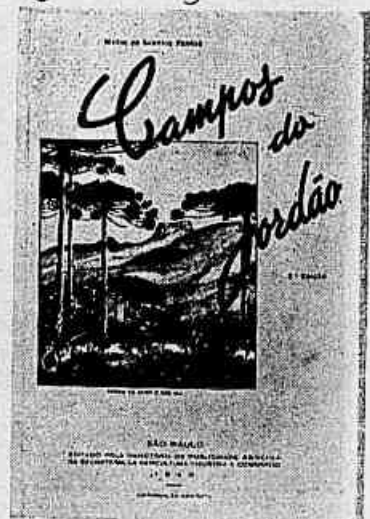


Não sabemos se é um livro de estreia. Nem nos interessa muito averiguar esse ponto. Basta-nos assignalar, sem nenhuma duvida, nenhuma hesitação, as suas qualidades dignas de louvor. A sra. Marúcia de Oliveira dispõe de preciosos dotes de observadora e psychóloga. Sabe ver e reproduzir as verdades exteriores; sabe penetrar e interpretar certos segredos de certas almas. Nos seus contos passa uma série de amores femininos, mais ou menos compreendidos, mais ou menos correspondidos. Essas heroínas realmente nos communicam os seus sonhos e as suas reaes emoções — mesmo quando as duas coisas se confundem nos tumultos e nas reviravoltas da paixão. Eis o que define o livro e já comporta incontestavel elogio.

Abre o volume uma carta datada de 1933, que se refere com entusiasmo a um conto da sra. Marúcia de Oliveira e é assignada por Medeiros e Albuquerque.

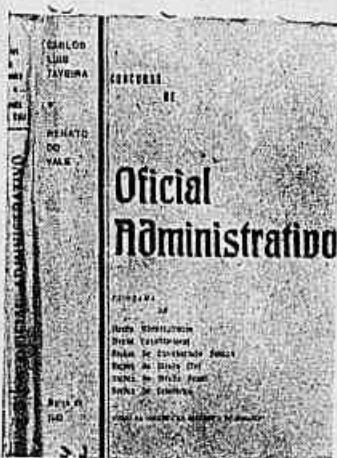
CAMPOS DO JORDÃO, monographia de Mário de Sampaio Ferraz — S. Paulo, 1940.

Vae já na 3.^a edição este livro mandado imprimir pela Directoria de Publicidade Agricola da Secretaria de Agricultura, Industria e Comércio do Estado de S. Paulo. Não se trata exclusivamente duma obra de propaganda. O autor explica, antes de mais nada, os motivos de consideração pessoal, de affectuosa admiração que o levaram a empreender o estudo amplo e rigoroso daquelle região abençoada. Foi sob a injunção amiga do sr. Emilio Marcondes Ribas, a quem qualifica um dos maiores beneméritos da terra paulista, que o sr. Mario de Sampaio Ferraz desenvolveu e systematizou as suas primeiras impressões de turista e amator de panoramas. Ellas lhe haviam suggerido ligeiras chronicas; depois lhe serviram para muitas páginas descriptivas, em que Campos do Jordão se nos revela na grandiosidade dos seus scenários, na preciosidade duma situação e dum clima deveras excepcionaes. Tudo o que se relaciona com a estancia magnifica se acha nestes capitulos historiado e commentado com uma precisão e uma clareza que nada deixam a desejar. E não faltam os documentos officiaes, os dados estatísticos, bem como as lindas photographias, para completar o interesse do livro do sr. Sampaio Ferraz.



para completar o interesse J. L.

CONCURSO DE OFFICIAL ADMINISTRATIVO, por Carlos Luis Taveira e Renato Valle — (Rio-1940)



Na epocha em que se succedem os concursos orientados pelo D. A. S. P., os livros como o de que vamos tratar teem uma inequivoca oportunidade. Os autores, dois altos funcionarios, teem no trato antigo da burocracia elementos inestimaveis para o prestigio das suas realizações. O sr. Carlos Luis Taveira é, alias, autor de varios volumes, e entre estes alguns que entendem com o serviço publico, como "Correios e Telegraphos" e "Roteiro".

O volume que recebemos — Concurso de Official Administrativo — é a consubstanciación de tudo o que exigem os programas desses prelios de conhecimentos. Utill portanto a todos os que aspiram a um cargo na administração publico. O livro comprehende os programas de Direito Administrativo, Direito Constitucional, Noções de Contabilidade Publica, Noções de Direito Civil, Noções de Direito Penal e Noções de Estatística.

Breve, conciso, elaborado com criterio, o livro dos sr. Carlos Taveira e Renato Valle merece os melhores elogios e terá, certamente, o mais franco acolhimento.

Entre Paris e Hollywood

● Paris cria, Hollywood exhibe! Paris legisla, Hollywood sanciona. Num centro e outro as damas elegantes usam fina lingerie de seda. Valisère é a lingerie das damas que trazem a elegância desde o berço. A satisfação que seu uso proporciona, reflete-se no conjunto poético e sedutor da mulher bem vestida.

LINGERIE
Valisère
CONTACTO QUE É UMA CARICIA

PANAM

DESFILE DE SOMBRAS AMADAS, por Heitor Beltrão — (Rio—1940)



A Federação Tachygraphica Brasileira fixou o discurso que o sr. Heitor Beltrão, nosso collega de imprensa, pronunciou de improviso no Auditorio da Casa do Jornalista em 13 de Maio de 1940. Nessa esplendida peça oratoria, ora publicada em elegante volume, o 1.º vice-presidente da A. B. I. fez o elogio dos collegas fallecidos em 1939. **Desfile de Sombras Amadas**. Que titulo suggestivo! Amadas, em verdade, tal o carinho com que o orador as evocou, traçando perfis, fazendo syntheses de vidas, biographando electricamente, sempre porém com magnifica eloquencia e com uma alta expressão de ternura no relembrar aquelles que consagraram apreciaveis porções da existencia ás lides asperas da Imprensa.

O sr. Heitor Beltrão é uma figura de accentuado relevo no jornalismo indigena. O seu talento, entretanto, não se afirma apenas no que escreve: impõe-se, victorioso, principalmente, no que diz. E bem sabe dizer. Eloquente, imaginoso, vibratil, cheio de alma, é um orador que prende e encanta. Evocando os companheiros de imprensa que se foram para sempre em 1939, o brilhante confrade soube, dentro da sinceridade, ser emotivo, e para aquelles que não tiveram o prazer espiritual de ouvi-lo, a publicação do **Desfile de Sombras Amadas** será um breviario da saudade, através de cujas paginas cheias de sensibilidade resurgem os vultos dos batalhadores que tombaram e que bem merecem a ternura e a recordação dos que ainda batalham.

O. T.

ONDE O MUNDO SE DIVERTE — Mello Barreto Filho. — Edição da Casa dos Artistas. — Typographia Gloria. — Rio.— 1940.

O escriptor Mello Barreto Filho, theatrologo e autoridade official com aturado tirocinio dos problemas e realisações dos circulos artisticos e do recreativismo em geral, no Rio de Janeiro, nosso antigo e brilhante collega de imprensa, vem de fazer publicar com este titulo uma obra de caracter inédito na bibliographia brasileira. **Onde o mundo se diverte** é alguma coisa de mais completo ainda do que as celebradas edições de "Le Tout-Théâtre", de Paris, que René Maizeroy apresentou, por isso que cogita de teatro, cinema, radio-difusão, musica, **dancings, cabarets, sports, carnaval, clubs de amadores, casinos, inspecção, regulamentos e policiamento das diversões.** O volume — editado pela Casa dos Artistas na Typographia Gloria — nas suas duzentas paginas em grande formato consta de achegas historicas, aneddotario, notas e ephemerides, dados artisticos, etc., etc., tudo colligido, organizado, disposto e redigido com um criterio e clareza admiraveis.

O autor, homem de letras e homem de leis, offerece com o tomo agora exposto nas livrarias de todo o paiz o mais indispensavel trabalho de consulta para a estante dos secretarios, administradores, empresarios theatraes e gerentes de estabelecimentos de diversão assim como dos directores de entidades sportivas, e a Casa dos Artistas promovendo a edição do livro de Mello Barreto Filho desincumbe-se de uma de



Desinteresse



Sua mãe não pode compreender porque elle não manifesta interesse por cousa alguma. No collegio nunca é dos primeiros. Não faz amizades. E' o tudo indifferente. O medico da familia descobriu que era outro caso de "prisão de ventre insuspeito", prescrevendo um côpo diario de ENO — o sal effervescente de acção suave e segura. O "Sal de Fructa" ENO não contem drogas ou saes mineraes irritantes sendo, portanto, totalmente benefico á saúde. É o remedio mais natural para recuperar a saúde e a vigor.

ELLE
PRECISAENO
"SAL DE FRUCTA"

... "LABIOS cheios de encanto" ...

... Uso Baton Colgate porque deixa os labios cheios de encanto.

... Assim dizem milhares de lindas moças brasileiras!



SIM! Labios femininos são lindos, por natureza!... Mas veja: quer fazel-os mais expressivos... cheios desse colorido natural e encantador da mocidade? Então... embelleze-os com Baton Colgate! O Baton Colgate é feito com *Karanuva*, o sensacional emolliente embellezador dos labios! Por isso é que o Baton Colgate faz os seus labios mais cheios de vida e de uma côr seductora, dando-lhes *aquella* belleza, maciez e irresistivel seducção, que os homens tanto apreciam...

... E complete a harmonia de seu rosto com Rouge Colgate.

BATON e ROUGE
COLGATE

suas finalidades precipuas como órgão de controle e orientador dos profissioaes do palco e classes annexas.

É um livro tão original e suggestivo como util e ameno, e representa avaliavel copia de esforços, illustração, experiencia e dedicação a esses complexos assumptos.

Onde o mundo se diverte é, sem duvida, o mais interessante livro que poderia ser dedicado aos sectores da vida mundana.

Mello Barreto Filho e a Casa dos Artistas estão de parabens pelo apparecimento de **Onde o mundo se diverte**. R. G.

PLANTAS PARA EXPORTAÇÃO

O sr. Clarence E. Wilson, de Manchester, Estado de Connecticut, imaginou um processo de acondicionar plantas vivas para serem transportadas a grandes distancias e até enviadas para o extrangeiro. Num recipiente cylindrico, feito dum papelão especial, colloca a planta, ainda pequena, com as raizes introduzidas numa bola de terra. As paredes interiores do recipiente ao redor desse torrão são forradas duma especie de lona impregnada dum fertilizante chimico. E na parte superior ajusta-se uma tampa transparente que filtra a luz e permite que os compradores vejam a planta.

Para a collocar no seu jardim, o comprador corta a tampa do cylindro com uma lamina que acompanha cada pacote e faz alguns orificios dos lados, para que a planta receba a humidade necessaria. Mette então o papelão em agua durante alguns minutos; e finalmente introdu-lo na terra onde acaba de se desfazer, deixando as raizes livres para crescer e se estender.

MICROSCOPIO PODEROSO

Os jornaes norte-americanos trazem a noticia dum microscopio lançado pela empresa Royal R. Rife, de San Diego, California, e de que se dizem maravilhas.

Esse aparelho permite que se distinguam e perfeitamente se observem germens até agora invisiveis. Mede 60 centimetros de altura. Para se evitar a deformação da imagem, não passa esta

pelo tubo de ar até agora usado nos microscopios, mas sim através de prismas de quartzo.

O aparelho compõe-se de 5.682 peças e pesa 90 kilos.

SUBDITOS INGLEZES

Quando se fala do Imperio Britannico toda a gente naturalmente pensa nos grandes dominios como Canadá, Australia, Africa do Sul. Ninguém se lembra de citar, por exemplo, os Damaranes, curiosa raça que povoa as margens de alguns rios da Bechmanalandia, na Africa, e que igualmente faz parte do Imperio.

Os Damaranes vivem em casernas e fogem á vista de qualquer extranho. Outros subditos britannicos pouco conhecidos são os habitantes das ilhas Belcher ou ilhas "Mosquitos". Situa-das na bahia de Hudson e cobertas de neve a maior parte do anno, essas ilhas attrahem tantos mosquitos como qualquer região pantanosa do Equador.

O recanto mais solitario, talvez, do Imperio Britannico, é um lugar situado a 320 kilometros ao sul de Bombaim. E' conhecido pela denominação de Vengurla Rocks. Por causa das ventanias que alli reinam mezes seguidos, no verão, os habitantes não vêem durante todo esse tempo uma só pessoa extranha á terra. Só no inverno as embarcações se podem approximar de taes paragens. Em Vengurla Rocks o solo é pedregoso, ingrato a qualquer lavoura. Em compensação abundam por ali extraordinariamente as ostras.

Uma noite destas que nem é bom lembrar

Por Elóra Possólo Chaoúl

Era hospede da Fazenda de Samambaia, em Cascatinha, a vinte minutos de automovel de Petropolis. Hospede da hoja chamada "Casa Grande", pois que a dona se fez uma pequena e mais moderna. A denominação lhe vae bem, porque realmente é grande com as suas espaçosas salas, os seus onze quartos e um enorme porão.

Construção antiga, feita de grossas madeiras de lei e ainda, segundo o que contam, pela mão dos escravos. Nada de um Graça Couto ou de um Freire Sodré, nem na sua fachada branca, onde as janellas se abrem nem sempre muito fieis ás regras da symetria, nem na sua planta interna. Mas um agradável conforto, amplo e simples.

A Fazenda de Samambaia! Devo-lhe muitas recordações! Entre ellas, a do meu casamento, na pequena capella, aberta para a varanda. Casei-me no mez de Março, no mez em que lá estão floridas as paineiras, para a festa colorida da natureza. Ellas vestem-se sempre de côr de rosa. E ficam lindas. E o chão, em redor, atapéta-se das flores cahidas... E' o mez tambem das borboletas azues, umas borboletas gigantescas, como só vi em Samambaia.

Mas tudo isto não vem ao caso. Apenas a Capella em que me casei. Porque, neste tempo, solteirissima ainda, puzeram-me num quarto que lhe ficava perto e isolado com-

pletamente da outra ala de quartos. Entre o dormitorio que me fôra destinado e ella, uma diminuta sala, que servia de sacristia ao franciscano que, aos Domingos, lá lá dizer missa. Duas portas: uma do meu quarto para esta, outra desta para a capella, estabeleciam uma comunicação entre nós tres.

De dia o meu quarto era muito alegre. Uma ameixeira, quasi á janella e millionaria do ouro das suas ameixas maduras, attrahia os passarinhos, que pagavam-lhe em trinados a generosidade das refeições. Enquanto as abelhas davam preferencia a uma laranjeira que me sorria, toda faceira, com as suas flôres muito cheirosas e brancas... Sob ellas o verde dos gramados, onde me apparecia, ás vezes, a nota elegante de uns gansos que a Exposição Avicola de Petropolis premiára com uma medalha de ouro que nunca vi e que, creio, ficou em promessa como muitas cousas neste Brasil. O que eu vi e até muitas vezes, pois que á vaidade da dona dos gansos não se cansava de ostental-o ao meu nariz era um papel simplesmente, em que estava escripto que, aos gansos, fôra conferida a tal invisível medalha. Tão invisível e problematica como os premios que eu estou sempre para tirar na loteria.

Mas como ia dizendo:

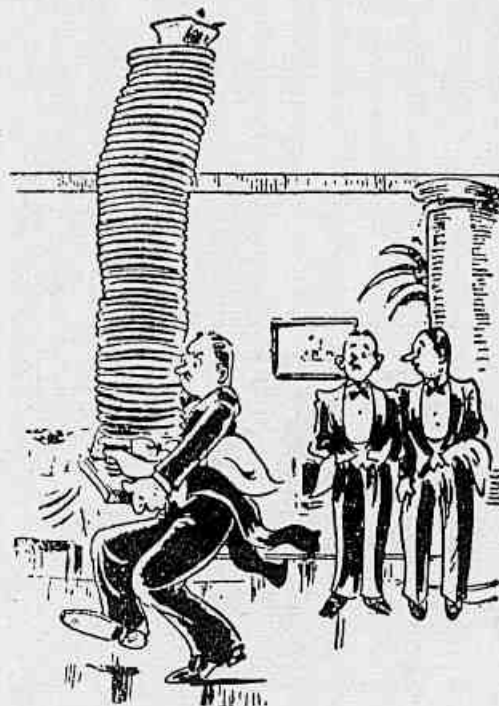
Sob as arvores proximas, os gramados... Ao longe outras arvores, a estrada União e Industria e um bello horizonte, céu, mata e montanhas... A' noite, porém, aquelle quarto afastado assustava-me um pouco. Mas por cousa alguma do mundo confessaria que tinha medo. Era um pudor do meu orgulho. E seria, se o confessasse, uma offensa á fé catholica da dona da casa, que mostrava-me sempre a lampada accesa sobre o Sacratio da Capella: "Deus Nesso Senhor pertinho". Eu sabia que nosso Senhor tinha um completo dominio sobre as almas do outro mundo encerradas por elle no palacio do céu ou nas cadeias do purgatorio e do inferno. Mas do seu poder sobre as almas dos ladrões, cá deste mundo, a onda de descrença, que então já me começava a invadir, não tinha lá uma certeza muito certa. E por isso o coração batia-me sempre um pouco quando a bôa noite que eu dava e que me davam me isolava dos outros habitantes da casa grande. E, uma vez, ainda me arrepio quando fallo nisso, já pegára no somno, quando acordei ouvindo passos léves no meu quarto. Alguem se movimentava nas pontas dos pés. Arregalei os meus olhos amarelllos na escuridão. Acredito que estivessem mais amarelllos ainda. Mas não me mexi. Fiquei immovel, como que paralyzada. Sentia que se quizesse gritar não o poderia. A voz sumiã-me na garganta.

E agora os passos se approximavam da minha cama. Não sei se o leitor já teve medo algum dia. Eu tive um medo pavoroso aquella noite. Imagine que senti perto a respiração do gatuno. Sienti-o beber a agua de um copo que estava na minha mesa de cabeceira... Agua que me ajudára a engulir a pillula, que justamente o professor Roxo, este especialista do systema nervoso, me receitára. Mas os meus nervos é que estavam roxos... E davam-me quanto mais eu desejava apparentar que dormia, vontade de tossir, de espirrar tudo a um tempo.

Afinal os passos tomaram a oirecção da porta da sacristia. Esta foi empurrada devagarinho. O ladrão passou-a... e depois a da Capella. Num assomo de coragem covarde pulei então da cama. E fechei á chave esta ultima porta. Desta vez não era nem o bom nem o máu ladrão. Nem estava crucificado á esquerda ou á direita de Nosso Senhor. Era o meu ladrão que, com elle, eu trancára na Capella.

A voz voltou-me meio fanhosa ainda, o que não me impediu de acordar a casa num alarido, gritando e correndo ás salas. As portas dos outros quartos foram se entreabrindo e deixando passar vultos em pyjamas e camisolas. Tocou-se o sino de alarme. O administrador veio a garrucha em punho. O rapaz encarregado dos gallinheiros, o que cuidava dos cavallos e dirigia a charrette acompanhavam-no. Elles á frente, os pyjamas e camisolas atraz o cortejo se dirigia em massa assustadiga e inquieta para a varanda. Armou-se o ataque. Abriu-se cautelosamente a porta larga e pesada, o que só se fazia aos sabbados para encerrar a Capella e aos Domingos á hora da missa.

Abriu-se com muita precaução... e... uma gambá, uma enorme e inoffensiva gambá pulou, lá dentro, espavorida!



— Acho que a occasião agora é optima para lhe dizermos que a mulher delle teve tres creanças... Não é?



— Aquelle, depois que roeu umas paginas da Encyclopedia, ficou tão pretencioso que já não falla a nenhum delles.

APOLICES POPULARES PAULISTAS

Relação das Apolices premiadas no 22.º sorteio ordinario realizado no dia 31 de Dezembro de 1940, conforme acta da Bolsa Official de Valores, publicada no "Diario Official":

1.º premio	— 435.135	— Mil	contos de réis
2.º premio	— 547.520	— Cem	contos de réis
3.º premio	— 800.923	— Vinte	contos de réis
4.º premio	— 974.404	— Dez	contos de réis
5.º premio	— 268.096	— Dez	contos de réis
6.º premio	— 157.508	— Dez	contos de réis

50 PREMIOS DE 1:000\$000 CADA UM. SOB NUMERO:

001.838	179.399	365.834	534.030	812.634	918.527
028.505	183.520	372.340	545.240	828.729	923.777
086.136	201.822	386.457	582.137	829.596	945.765
089.394	224.712	415.927	595.234	858.292	964.593
124.764	255.206	448.577	607.226	881.162	975.502
127.226	278.024	468.704	618.524	896.739	—
149.690	290.461	471.283	619.570	903.448	—
157.347	313.405	477.908	718.320	910.719	—
168.359	325.248	505.039	776.703	917.234	—

Os portadores das apolices acima poderão receber os premios no "guichet" de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

RELAÇÃO DAS APOLICES PREMIADAS EM SORTEIOS ANTERIORES, CUJOS PREMIOS NÃO FORAM PROCURADOS:

SORTEIOS	NUMEROS	SORTEIOS	NUMEROS	SORTEIOS	NUMEROS
30- 6-36	695.903	30- 6-39	446.566	29- 6-40	26.449
30- 6-36	915.793	30- 6-39	558.052	29- 6-40	203.765
30- 9-36	47.709	30- 6-39	941.870	29- 6-40	430.997
31-12-36	686.793	30- 9-39	128.536	29- 6-40	453.228
31- 3-37	644.066	30- 9-39	328.545	29- 6-40	464.211
31- 3-38	410.273	30- 9-39	493.429	29- 6-40	650.907
30- 6-38	496.286	30- 9-39	830.110	30- 9-40	19.764
30- 9-38	92.551	30- 9-39	917.779	30- 9-40	27.910
30- 9-38	795.931	30-12-39	22.724	30- 9-40	184.309
31-12-38	984.023	30- 3-40	507.839	30- 9-40	195.350
31-12-38	966.190	30- 3-40	378.533	30- 9-40	225.437
31- 3-39	627.226	30- 3-40	386.394	30- 9-40	521.178
30- 6-39	839.936	30- 3-40	405.966	30- 9-40	793.754
30- 6-39	49.998	30- 3-40	430.824		

O proximo sorteio ordinario das Apolices Populares, será realizado no dia 31 de Março de 1941, com a distribuição de Rs. 600:000\$000 em premios, sendo o 1.º de quinhentos contos, o 2.º de cinquenta contos, o 3.º de dez contos e mais 40 premios de um conto de réis.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

(O Banco official do Governo do Estado)

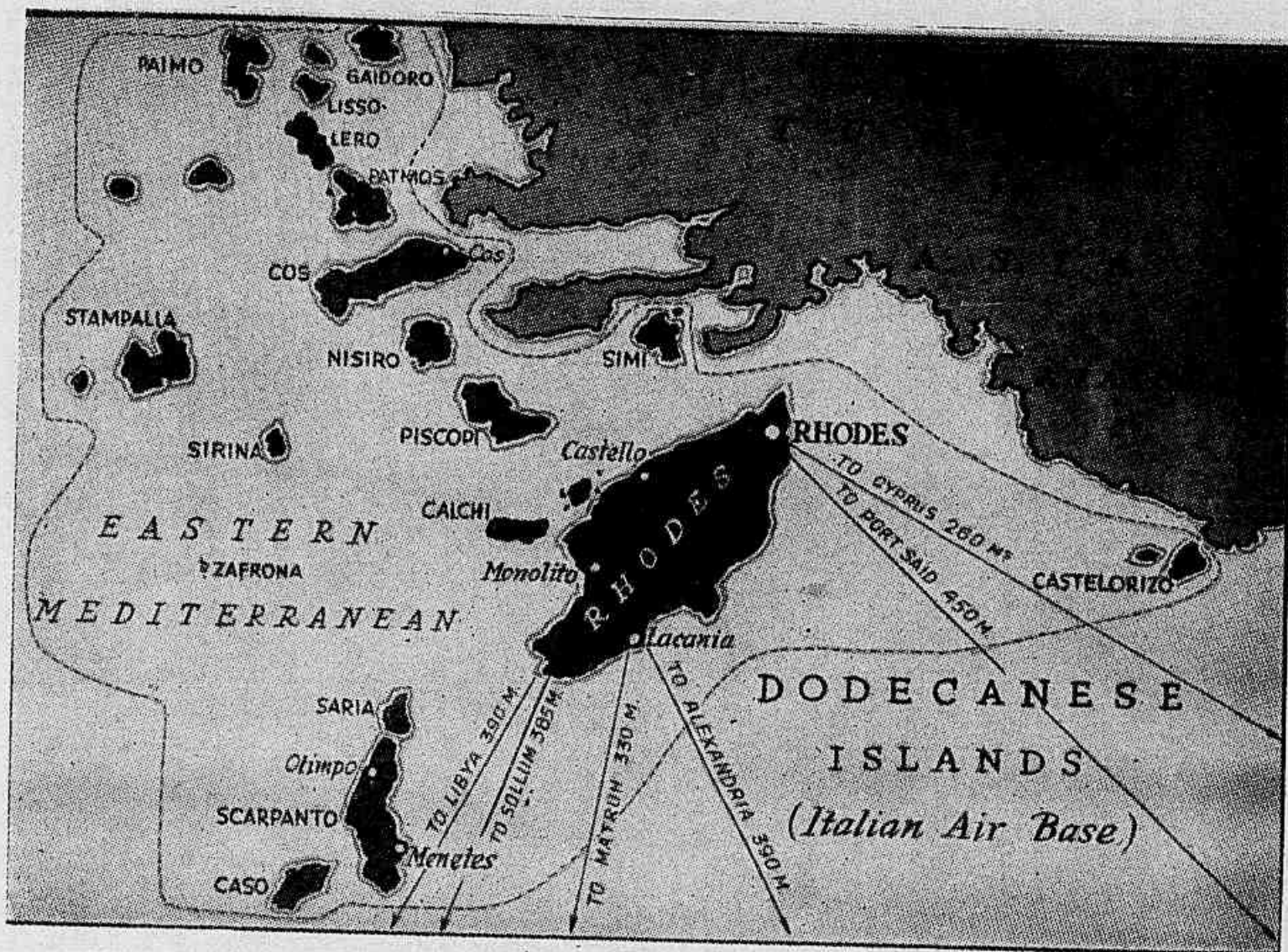
CAPITAL: RS. 50.000:000\$000

MATRIZ — SÃO PAULO

AGENCIAS: Araçatuba — Avaré — Barretos — Baurú — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Est. de Matto Grosso) — Catanduva — Franca — Itapetininga — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte — Olympia — Ourinhos — Pirajuhy — Ribeirão Preto — Santo Anastacio — Santos.

DEPOSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERENCIAS — TITULOS — AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES — SERVIÇO RAPIDO E EFFICIENTE.

O "incommodo valor" do DODECANESO

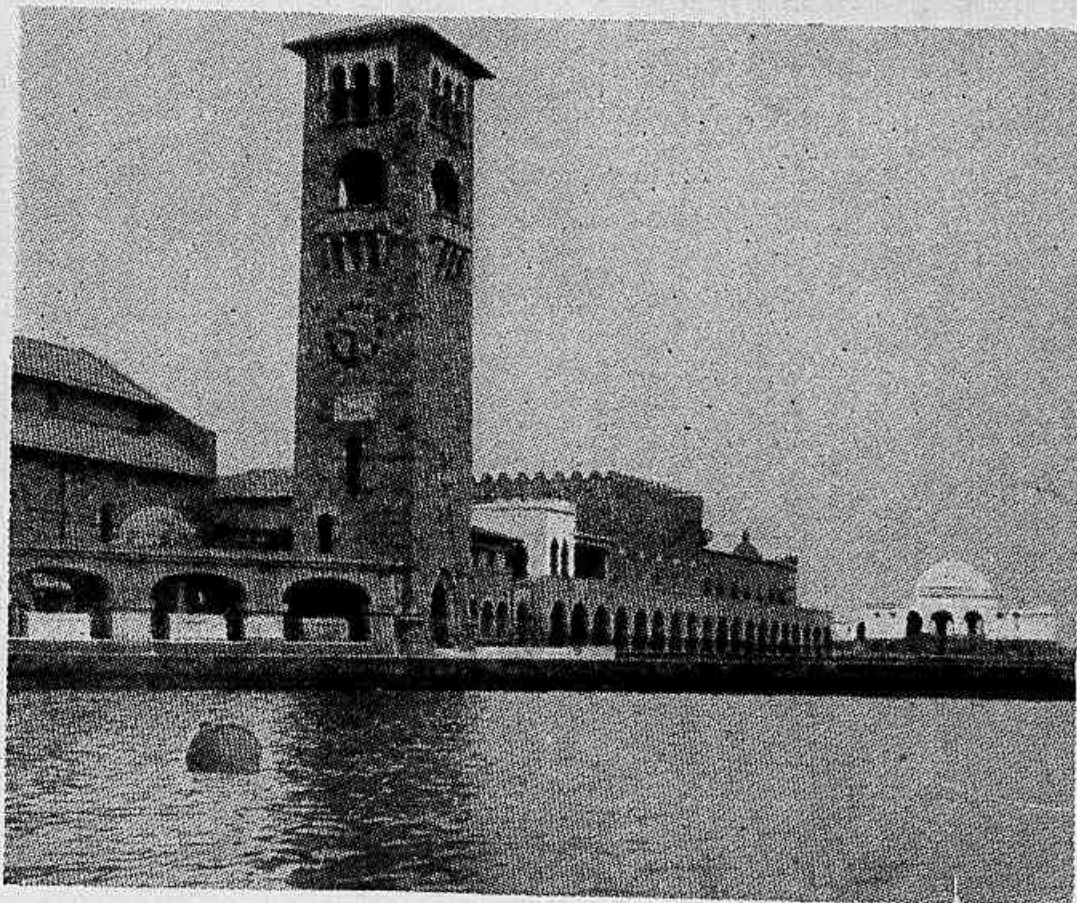


As ilhas que a Itália transformou em bases aéreas no Mediterrâneo oriental.

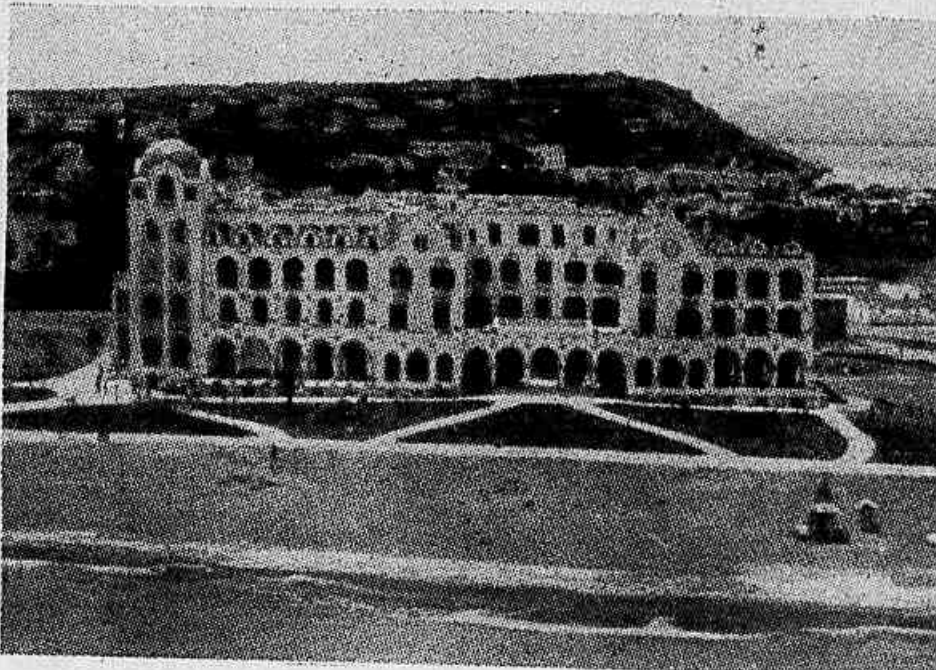
No fim da Grande Guerra, a Itália empregou os mais tenazes esforços para obter a Síria, á qual tinha um pequeno direito, mas foi impedida pela França, que recebeu um mandato sobre a Síria. Entretanto, foi outorgado á Itália em 1923, pelo Tratado de Lausanne, o Dodecaneso, grupo de ilhas no mar Egeu, nelle incluída a histórica ilha de Rhodes. Desde que obteve autoridade sobre essas ilhas, a Itália occupou-se em fazer dellas fortalezas de grande poder. Propalou-se que aerodromos subterrâneos tinham sido construídos, invulneráveis a qualquer ataque inimigo.



Vista geral da velha cidade da ilha de Rhodes. A ilha está apenas a 12 milhas da costa da Ásia Menor. Tem uma população de 31 mil habitantes. Sua capital — que tem o mesmo nome — é principalmente notável pelo que resta dos Cavaleiros de Malta do tempo das Cruzadas. Desde a occupação pelos italianos, muitas edificações novas tem sido erguidas na ilha.



A nova cidade edificada desde a occupação de Rhodes pelos italianos.



O grande hotel e a nova cidade italiana da ilha de Rhodes.

Quando rebentou a guerra, em 10 de Junho, as ilhas ficaram em posição difícil, distantes da Itália e controladas pela esquadra inglesa, que pôde transformar a remessa de socorros em operação perigosa e difícil. Os insulanos foram prohibidos de ir para o continente; até aos barcos de pesca foi interdito o uso, sendo levados para as colinas, ante o crescente temor dos governadores italianos de que seus segredos de defesa pudessem ser trahidos.

A esquadra inglesa fez um ataque de surpresa ás ilhas, em 5 de Setembro, após seu longo cruzeiro por toda a extensão do Mediterrâneo, não avistando um só navio italiano. Lançadores de bombas da frota aérea mergulharam nos aerodromos de Moritza e Calato em Rhodes, realizando golpes directos. Diz-se que vinte aviões foram destruídos no campo do aerodromo de Moritza, onde os italianos não estavam preparados para o ataque.

Scarpanto, uma ilha ao sudoeste de Rhodes, foi bombardeada pelo cruzador australiano *Sydney* e seu navio irmão, o *Orion*, acompanhados por dois destroyers. Ahi foi outra vez surpreendido o inimigo, tendo tido os cruzadores a satisfação de danificar a ilha fortificada antes que as baterias de costa pudessem responder.

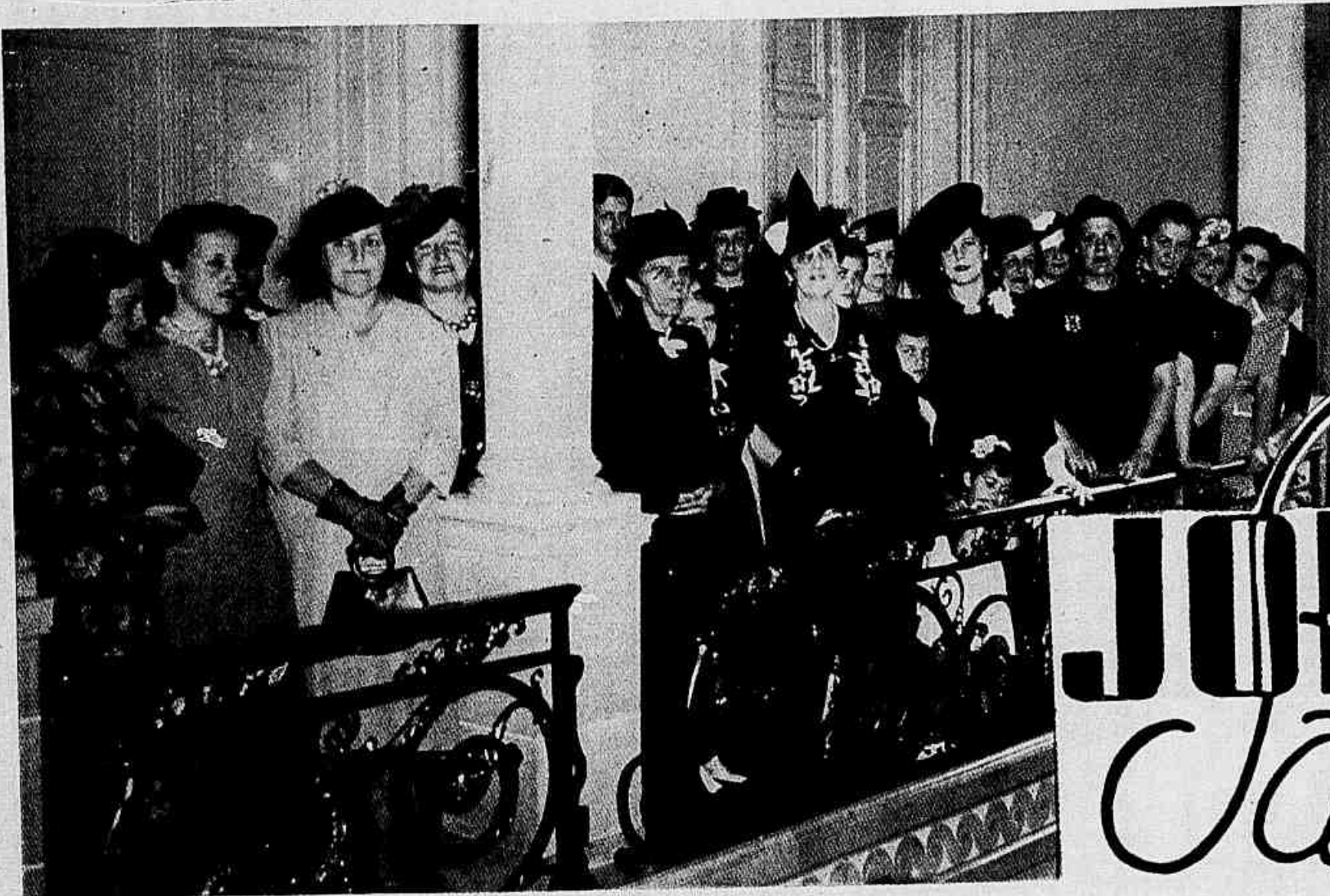
Os aviadores italianos de bombardeio seguiram a esquadra uma hora ou mais após, mas não foi grande o seu éxito, por não ser registrada a obtenção de objectivo algum. Cinco barcos-torpedeiros sahiram do porto de Pegadia para o ataque, porém dois foram postos a pique pelo *Ilex*, e um outro avariado, o que fez retroceder os dois restantes.

Desde o primeiro ataque ás ilhas do Dodecaneso, outros raids aéreos tem sido levados a effeito. O archipelago está a distancia incommoda, excepto pelo ar, o que torna precaria a possibilidade de receber reforços.

No decorrer da guerra com a Turquia em Tripoli, em Abril de 1912, a Itália occupou as doze ilhas do grupo Dodecaneso; embora estas fiquem perto das costas da Turquia Asiática, são habitadas por 115 mil gregos de pura raça jonica. Em 1920, os acontecimentos forçaram a Itália a transferir as ilhas á Grecia, como resultado, principalmente, dos protestos dos habitantes; mas em 1923, pelo Tratado de Lausanne, á Itália foi outra vez outorgada a posse das ilhas. Desde então se propalou que as convertera em grande base aérea. Bastante distantes, a despeito da estratégica posição do Dodecaneso, os italianos tem feito pouco uso dellas na campanha contra o Egypto.



Colossal aguia esculpida em madeira, usada provavelmente como symbolo nas tabernas da ilha de Rhodes.



A recepção dada no palacio do Governo, no dia 1.º de Janeiro, pela exma. senhora Adhemar de Barros.

CÃES E AVES
PURO SANGUE
EXPOSIÇÃO E VENDA
NESTA SEMANA
AVICULTURA PAULISTA LTDA.
R. BENJAMIN CONSTANT, 84
S. PAULO — TELEPH. 3-1659

JORNAL DE São Paulo



Aspecto tomado no Circulo Operario do Ipiranga, quando o presidente do mesmo gremio lia um officio ao interventor Adhemar de Barros justificando a outorga do titulo de socio benemerito a S. Ex.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA Succesora de MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



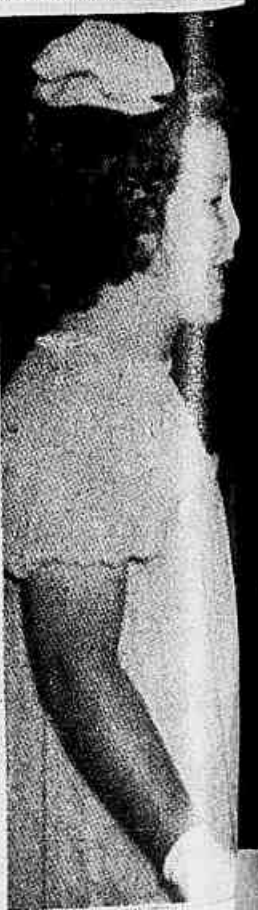
O Interventor Federal na solemnidade da entrega de espadins aos aspirantes da Força Policial.



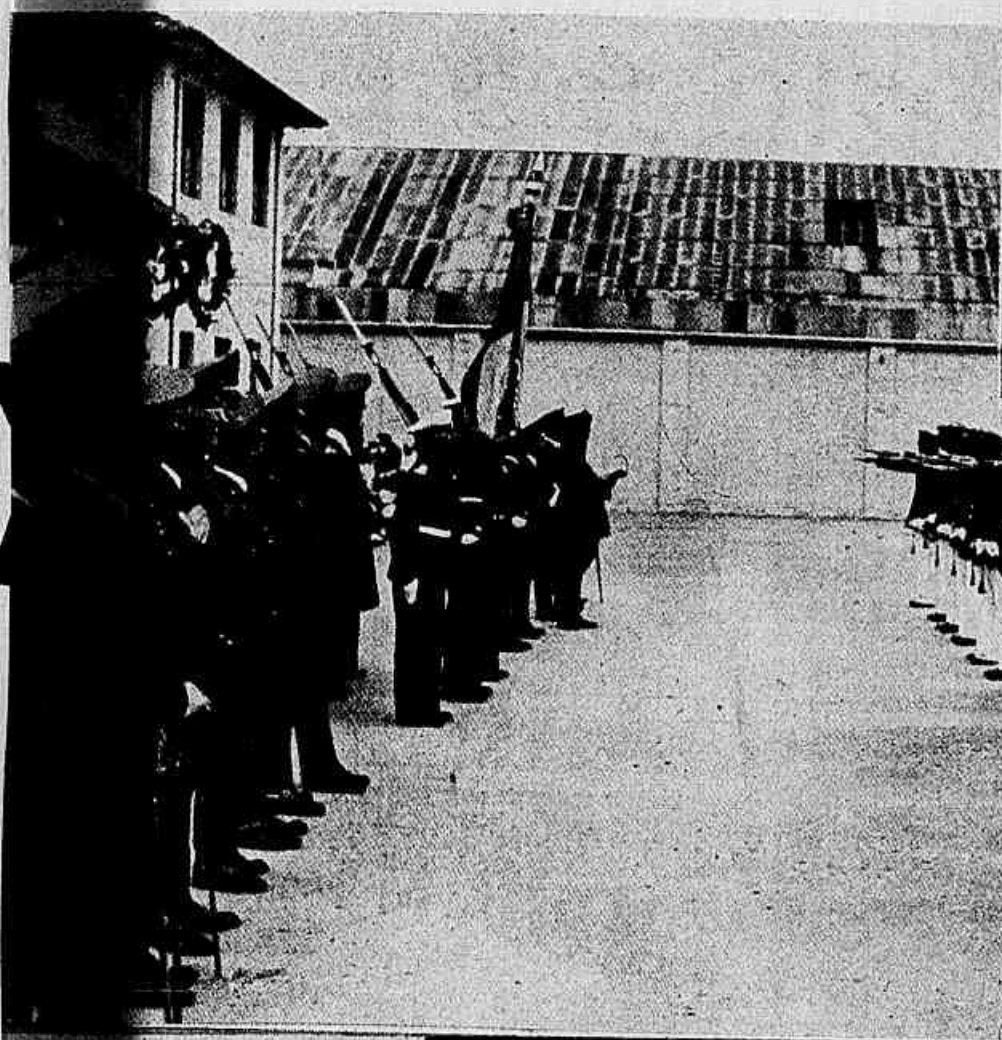
Grupo obtido no baile do Mackenzie College.

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
Drs. Alvaro Fortes — Fernando Azzi
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
SÃO PAULO

A menina Lydia Roli saudando o interventor do Estado no Circulo do Ipiranga.



Os aspirantes da Força Policial formados por ocasião do compromisso.



O sr. Adhemar de Barros, interventor federal, e seus auxiliares de governo, em visita á 2.ª Região Militar.



O almoço de confraternização dos medicos da turma de 1925 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, comemorando o 15.º aniversario de formatura.

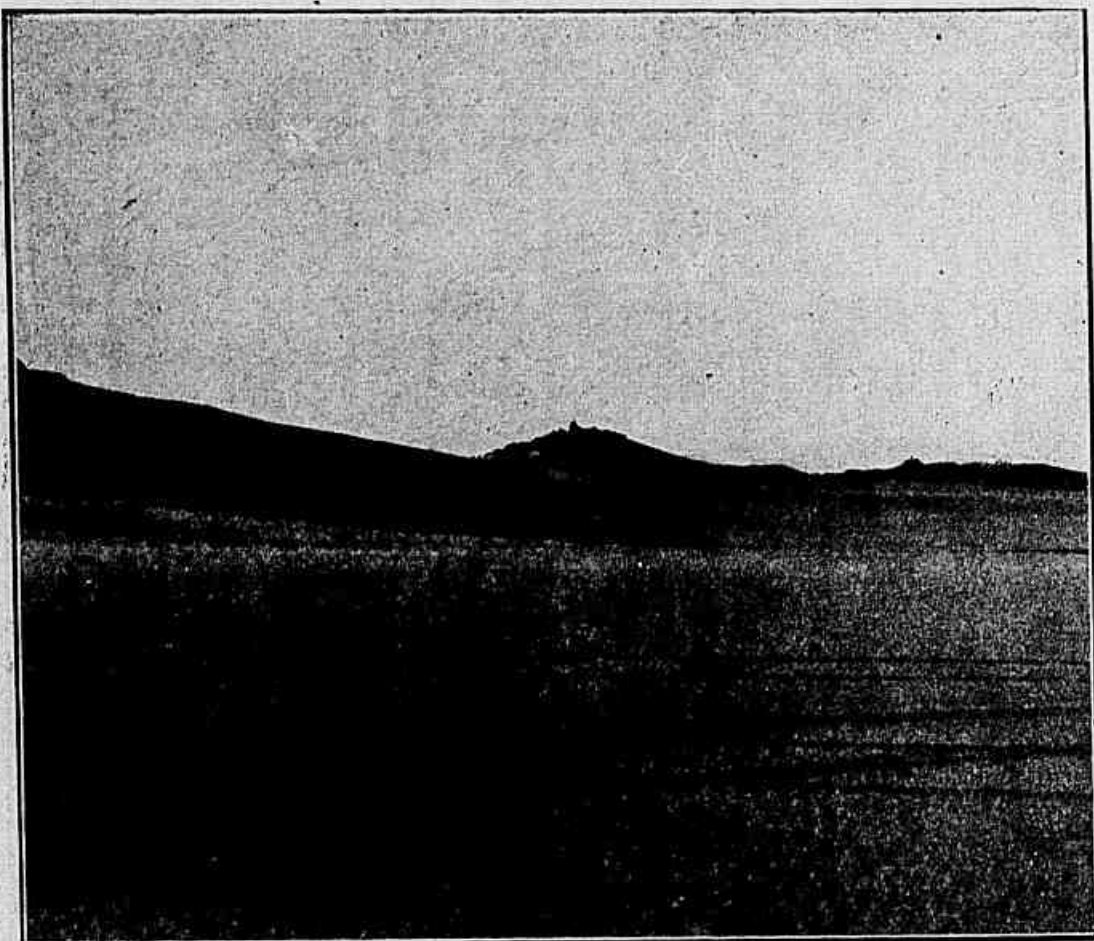


O baile com que os professorandos de 1940 do Conservatorio comemoraram sua formatura.



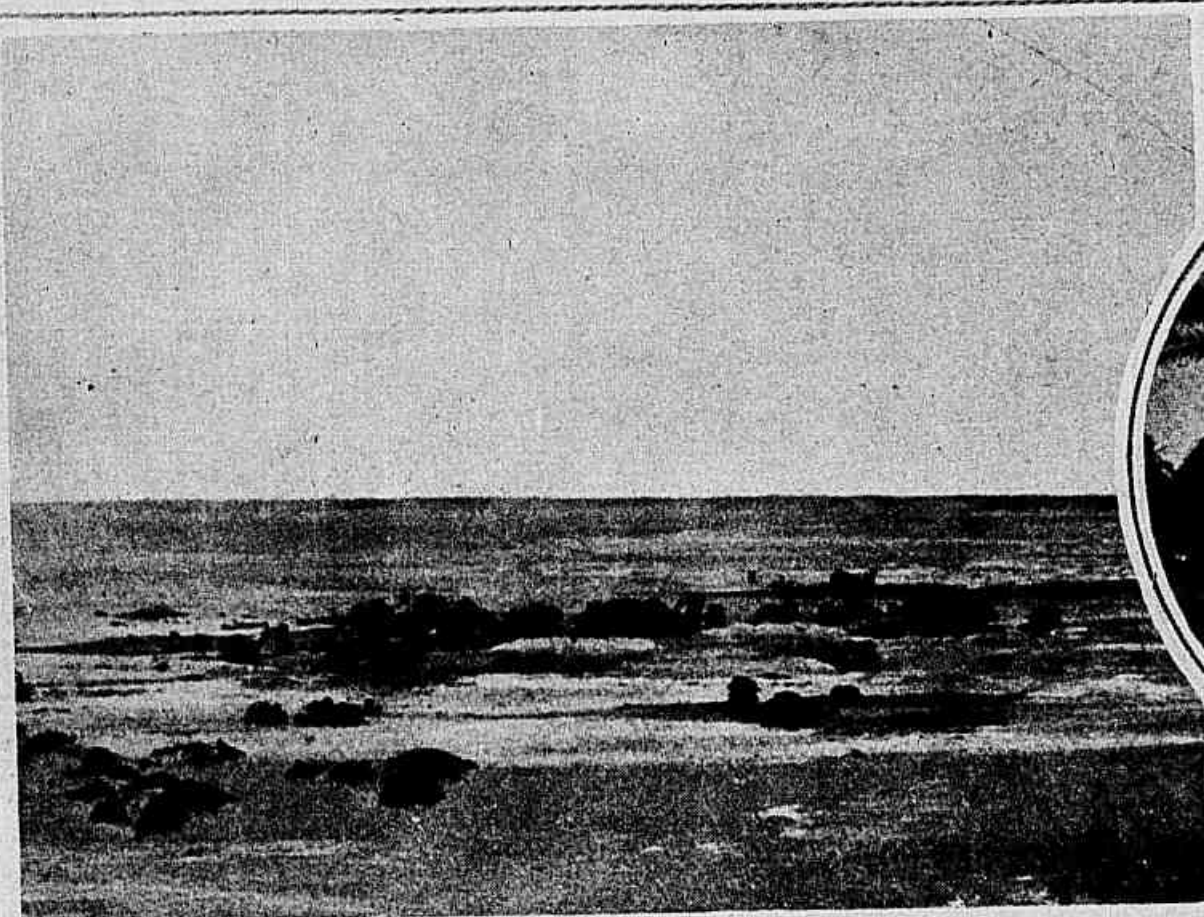
Um flagrante do baile de formatura do Mackenziz College, no Club Commercial.





Trilhas de carros motorizados que substituíram agora, largamente, no deserto sudanês, as immemoriaes caravanas de camelos.

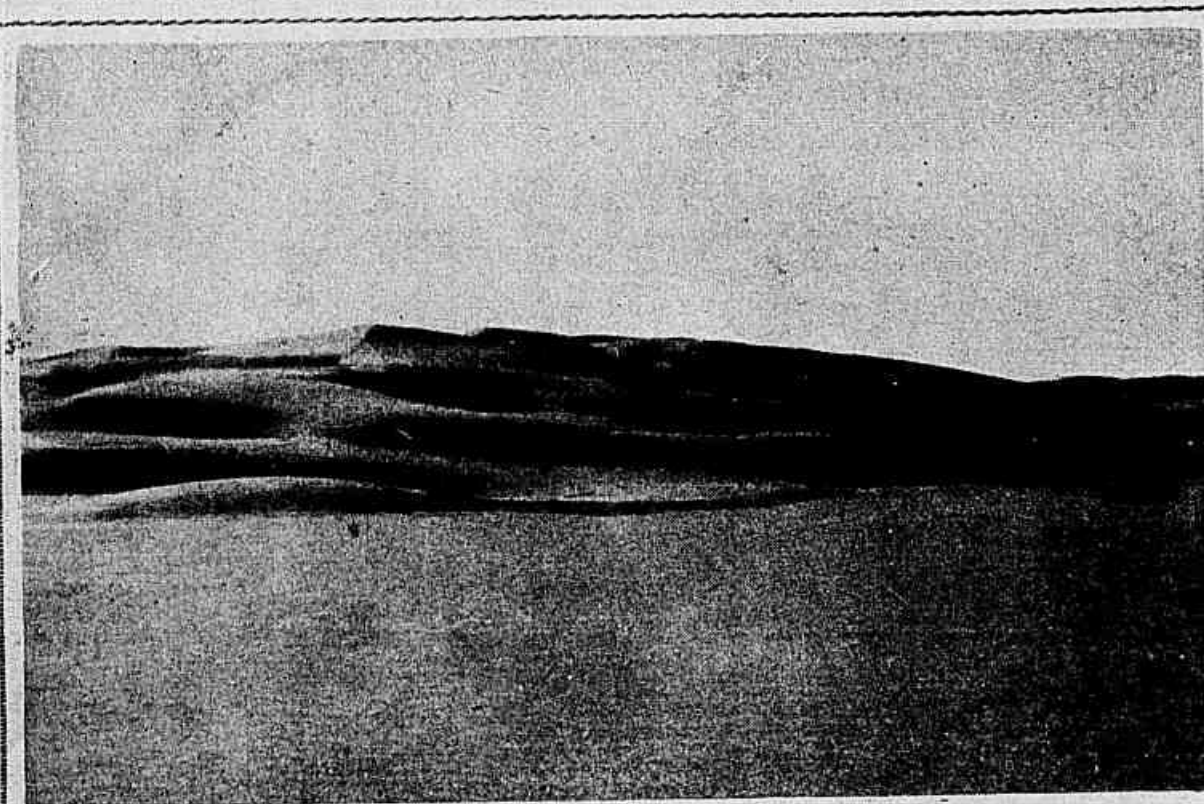
Notas graphicas da Guerra Libya



Um oasis, abrigado apenas por esparsa folhagem, no deserto sudanês da Libya, onde a porção de agua é mínima.



Quando o calor intenso cresta as arvores, que são queimadas com o correr dos annos, outras as substituem, para dar sombra e abrigo aos viajantes: um oasis, rodeado por um "mar" de deserto.



Um velho e inexoravel inimigo que enfrenta o sr. Mussolini na maior partida com o destino: as trahiçoeiras dunas no deserto sudanês da Libya, com os seus typicos gumes de faca.



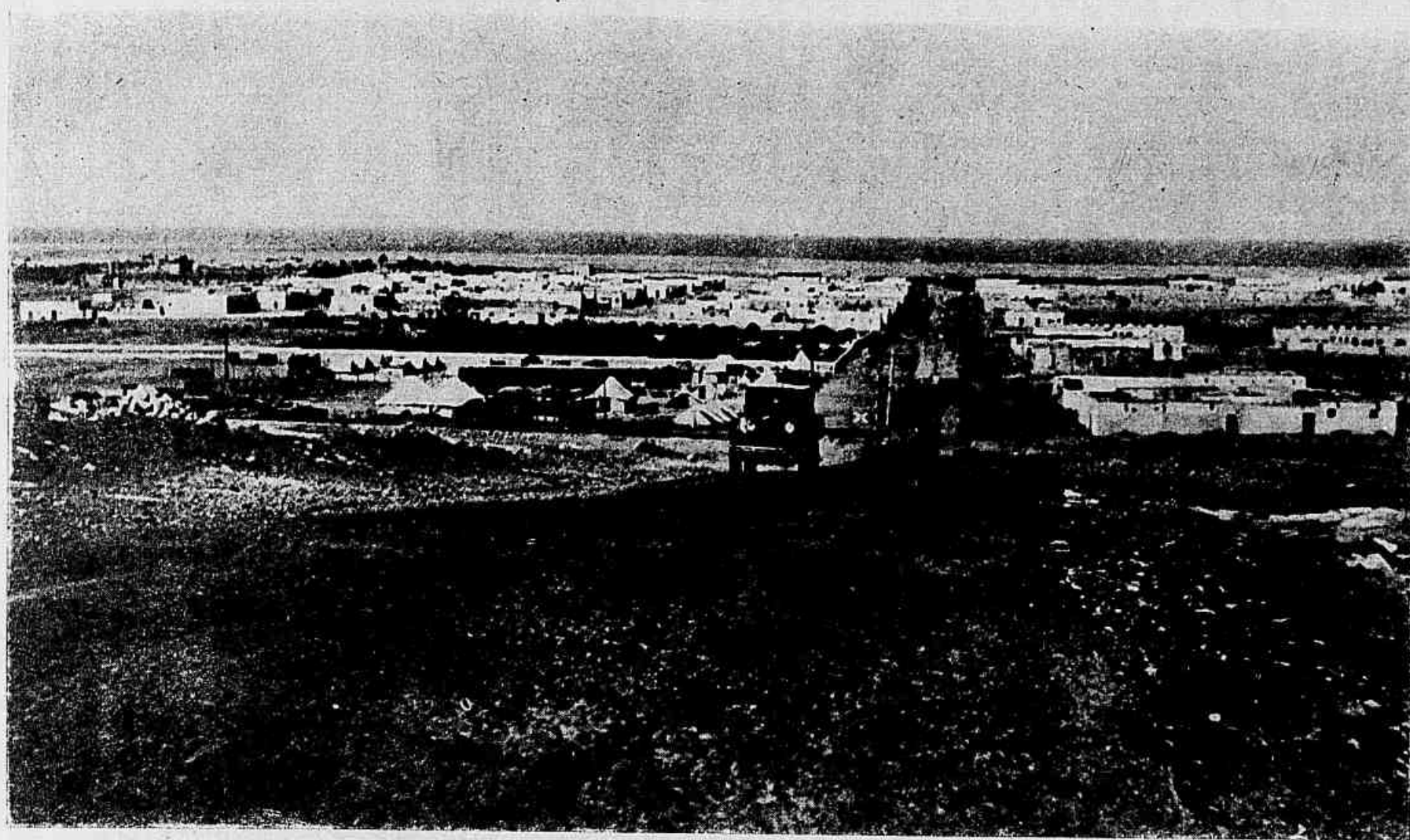
Um comboio de carros por ocasião de uma alta para reparos. Photographia tirada quando a temperatura é sombria era de 120° F.

A guerra na Africa deslocou-se rapidamente da parte occidental do Egypto para o oriente da Lybia. No momento em que escrevemos, as forças inglezas, após um duro assédio, conseguiram a rendição de Bardia, praça forte que os italianos defenderam tenazmente. A vanguarda inglesa já opéra ao alcance das defesas externas de Tobruk, novo objectivo na campanha septentrional da Africa. Não se pode saber, de prompto, se as tropas do general Wavell emprehenderão directamente a conquista da praça, bastante fortificada, ou se procurarão contornal-a, atravessando a

Cyrenaica, a caminho de Benghasi, para dispersão das forças italianas da Tripolitania.

As gravuras desta pagina dão uma pallida idéa do infernal theatre de operações. Desertos, areia, sol, um sol barbaro, infinitamente barbaro, são a eterna feição desse scenario onde agora se entrechocam dois exercitos, prolongando por outro continente a guerra que irrompeu na Europa em Setembro de 1939.

Egypto



O refugio de verão e importante posto militar de Mersa Matruh visto das collinas do sul da cidade, onde está localisado o reservatorio de agua, vendo-se á distancia o mar e, no primeiro plano, um campo militar.



Sentinela italiana destinada a observar os carros blindados ingleses no deserto libyo.



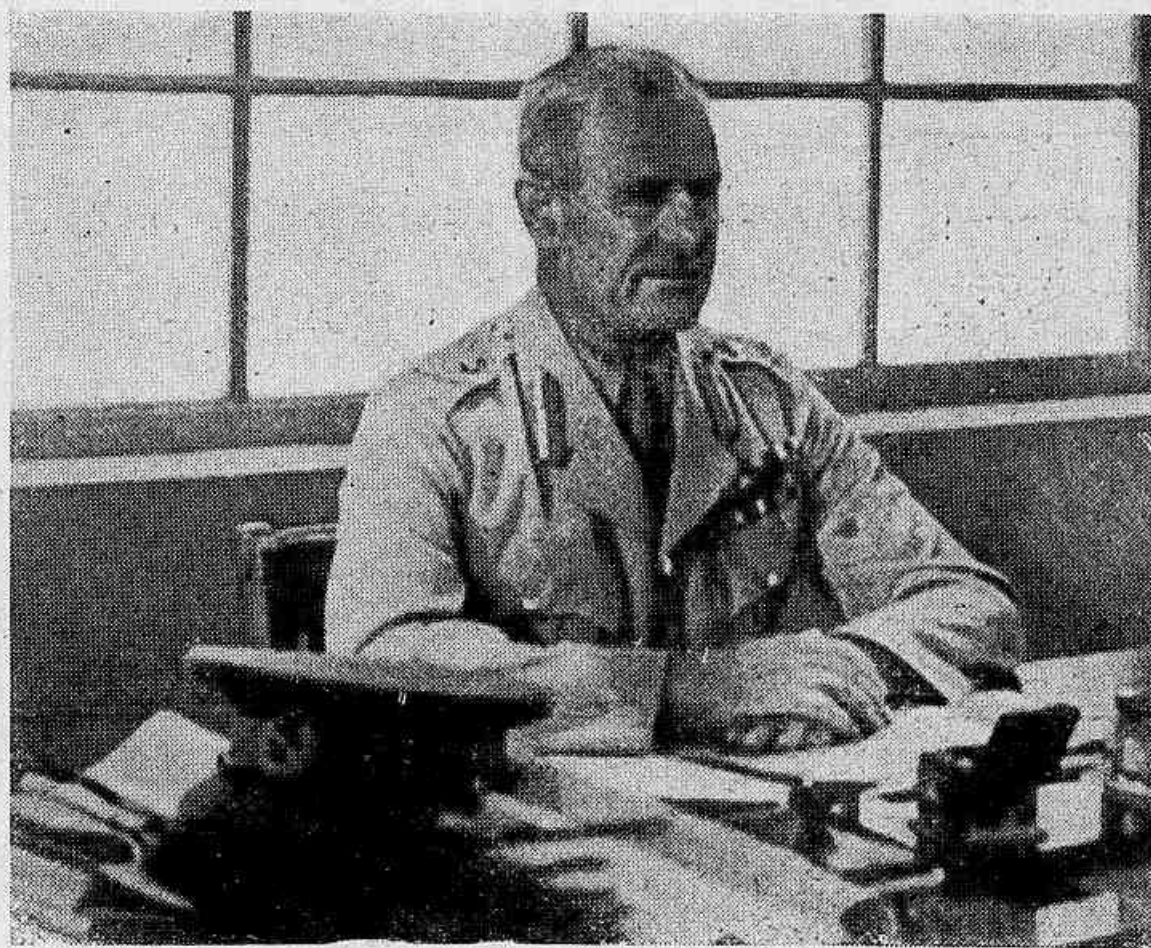
Infantaria italiana na fronteira do Egypto. Essas forças se mantiveram em Sidi Barrani, de onde foram agora repellidas.



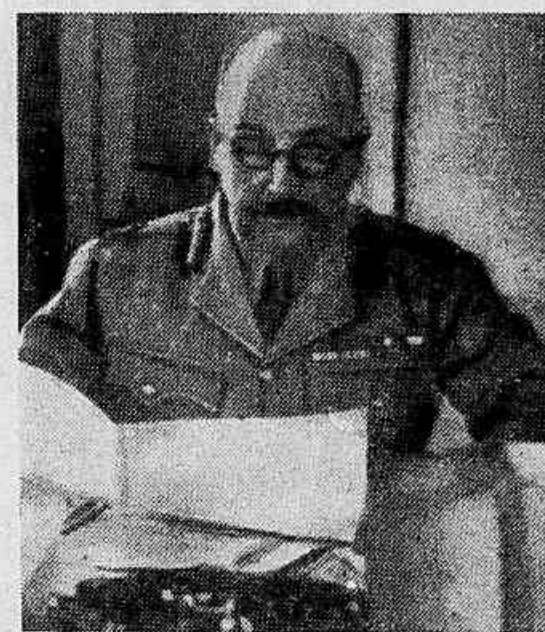
Soldados de uma unidade avançada das forças invasoras italianas marchando, com pesadas botas e equipamento motorizado, sob o ardente sol do deserto.



MAJOR-GENERAL B. C. FREYBERG, commandante no Meio-E'ste Reformado em 1937, o general Freyberg voltou á activa quando rebentou a guerra. Tem cinquenta annos de idade. Serviu na famosa 29.ª Divisão (a Divisão "de Ferro") na Grande Guerra. Foi citado seis vezes, ferido nove vezes.



GENERAL SIR ARCHIBALD WAVELL — commandante em chefe das forças inglesas na Africa. Esteve com o exercito russo no Caucaso em 1916-1917, e com a força expedicionaria egypcia de 1917 a 1920. Em 1937, commandou as tropas na Palestina e Transjordania e em 1930 foi para o commando do Sul, de onde voltou ao Egypto em 1939.



TENENTE-GENERAL SIR HENRY MAITLAND WILSON, commandante em chefe no Egypto. O general Wilson assumiu o commando no Egypto em 1939. Prestou serviços na guerra sul-africana e tambem na grande guerra. Após um estagio no Camberley Staff College, o general Wilson tornou-se commandante da 6.ª Brigada de Infantaria, em 1934, e commandante da 2.ª Divisão em Aldershort, em 1937.



O Mar, Consolo do Verão



O verão carioca é, infelizmente, a página ingrata que atormenta a Cidade Maravilhosa. Não fosse elle, com todo o seu martyrio, e que cidade poderia comparar-se ao Rio de Janeiro?

Por esta quadra, o termometro sobe assustadoramente e procuram todos o alivio das roupas leves, a illusão dos sorvetes e refrescos. Mas o mar é o melhor dos consolos estivaes. E' para elle que accorre, nas manhãs luminosas, todo um mundo de gente alvoroçada. As praias, douradas de sol, tingem-se bizarramente com as cores variegadas dos maillots, enfeitam-se escandalosamente com a belleza suggestiva das nereidas do seculo XX. São muitos os recantos littoraneos que se povôam e vibram. Uns são mais sosegados e modestos; outros são trepidantes e aristocraticos. Todos, porém, revelam a ansia que a população tem de mitigar o calor ao contacto frio da agua salgada.

A cidade, que é uma dádiva dos céos, gloriosa e privilegiada, conta uma notavel série de praias. Praias urbanas, praias dos suburbios, praias da zona rural...

Não é só entre as flores, como dizia o poeta, que se nota a diferença de sorte: ella é visivel entre as praias também. Copacabana, entretanto, é a leader. E' a praia ampla e bem fadada, rendez-vous dos trezentos de Gedeão, mostruario da graça indigena, exposição de elegancia, capitulo periodico de um grande conto de fadas.

Todo fim de anno, quando a canicula atordoa os cariocas, abre-se a season balnearia, que se prolonga por tres ou quatro mezes.

O verão do Rio traz no bojo escal-



dante duas consequencias infalliveis: a fuga para o retiro bucolico das serras, classico veraneio como necessidade ou como requinte de elegancia, e o povoamento das praias, para a illusão natural de uma festa paga, que é um dos encantamentos, uma das maravilhas da Cidade Maravilhosa.

A REVISTA DA SEMANA, como faz todos os anos, registra a abertura da estação balnearia, illuminando estas paginas com alguns flagrantes colhidos em Copacabana.



Entre paginas de alta litteratura muitas podem ser tidas por de admiravel reportagem. Assim as preciosas laudas de Victor Hugo em *Choses Vues*. O longo e indiscreto *Journal* dos Goncourt, a descripção da morte do duque de Morny em *Le Nabab* de Alphonse Daudet outras tantas reportagens de marca. Outros exemplos são facilmente respigáveis.

Em nossa litteratura uma ou outra pagina vae de endereço ao saber de vindouros, á fixação de Historia. Tal a narrativa de testemunho presencial do visconde de Taunay ao descrever pungidamente o ultimo dia de amigo, o visconde do Rio Branco, numa casa da Tijuca, ao lutar aquelle com a morte a 1.º de Novembro de 1880, para exhalar derradeiro alento, ao cair da noite daquelle dia, festiva data de Todos os Santos já se inclinando para a tristeza do sepulcral dia de Finados expressivamente florido por semprevivas e saudades.

Aos que narram quanto viram contrapõem-se os que podem dizer de successos que não viram, espectadores de espectaculos resuscitados por subsidios historicos, por depoimentos alheios, por tudo quanto a memoria ajuntou na passagem das gerações, no succeder das sociedades. Eis a justificativa de um titulo qual o de *Cousas Que Outros Viram*, algumas a seguir. Principiem pelo

Sete de Setembro de 1822 no Rio de Janeiro

Em meados de Agosto de 1822 o Rio de Janeiro participava do afan, a correr Brasil de norte a sul, o afan de Independencia. O desejo da nossa acompanhava aspirações da especie em toda a America farta de metropoles, invejando os livres Estados Unidos. A America Meridional, parte portugueza, parte hespanhola, era trazida secularmente á obediencia de metropole ultramarina e não metuenda.

Correspondencias diplomaticas dão fé que em Agosto de 1822 numerosos corsarios armados em diversas regiões da America hostilizavam a bandeira e o commercio de Portugal. Os lobos do mar também andam em alcateia.

Entretanto, de 1815 a 1818 só um brigue hespanhol procedente de Havana, carregado de rum e assucar, entrara no porto do Rio de Janeiro e cobido por corsario de Buenos Aires. Não se demorou o brigue no porto, D. João VI ordenando-lhe retirada immediata e prohibindo-lhe traficar com a carga.

A vista da astucia dos corsarios, o agente diplomatico francez Maler consultou José Bonifacio. Declarou este: enquanto D. Pedro não reconhecer os governos armadores de taes corsarios não serão elles recebidos em aguas brasileiras. No caso de reconhecimento por parte de D. Pedro então se alvittrará admittindo nos portos o pavilhão reconhecido de accordo com os principios de neutralidade e do Direito das Gentes.

Maler observou: Cumpre attender ás circumstancias particulares sobre extraordinarias de varias regiões da America do Sul. Interrompeu-o José Bonifacio com um simples *nil sub sole novi*.

Nos primeiros dias de Setembro de 1822, porém, crescia a agitação do mez anterior no Rio de Janeiro; veio augmental-a, a ponto de indignação, a chegada de navio portuguez sahido do Porto e trazendo novas de projectada demonstração naval lusitana nas costas do Brasil, sustentada na Bahia a resistencia lusa do general Madeira, tudo alvitre das Côrtes de Lisboa, para nervo de guerra adeantados mil contos pela Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

Com a noticia o Rio de Janeiro, já nacionalmente esquentado, acabou fervendo. E a 7 de Setembro de 1822, D. Pedro a subir o Cubatão deixando Santos para estacar no Ypiranga alli lançando grito de Independencia ou Morte, os cariocas já sabiam que o ministerio tinha procurado a regente D. Leopoldina para concerto de providencias. Até o regresso de D. Pedro foram sustadas as providencias que acarretassem graves inconvenientes como o sequestro dos productos da Companhia do Alto Douro avaliados em seiscentos contos.

O general Nobrega de Souza Coutinho, ministro da Guerra, tomara disposições para excitar o patriotismo dos jovens em condições de tomar armas, alistando-os nos regimentos da capital, formada guarda nacional por empregados publicos e por dispensados do serviços de primeira linha e de milicias.

Coadjuvando o collega da Guerra, o ministro da Marinha e general da armada Cunha Moreira dava ordens de equipamento a todos os navios de guerra em condições de mar, os demais servindo de baterias fluctuantes para defesa do porto.

Nessa atmospheria bellica e civica transcorreu no Rio de Janeiro o dia 7 de Setembro de 1822, á espera de D. Pedro, em honra do qual o bispo da diocese, d. José Caetano, em carta pastoral, prescrevera que ás preces pelo Papa, então Pio VII, pelos reis de Portugal e pela Familia Real, o clero ajuntasse a formula *Principem Regente perpetuum Brasiliae defensorem*.

Conhecido o ambiente carioca a 7 de Setembro de 1822 seja evocado nelle não muitos annos depois

O Juramento de D. Januaria

A princeza D. Januaria, filha segunda do primeiro matrimonio de D. Pedro I, nasceu no Rio de Janeiro em Março de 1822. No mesmo anno vinha a mundo, em Napoles, a princeza siciliana e futura cunhada de D. Januaria, D. Thereza Christina, a vindoura terceira Imperatriz do Brasil.

S. Januario entendia com o Rio de Janeiro. Em honra deste foi ella baptisada Januaria, com o ceremonial de estylo, devendo servir-lhe de padrinho o avô imperador da Austria, de madrinha a irmã D. Maria da Gloria. Na ausencia de procuração imperial avoenga, Januaria ficou afilhada de S. José, o pae nutricao de Jesus.



Paulo Barbosa da Sylva — Busto de Pettrich na Câmara Municipal de Petropolis. Offerta de D. Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina.

ESCRAGNOLLE DORIA

O QUE OUTROS VIRAM

Por effeito da Abdicação, a Sete de Abril, houve ensejo de verificar-se durante a Regencia, trina ou una, um passo de epistola de Paulo Apostolo aos Galatas: "Emquanto o herdeiro é menino, em nada differe do servo, ainda que de tudo seja senhor. Mas está sujeito a tutores e procuradores até o tempo determinado pelo pae". No caso de D. Pedro II, quem determinava era a Constituição do Imperio, com o seu taxativo artigo 121 fixando a maioridade do imperador em dezoito annos completos, a exemplo da Constituição portugueza e da franceza, em contrario á Constituição dinamarqueza que para maioridade real entendia bastantes quatorze annos.

D. Januaria, herdeira do throno pelo celibato ou morte de D. Pedro II, havia de ser e foi alvo de politica, até o casamento do irmão em 1844. Nas lutas partidarias, na imprensa da época, nos opposicionismos á Regencia, o nome de Januaria surtia posto em guião de procissões politicas, nunca de anjinhos.

Reconhecida princeza imperial, a 31 de Maio de 1836, herdeira presumptiva da corôa, foi D. Januaria convidada a prestar juramento para execução



A princeza D. Januaria
Rio de Janeiro, 1822

a preceito constitucional, marcada a cerimonia para 4 de Agosto no paço do Senado.

Dia como o de tal solemnidade não podia deixar de ser notavel entre alvoroço e curiosidade da população. Muitos do muito da cidade cercavam a casa do Senado no Campo de Santa Anna, esquina da rua do Areal. No povo todos queriam vêr primeiro a successora do throno, a herdeira do sceptro, a heroína do dia de magnitudade.

Desde onze da manhã senadores e deputados chegavam em grande gala. Espectadores apinhavam-se nas galerias do Senado, de sala repleta de outros tantos espectadores. A's onze e meia cresceu o borborinho na rua e no interior do edificio, ao anuncio da vinda da princeza imperial.

Eil-a emfim, attrahindo olhares. Vige e viça em quatorze annos de entre menina e moça. Longo mur-

murio popular sanciona-lhe logo a graça na mocidade. Vozes de commando, um batalhão presta continencia. Bento Barroso Pereira occupa a cadeira presidencial do Senado, chama a secretarios de mesa o senador conde de Valença e o deputado Bernardo Belisario Soares de Souza, magistrado em férias na politica.

Descem a receber D. Januaria na entrada do paço dezoito representantes da nação, entre elles Barbacena, Calmon, Paula Souza, Maricá, Baependy e Paes de Andrade, o antigo confederado do Equador. Com tão luzida comitiva entra D. Januaria no recinto do Senado, a assembleia toda de pé, parte antes sentada, parte já desde muito na posição.

Corresponde a princeza ao cumprimento de senadores e deputados com mesuras de pôr em extase o seu mestre de dansa, Lourenço Lacombe. As convidadas da cerimonia analysam o traje de D. Januaria, louvando-lhe ou não o vestido de blonde, o airoso busto juvenil da princeza assignalado pela decorativa grã-cruz do Cruzeiro.

Pouco abaixo de throno vasio senta-se a herdeira d'elle, no ultimo degráu lhe sendo reservada cadeira de espaldar. Bento Barroso convida D. Januaria a prestar juramento. Para tanto ella colloca mão alva sobre livro vermelho e ouro. Treme-lhe a voz, jura sobre Santos Evangelhos cousas graves, manter a Religião Catholica Apostolica Romana, observar a Constituição Política da Nação Brasileira, obedecer ás leis e ao Imperador.

De pé ouve a nova princeza Imperial a leitura do termo de juramento feita pelo conde de Valença em face de trinta senadores e sessenta e sete deputados; D. Januaria assigna o termo e sua duplicata e o presidente do Senado declara alto e bom som estar cumprida a Constituição, convidando a deputação competente a levar S. A. á porta do Senado para retorno ao palacio de S. Christovão.

Voltam senadores e deputados ao recinto da assembleia. O segundo secretario Soares de Souza procede á leitura da acta da sessão, assignada pela Mesa após devida approvação que prevista ninguém nega.

Representantes da nação e espectadores retiram-

se ao som de banda de musica do batalhão da guarda de honra. Uma hora e um quarto da tarde de 4 de Agosto de 1836. Não muito depois o Campo de Santa Anna é todo silencio. Mais uma cerimonia se foi á Historia.

Rodado pouco mais de lustro sobre a solemnidade de 4 de Agosto, outra cerimonia de caracter differente despertava viva attenção particular e politica no Rio de Janeiro. Ahí, como em qualquer cidade do mundo, o annuncio e a realização de casamento entre pessoas de escol social attrahe por muitos dias o desejo de vêr e saber de classes inteiras.

No Rio de Janeiro de 1844 era figura primacial Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, senador do Imperio pela provincia das Alagoas, cinco vezes ministro de Estado, presidente da provincia do Rio de Janeiro e homem a ser estudado em merecida biographia como personagem que teve em mãos fios de nossa politica.

Nascido a 21 de Julho de 1800, fluminense de Itaipú, Aureliano em 1844 contava por sua vez 44 annos de idade. Naquelle anno o seu *Casamento* era acontecimento social carioca. Nupciava pela segunda vez, da primeira esposo e viuvo de D. Adelaide Guilhermina d'Oliveira, da qual houvera seis filhos.

Contrahia Aureliano novo matrimonio com D. Narcisa Emilia de Andrade Vandelli, dama de Sua Majestade a Imperatriz. O consorcio de pessoas de gerarchia, como os noivos, encheria de pessoas distinctas a residencia em S. Christovão dos paes da noiva, o commendador Alexandre Antonio Vandelli e D. Carlota Emilia d'Andrade Vandelli.

A 25 de Novembro alli se armou oratorio que para effeito se preparou somente e nelle se apresentaram Aureliano e D. Narcisa. Autorizado pelo bispo diocesano, D. Manoel do Monte, o vigario colado da freguezia de Engenho Velho, padre José do Desterro Pinto, antes frade franciscano, recebeu em matrimonio Aureliano e D. Narcisa, pelas sete horas da noite, tomados os depoimentos verbaes, feitas as mais diligencias do estylo se dispensados proclamas.

Em todos os casamentos ha cinco figuras classicas, o sacerdote, os noivos e duas testemunhas. O sacristão é de rigor, mas não conta; só para o hyssope e a caldeirinha.

A noivos de qualidade testemunhas equivalentes. As dos noivos de 1844 foram a marquezia de Itanhaem, o antigo tutor de D. Pedro Segundo, e o mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Sylva, em o nome de familia conservando um Y de ironia a futuras e complicadas simplificações orthographicas entre paizes da mesma lingua. Paulo Barbosa era de 1844, quando idioma vernaculo se honrava em Camões e Vieira. Escrevia-se Bahia com *h* e Ruy com *y*.

Do seu consorcio segundo Aureliano; visconde de Sepetiba em 18... receberia quatro filhos, a ultima de duas filhas, Francisca, baptisada em local não habituado a baptismos, no Paço da Cidade, servindo de padrinhos D. Pedro II e sua irmã D. Januaria. Em 1855 enviuvava de Aureliano a viscondessa de Sepetiba. Quasi septuagenaria morrera na rua de S. Christovão 2, a 30 de Janeiro de 1889. Recolhida ao silencio e á constancia de restantes velhas amizades desfalcadas, a viscondessa viuva sobreviveu trinta e tres annos ao marido, no seu retiro do Rio de Janeiro testemunha calada do occorrido no Brasil de 1855 a 1899. Modesta sepultura no cemiterio de S. Francisco Xavier, pouco antes da Republica, recebeu os restos mortaes da illustre dama do Segundo Reinado partcipe de sua grandeza, advertindo o imperador romano aos seus amigos que tudo é nada. Velho conselho de eternas applicações.

O "Morro do Mestre Chico"

Amóra Maciel

A praia é tal e qual a creatura a arrastar-se pelas ribas do oceano: ora com o corpo cosido ao chão, medrosa de tudo, ora com o busto arfante e a cabeça semi-erguida do solo, mas no esforço de quem vae mirar em volta.

São as areias que vêm e vão e se amontoam, ou não, á correia das ventanias tropicaes.

Destinos da terra que possúe, também, naquella trato de gléba, a sorte dos sertanejos emigrando á secco.

No "Morro do Mestre Chico" se ergue a casa do "Pé de Brasa", o jangadeiro mais arrelento das redondezas e que, quando não encontra com quem discutir, vae brigar com as procellas.

A sua morada, mais das vezes, é o barco de "piúba" com os troncos juxtapostos, na união de que copia o praeiro a solidariedade que não conhece resistencias. Mas o "Pé de Brasa" tem ainda coração: assiste, attenção fixa também no seu linho, ao embarque dos homens do sertão, varridos pela adversidade, e que buscam os seringaes do norte ou as fazendas do sul, fugindo á fatalidade climatica.

— É assim, "Pernasanta", diz o "Pé de Brasa" para o companheiro, a abandonar o mutismo passageiro. Elles vão s'embora, sem poder levar com a trouxa de roupa o seu rincão. Aqui é o contrario: a terra se muda, carregada pelo vento e pela maré, mas o jangadeiro não procura embarcar, nunca! Trepa na jangada e desafia a "parede do mar" p'ra voltar no dia seguinte. Por que Deus Nosso Senhor não manda o jangadeiro viver no sertão e o mafuto na beira do mar?

— São os desconformes da vida, patricio, enuncia o caboclo com quem troca pensamentos.

— Só se é porque a gente mora mais no meio das ondas e já tem saldo na terra. Por isso a jangada não vae atrás delles.

—oOo—

O navio parte, levando emudecida a alma do sertão.

A "Santa-Maria" — embarcação do "Pé de Brasa" — solta a vela a caminho do "pau do mar", como se fosse, também, ao bota-fôra dos cearenses do matto...

O ambiente do jangadeiro denuncia qualquer cousa que deixa adivinhar uma queixa.

— Que é que ha, companheiro? pergunta o "rebique" ao "mestre do paquete", enquanto o "proeiro" e o "bico de prôa" circumdam os olhares, sem articular um vocabulo sequer.

— Triste sina é a de quem vive á espera do inverno no sertão! remata o outro, dando de costas para a terra que parece, com o lenço do coqueiral, acenar saudosa.

Emquanto isso, as areias se movem na "Praia de Iracema" e correm parelhas ao vento, como se apostassem para vêr quem mais corria.

O "Morro do Mestre Chico", como a choça do "lobo do mar", vista de longe, dá a impressão, ás vezes, de um camelo branco, trazido da Africa, e que parou, morto de cansaço, na orla do oceano.

Os açoites do vento parecem querer fazel-o andar de novo, mas em vão.

E elle vae se avolumando, como se estivesse "aleijado de gordo".

—oOo—

A choupana do "Pé de Brasa" pouco a pouco se veste com a terra da praia.

O povo, cheio da superstição dos antepassados, se interroga: Por que será que a areia tenta cobrir a casa do jangadeiro? Será que a terra tem alma de mulher, doidinha de ciúme e se vinga do homem que para ganhar a vida passa o tempo dentro do mar?

— "Pé de Brasa", por que não empurra p'ra fóra a terra? observa o catraeiro Paxiúba.

— Tenho passado a vida a brigar com o oceano. Fazer o mesmo com os dois é comprar demasias. Mesmo eu quero vêr como acaba essa perseguição, retruca o primeiro.

— Ora como! Envergando as paredes e cobrindo tudo, sem deixar marca. Fica sómente o seio do morro. Póde ser até a sua sepultura, adverte o interlocutor.

— Não me incomodo mais, está dito! Continuo a morar no meu canto até que o morro deixe de crescer ou eu fiquz dormindo, p'ra sempre, debaixo delle... Póde ser até que Deus Nosso Senhor tenha deixado sete palmos de terra no São João Baptista p'ra outro, porque assim eu não dou trabalho quando fôr desta para melhor. Quero mesmo que a minha mortalha seja a areia trazida pelo vento do mar. Quem sabe se as aguas salgadas não têm alma e como não podem commigo não se decidem a pedir á areia p'ra dar cabo de mim?

E "Pé de Brasa", com esse espirito fatalista, tão a gosto dos seus, finaliza a conversa, olhando na direcção da sua jangada: Companheiro, a "barra" vem quebrando. Está na hora de largar!

E partiu para a tarefa de sempre.

—oOo—

O vento que sopra empurra a "graviana", enquanto o "proeiro" borrija o "panno" com a agua que sobra, afim de imprimir força á vela, que "baluma" atrevida.

A jangada já atravessou a "risca do mar" e orienta-se á cata de um ancoradouro favoravel.

Navega na "parede do mar", onde a profundez é tamanha que não ha corda sufficiente para descer o "tauassú".

Com a "chumbada", em punho os jangadeiros atiram-na, de quando em quando, ao oceano, para, minutos após, soerguerem a "linha" que mergulha, adiante, até firmar-se nas pedras que calçam os abysmos.

— Pescaria 33! grita a uma voz a marinhagem destemida.

O "rebique" pegando da "fateixa" que comprime o primeiro "tauassú", lança-o ás ondas, tendo o cuidado de prender a corda ao "banco de vela", enquanto o "proeiro" liga ao "banco de governo" o segundo, que representa a ancora da prôa, para maior segurança do barco no local escolhido.

"Pé de Brasa" ergue o "leme" na "femea" da "tamanca" e o "bico de prôa" "larga a mura, leva a tranca e enrola a vela".

E assim dão começo á pousada, num labor de titan sempre acordado.

Aqui é o "mestre do paquete" que estende a "linha de côrso" á pôpa e, adiante, outro que joga a "chumbada" e um terceiro a amarrar a "pôita" nos "toletes" da prôa, esperançosos, todos, de aprisionarem o cardume de cavallas, bijú-pirás e pargos que espadanam á tona.

Ao "batedor de engodo" Pernasanta sacrifica o peixe que lhe cahiu ás mãos, conseguindo, assim, a "chama" para attrahir os vertebrados distantes.

Um tubarão arremete, bravio, contra o barco. Os nautas atiram ás vagas, sem demora, a pipa esvasiada d'agua de beber, tendo, porém, a cautela de atal-a á jangada, afim de, entretendo o aggressor, furtal-o á approximação.

Zé da Maruja, que faz de "bico de prôa", segura o "bicheiro" para a defensiva, caso o aquatico procure medir forças com os jangadeiros, enquanto Ignacio Gaiola, "proeiro" do "paquete", sobraça a "arassanga", disposto a expulsar o saltador voraz.

A "chumbada" faz repuxões aqui e, mais além, a "linha de côrso" pinoteia aos arrancos das enxôvas prisioneiras.

A esse tempo o "bico de prôa" vae enchendo a "enfieira" com os pequenos peixes apanhados pela "bubua" que fluctúa, sem qualquer ligação com o barco, e carimba-os, um a um, na parte inferior da barbatana caudal.

Pernasanta imprime o selo da propriedade nos vertebrados que pescou, dando o corte na parte superior da cauda ainda em movimento.

Zé da Maruja, á sua vez, pratica dois golpes no aquatico: um na extremidade superior e outro na inferior, ao passo que "Pé de Brasa" conserva, intactos, os da sua colheita.

E assim, todos, na hora de repartil-a, em terra, reconhecerão o que lhes pertence, sem as altercações de feira, pois nenhum delles duvida da honestidade do outro.

Esse é o lidar de todos os dias.

—oOo—

O "Morro do Mestre Chico" ganhou em volume.

O tapume do "Pé de Brasa" vae se escondendo no lençol de dunas, como a creatura que tem medo de apparecer entre os demais.

O "mestre do paquete" não exterioriza um gesto de desalento: permanece onde mora, sem um pensamento a amofinar-lhe o porte moral.

— E' por Deus determinado, expressa-se na attitude que não é de succumbimento, mas de gente mascula.

Se a moradia melhor é na sua jangada, que pode mudar de posição com os ventos, mas sempre com o embarcadico em pé, ao lado da vela que afronta o mar revoltol!

Sempre o contraste na vida: o barco sem pouso certo e continuamente com o "mestre do paquete" ao leme; a habitação, em terra, immovel e quasi a desaparecer com o seu dono.

—oOo—

"Pé de Brasa" está velho. Um dia parte para a labuta de sempre.

Antes, porém, como na despedida que só o presentimento antevê, elle, pela ultima vez, deixa a choupana isolada com um olhar que diz qualquer cousa intima.

Mal se põe em viagem a "Santa-Maria" e o arcabouço, em terra, se abate, de todo, ao peso do areal movediço.

E o jangadeiro, dahi em diante, não conduz mais a rêde para armar. E' que a jangada, navegando ou á beira da praia, é o leito do pescador.

O travesseiro é o "banco de governo" e o cobertor o céu amplo, cheio de luar ou afogado no sol.

—oOo—

Um dia os homens, fazendo a guerra da civilização contra a natureza, carregam o "Morro do Mestre Chico", aos poucos, para dentro do mar. E, com elle, a casa que foi do "Pé de Brasa".

—oOo—

E o oceano continúa a sacudir as ondas contra as ondas, enquanto o "paquete" parece abysmar-se no concavo das aguas, para subir, após, na investida de quem vae pescar no céu.

Por que tenta o mar varrel-o dali? Será que a sua majestade se offenda com a ousadia do bravo? Ou a ira contra o barqueiro não diz muito da revolta contra a incursão dos que tomaram o logar das ondas e despejaram, inteirinho o "Morro do Mestre Chico" dentro do oceano?

Milhares de vagas cospem para o ar os gargarejos espumosos, á maneira de boccas que se occultassem na vastidão da voragem.

A "Santa Maria", com a vela ferrada ao mastro, se desapruma, foge ao ancoradouro e navega á garra, pois as "pôitas" que uniam a embarcação ao "tauassú", no fundo do pélago, arrebetaram á violencia dos entrechoques.

A jangada vira, agarrando-se os naufragos ás "mimburas" de "piúba", agasalho unico para os que se encontravam perdidos na immensidade.

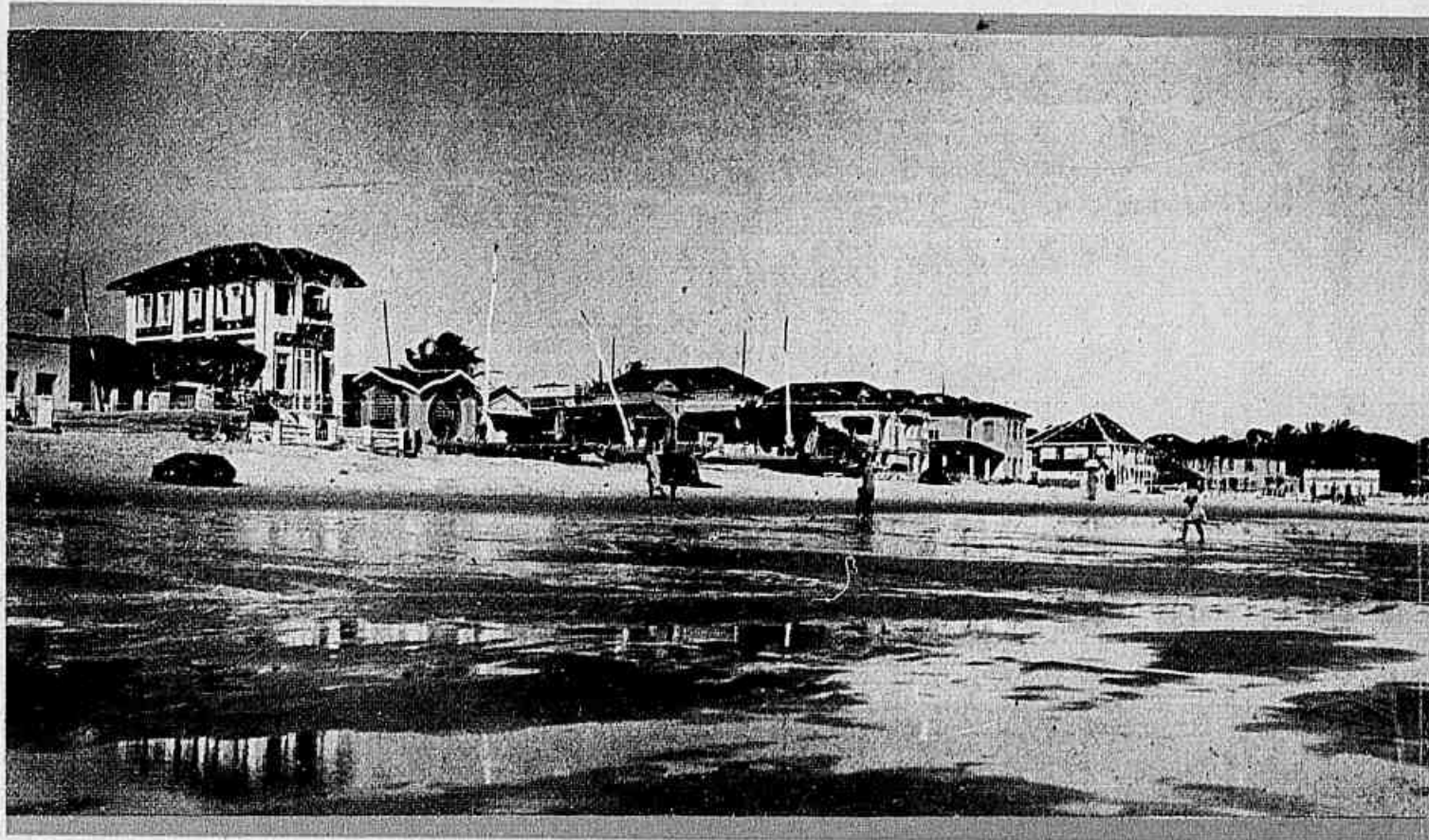
Torna a calmaria, e com ella os musculos que não fraquejaram se avigoram para a revirada do "paquete".

Pernasanta e Zé da Maruja, a um instante, mergulham sob o lenho para, com destemidez sem igual, arrancar o mastro que, ainda firme no centro do "banco de vela", está submerso nos vagalhões.

Firmes na arremetida entregam-no, com alguns achados, aos companheiros, subindo, em seguida, ao barco victorioso.

Pé de Brasa e Ignacio Gaiola impellem a jangada para a posição desejada, arrastando-a, favoravelmente, ao quebramento das ondas.

(Continúa na pag. 38)



A praia de Iracema, na capital cearense — Photo de M. Guilherme.

A Liga das Nações me levou ao Mexico, para debater, juntamente com os técnicos em matéria fiscal, algumas theses relativas á dupla imposição e á organização americana do Imposto sobre a Renda.

Isso aconteceu em Maio e a missão com que fui distinguido constituiu, em relação a todo o anno, a nota mais animadora da minha vida obscura de estudioso.

Não conduzi commigo credenciaes que me fossem concedidas pelo Governo

ou por qualquer associação nacional, dado que o conclave não teve caracter politico, nem congregou expressões consummadas da vida publica. Juntou em torno de uma mesa, no Salão Pan-americano do Palacio Presidencial do Mexico, homens velhos e moços, affeiçãoados ao estudo que constituia razão dos debates, silenciosamente interessados, por predi.ecção ou convicção, no encaminhamento das theses, que tiveram suas conclusões votadas.

Quem se mobiliza para o desempenho de uma tarefa de tanta importancia bem sabe os apuros que vence, as difficuldades que atravessa, as emoções que supporta, as responsabilidades que institue.

Por mim, guardo a impressão de que não desmereci a honraria do convite que me foi espontaneamente trazido pela Secretaria daquela Sociedade.

Iniciei a minha carreira como burocrata na antiga Delegacia Geral do Imposto sobre a Renda e, no desempenho do meu cargo, contei com a assistencia do meu Pai, versado, como poucos no Brasil, no estudo dos assumptos tributários. Elle me abrigou á sombra da sua experiencia, abrindo á formação do meu espirito possibilidades que, ainda agóra, procuro cultivar.

Retirando-me da burocracia official, por vontade do destino, para servir a outros trabalhos, não desmereci a somma de utilidades que o aprendizado me havia proporcionado e trouxe para a cathedra de Sciencia das Finanças a sementeira todo dia cultivada no estudo dos mesmos livros, tão classicos como renovados na seára commum da cultura sem improvisação.

Não é, todavia, o aspecto funcional da missão que desempenhei o objectivo que me faz recolher, nesta chronica, a reportagem do itinerario feito através de Nova York.

Quem sáe do Brasil, com destino ao Mexico, e passeia a attenção desprevenida no meio do movimento de Nova York, durante algumas semanas, chega ao paiz dos aztécas com a impressão de quem regressa ao Brasil.

As inquietações, as impacencias que ali povoam a vida constituem surtos da mesma vida tumultuária que nós encontramos aqui. O desperdicio affectivo das imagens, a falta de medida para a imaginação, o transbordamento desregrado da cordialidade timbra em exprimir, na abundancia da mesma paisagem collectiva, a razão nacional do brasileiro, nivellada ao temperamento sacudido dos mexicanos.

Não se mede a hospitalidade da capital do Mexico pelo numero de hoteis que ella possui. Afere-se o sentimento com que o mexicano nos agasalha nas conversas fiadas, que a gente improvisa no meio das avenidas e das ruas, á porta dos cafés fechados, dentro dos taxis, dentro dos omnibus, ao amplo da vida que se dilue numa feição de affecto particularmente grata aos brasileiros.

Mexico é uma cidade que semeia paradoxos. Exprime uma physionomia de semblante carregado, adensando vincos e rugas que recolhem tradições heroicas; mas, quando se descarrega, no acolhimento alvigeireiro de um sorriso claro, o que menos manifesta é a lembrança do passado, desenrolando expressões que identificam juventude, clarinada, alvoroco, animação, vida nova, alegria moça.

Ainda agóra, retenho a grata lembrança do seu povo, como se tivesse aberto, diante dos meus olhos, o scenario de um play-ground, onde as creanças preparam a grandeza varonil do seu futuro.

Para os brasileiros, observar o Mexico, não é recreio e estudo, apenas, dado que também constitue motivo de orgulho e estimulação.

A gente corre da rua para o refugio fidalgo da nossa Embaixada e, por mais que pretenda, não encontra pausas no relêvo da mesma projecção.

A Embaixada do Brasil, no Mexico, pela sua imponencia, pelo que conserva da sua tradição, pelo que trabalha e pelo que exprime, parece uma junção de dois caminhos, cujas linhas não ha quem perceba, tão obstinado o Embaixador em subtrahir dos extremos que limitam as soberanias a impressão de um fim ou de um principio, tão misturados, tão identificados os sentimentos que lavam as distancias.

O embaixador do Brasil, ali, o sr. Lima Cavalcanti, depressa se apercebeu das linhas centraes do programma que lhe cumpria executar. Conservou do antigo politico militante a finura e a *souplesse*, despindo-se das ondulações do trato partidario, para nivelar-se nos requintes amaveis e medidos da fidalguia. Afivelando á sua intelligencia o entono de uma cultura geral bastante opulenta e apurando o pensamento na clareira fecunda da experiencia, o Embaixador se movimenta dos salões á bibliotheca, sem necessidade de medir attitudes, conservando-se fiel á diplomacia na indumentária, na expressão moral e

na imponencia da sua linha-gem, que identifica um herdeiro da aristocracia aprumada

na civilização da sua própria terra natal, em pleno fastigio da sua opulencia economica.

O que mede, na expressão do diplomata, a presença do seu realce é o instante da surpresa, que traz á tóna da eloquencia verbal e esconde nos meandros da palavra facil, sem que ninguém se aperceba, a verdade discreta do dever.

O nosso Embaixador actua com elevação, despertando agrado e bemquerença. Nos instantes provocados pelos periodistas, para surprehendel-o em declarações de gravidade diplomatica, afina o sentido da sua responsabilidade. Quando todos supõem roubar-lhe affirmações que importem directrizes politicas, recebem a dádiva das indiscreções literarias, os depoimentos que registram preferencias culturais.

Tivemos a sorte de participar da primeira recepção offerecida pelo embaixador Lima Cavalcanti á sociedade mexicana e que serviu, também, de inauguração da nova Embaixada do Brasil, á rua Urizaba n. 24. Registramos, com orgulho, o movimento requintado de cultura e elegancia, que então fôra observado, graças ao apuro de todos os detalhes, a distincção em todas as linhas e, sobretudo, a presença suggestiva da habilidade no conjunto de todos os flagrantes.

Desarrimado da companheira que a morte levou, o sr. Lima Cavalcanti surprehe na sua acção o conhecimento minucioso de toda a vida interna da Embaixada, que elle orienta com particular assistencia, desdobrando-se numa faina, que faz gosto aos brasileiros itinerantes, dado que de tudo elle sabe, pessoalmente, atravez da organização de um serviço de registro e controle, que assegura a sua fiscalização directa, na bôa ordem do patrimonio que o Governo Federal confiou á Embaixada, enriquecido pelos bens particulares que o titular juntou ás suas installações, engalanadas por uma arte antiga, em quadros, peças, tapeçarias, utensilios, alfaias e o que mais opulenta a distincção e o requinte de uma casa aberta para acolher as expressões mais famosas de uma civilização que se apruma numa phase de fastigio e gloria.

O Embaixador não perdeu a vivacidade do politico militante, mas a requintou, esplendidamente, cortando as suas arestas, nivelando as suas linhas que asseguram, na expressão do seu porte cavalheiresco, uma personalidade que serve ao Brasil, na medida mais ampla da sua diplomacia, feita para a cordura, a cordialidade, a distincção e o bom senso.

Se o nosso depoimento serve ao juizo dos que observam, pelo dever de aquilatar a acção dos nossos representantes diplomaticos, guardamos fidelidade á justiça, com a informação de que a Embaixada do Brasil no Maxico não poderia ser entregue, nesta hora sisuda, a mãos mais devotadas, a intelligencia mais aguda e a sentimentos mais trabalhados pelo desejo de servir aos interesses da nossa politica internacional.

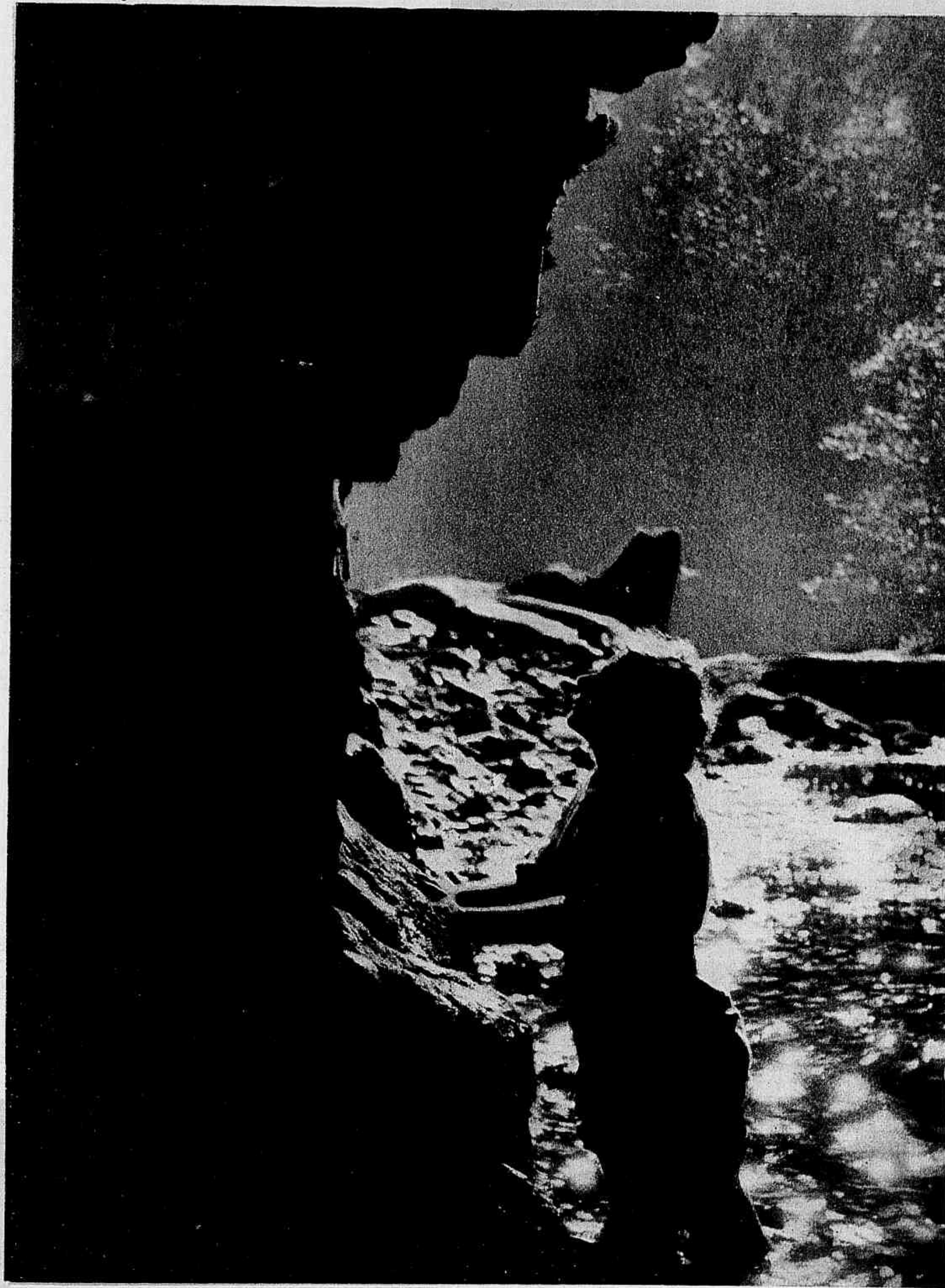


Trecho da rodovia Mexico - Puebla.

(Photo de Carlos Fernando L. Cavalcanti).

A ESFHINGE

PARANAENSE



A mão do homem tem perpetuado na concepção dos monumentos santas, heroínas e artistas, cultuando vidas que foram revelações de almas estranhas, de energia e de genio. Nunca, porém, decalcou convenientemente no mármore, no bronze ou no granito o pensamento de Victor Hugo: a mulher é a esfinge do homem.

Desde os tempos mythologicos foi a figura da mulher associada ao mysterio. Já o corpo gigantesco de um animal estranho, que barrava a estrada de Thebas, tinha a encimado uma cabeça de mulher, que se animava, que falava, propunha questões e justificava os desen-

tendidos, tragando-os. Nunca mais, por melhor compreendida que pudesse ter sido, deixou Eva de ser um symbolo de incompreensão. Porque é da regra geral ser ella um mysterio vivo, uma incognita impenitente, tormento de analysts e psychologos, desespero da progentle do primeiro homem da criação já illudido pela unica mulher qua havia sobre o mundo.

O que a mão do homem egresso do paganismo não soube ou não poudo fazer, fello a mão da Natureza, essa mestra incomparavel da verdade, na phrase de Santo Ambrosio. Lá está, na Serra do Mar, a "Esfinge Paranaense". Da mole granitica emerge um perfil vaporoso. Dir-se-ia um sonho bom brotando de um pesadelo tenebroso. O artista invisivel esculpiu-a silenciosamente, a centenas de metros de altitude, talvez com a idéa de crear uma obra que ficasse o mais perto possivel do céu e o mais longe possivel da terra. Talvez para apagar um pouco a crueldade do mysterio feminino... Talvez para poupar a desillusão dos Oedipos dos nossos dias...

A ALORADA ANNO NOVO



A noite de S. Silvestre! A noite da... Porque bem poucos serão aqueles que deixam de vibrar, esperançados, á aproximação do anno novo. Os salões engalanam-se e coalham-se de flôres humanas, e é a alegria ncs "réveillons", que hoje em dia já constituem uma tradição da cidade. A nossa... andcu por varios pontos e colheu, para os olhos dos nossos leitores, os aspectos que... e que se referem a: 1 e 7 — Tijuca Tennis Club; 2 — Grajahú Tennis Club; 3 — São Christovam; 4 — Club Municipal; 5 — America F. C.; 6 — Casa de Minas; 8 e 10 — Club Gymnastico Portuguez; 11 — Club Syrio-Brasileiro.



A ALEGRIA DO ANNO NOVO



A noite de S. Silvestre! A noite da festa! Porque bem poucos serão aqueles que deixam de vibrar, esperançados, á aproximação do anno novo. Os salões engalanam-se e coalham-se de flôres humanas, e é a alegria nos "réveillons", que hoje em dia já constituem uma tradição da cidade. A nossa edição por varios pontos e colheu, para os olhos dos nossos leitores, os aspectos que vemos e que se referem a: 1 e 7 — Tijuca Tennis Club; 2 — Grajahú Tennis Club; 3 — Club São Christovam; 4 — Club Municipal; 5 — America F. C.; 6 — Casa de Minas; 8, 9 e 10 — Club Gymnastico Portuguez; 11 — Club Syrio-Brasileiro.





A CEREMONIA DO CHÁ

por LIMA FIGUEIREDO

Esta "musumé" tem no collo o lenço vermelho e na sua frente o pincel inteiro de bambú e o pote com chá verde em pó.



U

M leigo em assumptos nipponicos nem de longe pode imaginar o que seja a cerimonia do chá. Uns têm a impressão que é uma etiqueta simples para servir-se a aromatica bebida de que tanto gostam os europeus e asiaticos. Outros, mais dinamicos do que polidos, fazem idéia duma farra nas *chayás*, onde *geishas* e *maikos* distribuem, ao som dolente do *shamicem*, com salacidades nos gestos, sorrisos provocantes e uma vozinha que sempre agrada, uma taça de chá quente e gostoso.

Nada disso. A cousa é serissima. Basta dizer que só com mais de dez annos de estudo pode um mortal asseverar que conhece em suas minucias o ritual do chá, o *chá-no-yu* se quizermos empregar a expressão japoneza que designa aquelle culto.

Ainda mais: ha necessidade absoluta de que todos os presentes durante a cerimonia concentrem seus pensamentos em acções boas e bellas, afastando do ambiente toda má idéia de que estiverem possuidos.

O *chá-no-yu* é longo. Ha, quando levado a effeito com todas as regras da pragmatica, mais de trezentos movimentos da mão ao segurar os utensilios necessários, taes como o pote com água, as taças de barro aporcelanado, o pincel feito de bambú, o cofre de laca onde se acha o chá verde em pó, a chaleira e a bolsa dos perfumes que serão lançados ás brazas, para odorificar a sala formada de quatro paredes completamente nuas, ou apenas enfeitadas de um *kakemono*, com singela paisagem, quando não ha um quadro com versos escriptos a pincel.

Uma das paredes, geralmente formada por trechos corrediços com armação de madeira forrada de papel confectionado com palha de arroz, é retirada e pode-se contemplar um gracioso jardim por menor que seja, prenh de pinheiros verdejantes e minusculos e de pedras em forma de candelabro a compôr um scenário onde sempre ha lagos e peixes escarlates.

O chão é forrado com *tatamis*, esteiras urdidas de palha de arroz, brancas, macias, agradaveis.

Numa certa posição, junto ao canto da sala, fica o braseiro e num pau que pende do tecto ha um gancho onde é dependurada a chaleira com agua fresca.

A sala está cheirosa mercê do perfume que estala nas orasas.

Em almofadas de seda espalhadas mais ou menos em hemisphero estão sentados os conyivas já purificados de corpo e de espirito, porquanto ao entrar, em uma fonte rustica do jardim, banharam as mãos, e do pensamento baniram tudo que pudessem toldar a crystallinidade daquelle acto hierático.

Começa a cerimonia que tanto pode ser effectuada por um homem ou por uma mulher.

Uma donairosa *musumé* entra com uma bandeja nas mãos. Bello e en- a-erta-lhe o corpo, deixando apenas transparecer o formato do quadril, porquanto o *obi* — faixa cara e de encantador matiz — enrola-lhe o busto comprimindo-lhe os seios e desvirtuando-lhe, totalmente, o fâcies do corpo. Lá vem ella, a *musumé*, com os *tabis* brancos nos pés com as pontas voltadas para dentro e deslizando docemente, como a acariciar a palha do chão, afim de serem cumpridas á risca todas as formalidades do culto.

Ha abstenção completa de barulho ou ruido. Todos os olhos estão convergidos no *sensei*, o professor que dirige a cerimonia.

Na nossa frente ha doces em pequenas bandejas. Comemol-os com prazer.

O mestre colloca o chá na taça e em seguida a agua que já ferve. Com o pincel inteiro, que tem de um lado um cabo e de outro o talo do bambú esfarripado, mexe o conteúdo e offerecc-nos, por intermedio de sua mimosa ajudante.

O aspecto do que está dentro da tigella envidraçada é duma gomma verde com tenue espuma branca. Com as duas mãos espalmadas e paralelas seguramos a taça, collocando dentro della os olhos não gulosos, mas interrogadores. Sorvemos o espesso liquido a pequenos goles, como quem procura gozar pelo maior tempo possivel o sabor do nectar dos Deuses.

Se a primeira impressão foi má, o resultado final foi magnifico. E sinceramente podemos dizer: Que delicia! Havia qualquer cousa de mysterioso que influa em nós, dando-nos um prazer indizivel ao espirito e um gosto agradável á bocca que sorvera o chá sem assucar após haver ingerido assucarados bolinhos de feijão e arroz. Que cousa extranha! Que ambiente de paz reconfortador! Que sossego inenarravel!

Terminada a bebida, limpa-se com um papel fino, que está á nossa frente, a beira da taça e entrega-se-a á menina que de joelhos está vis-á-vis de nós.

Quatro horas dura a cerimonia do chá, mas para nós foi rápida — somente hora e meia. Somos julgados incapazes de longa meditação e por isso tudo para nós é mais ligeiro e singelo. Os movimentos foram reduzidos a setenta e cinco, para que não nos aborrecemos com a monotonia do ritual, onde a lentidão, o silencio e a quietude imperam.

Assistia a varias ceremonias, porém a que descrevi foi observada numa escola que vem passando de geração a geração, por mais de quinhentos annos. Um velhinho com duas encantadoras filhas, já moças, é o actual *sensei*. Contou-nos que em 1923 sua casa fôra destruida pelo violento terremoto que quasi arrasou Tokio e Yokohama. Assim que a furia da Natureza amainou elle, como os demais japonezes, tratou de refazer tudo que fôra destrôgado.

Procurou nos escombros aquillo que era capaz de ser aproveitado e reegueu, novamente, sua casinha, na qual elle distinguia as vigas seculares que haviam firmado o tecto dos seus antepassados. Que belleza e que ingenuidade ha na veneração dos nippões por tudo que recorda seus avoengos!

Vista a galope a cerimonia, vamos ver, também, de relance a lenda do chá que veio da China, como muitas outras cousas que enriqueceram a civilização do Mikado.

Darumá, um apóstolo do budnismo, abalançou-se da India, seu paiz natal, e em longa peregrinação atravez do interminavel solo da Asia, chegou um dia ao Imperio Ce-

leste. Fez prodigios na propaganda da fé que o embalava.

Apesar da pureza de seus sentimentos certa manhã acordou aborrecido, quigá pelos maus sonhos que povoaram seu cerebro no decorrer da noite. E resolveu, sem que se saiba por que, cortar as palpebras e arremessal-as ao chão em gesto desesperado. E como do olho do indiozinho amazônico nasceu o eixir da longa vida — o guaraná — das palpebras do santo bonzo brotou um arbusto, que foi crescendo e tomando a forma de uma moita redondinha, como a bairiga daquelles que a vida passam só rezando.

Tendo o chá nascido dum santo, é, pelos que acreditam na lenda, santo também.

As primeiras noticias que se tem do apparecimento do chá no Japão datam do anno 729 da nossa era, por occasião de uma festa religiosa dada pelo imperador Shomu, na qual foi servido chá aos convidados.

Hoje pode-se ver extensas e bellissimas plantações de chá nas proximidades de Kioto e em Shizuoka. Na época da colheita é um prazer ver as raparigas colhendo os brotos, com as mangas dos kimonos presas ás costas por uma fita encarnada.

Wenceslau de Moraes, que viveu pensando nas cousas japonezas e repousa junto á sua amante Ko-Haru, na terra que tanto amou, é o autor do trecho que se segue: "No campo as raparigas. Nas casas, os homens, os velhos, as creanças. Será rara familia que não tenha interesses na labuta, as grandes fabricas constituem excepção, como em todas as industrias primitivas japonezas; em cada albergue se improvisa uma manufactura modesta, familiar, onde todos trabalham, risonhos, palestrando. O chá é escolhido, escaldado, posto a secçar, grelhado em fornos, enrolados as folhas ou reduzido a pó, depois empacotado, guardado em latas, em caixas, em boiões; um melindroso amanho que requer mãos incansaveis, dedos prestimosos, cuidados inauçitos, segredos de processos, meticulosidades devotas que espantam os profanos, nas quaes collabora a gente toda válicia daquelles arredores."

Ao descrever o ceremonial a que me foi dado assistir em Tokio, muito de propósito deixei de falar num lenço vermelho que tem o nome de *hikidashi*. A mocinha encarregada da cerimonia o traz sempre dependurado ao longo do corpo, preso por uma ponta na parte superior do *obi*. Com elle limpa todos os apetrechos que serão utilizados.

Fiquei matutando o porque da cor do lenço, que também podia ser guardanapo ou panno de pratos. A nuance era por demais escura para o fim a que se destinava o objecto.

Não pude atirar com o motivo que justificasse tal excentricidade. Indaguei. Soube que um drama de amor envolvia o assumpto.

— De amor?

— Sim, os japonezes ás vezes também amam como os occidentaes — respondeu o meu cicerone, acrescentando: "Se está interessado, escute."

Kichisa era filho unico. Na visinhança de seu lar havia um outro casal, também com uma filha unica — O-Kichi.

Cupido resolveu complicar a vida desses dois jovens, fazendo com que se amassem. Nada mais natural que o moço se casasse com a donzella. Porém tudo estaria ás mil maravilhas se elles não fossem filhos unicos. Todas as familias desejam perpetuar seu nome; e assim Kichisa teria que casar-se numa familia prolifica, afim de que seu nome fosse dado á esposa, succedendo exactamente o mesmo com O-Kichi que daria seu sobrenome ao marido que seus pais escolhessem numa familia com mais de um filho. Estaria tudo resolvido na conformidade da tradição milenar. Mas Cupido não entendeu assim, e os dois se amaram apaixonadamente.

O-Kichi, apenas com quinze annos, nada queria attender, lobrigando apenas imperdoavel casmurrice dos velhos. E, agindo por mau pensamento, ateou fogo ao casebre onde morava, para que, livre de tudo e de todos, pudesse realizar seu sonho dourado.

Descoberto seu acto criminoso, consoante rezavam as leis coevas, foi condemnada á morte, sendo primeiramente apresentada ao publico montada num cavalleto.

la pelas ruas da aldeia pejada de vergonha, com os olhos baixos, as mãos tremulas, e os cabellos soltos ao vento como então era uso. Os fios longos de sua belleira bailavam no ar e, de quando em vez, fustigavam sua face, como se assim fosse.

Conclue na pag. 38

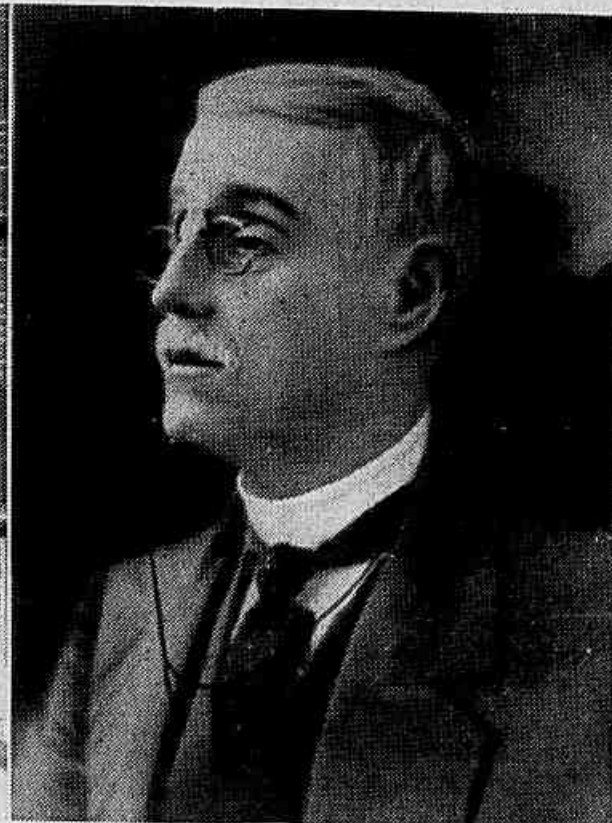
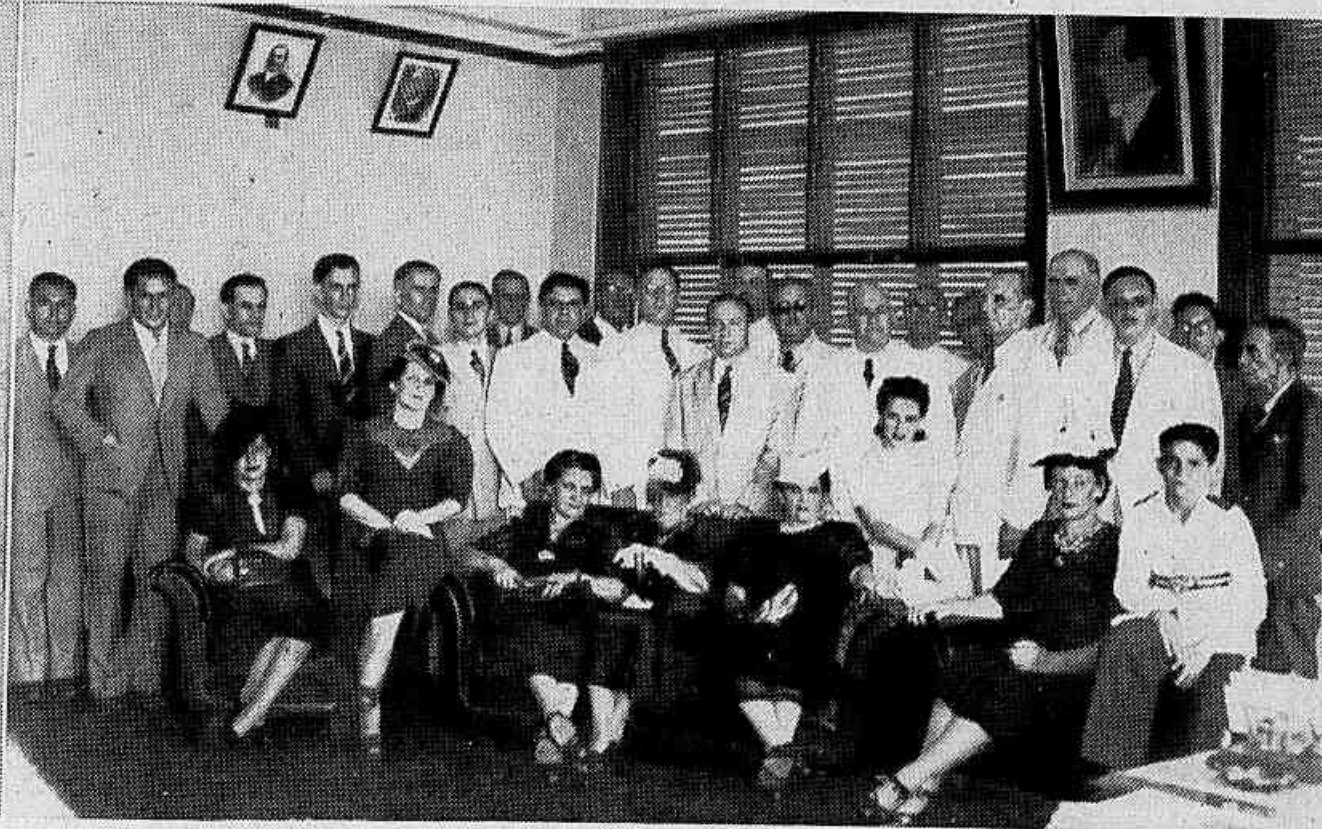
O autor em companhia dum velho e famoso professor de cerimonia do chá.



Aprenderam, e vão ensinar...



A cerimonia de collação de gráu das novas professoras, no Instituto de Educação, revestiu-se de toda a imponencia. Nesta gravura, vê-se parte da assistencia á solemnidade e o grupo das jovens diplomadas de 1940, em serviço photographico especial da REVISTA DA SEMANA.



Commemorando a data da emancipação do Paraná, o Centro Paranaense, nesta capital, realizou sessão solenne em sua séde. Foram inaugurados, no salão nobre, os retratos do ex-presidente Vicente Machado da Silva Lima e do ex-senador Generoso Marques dos Santos, sendo também prestadas homenagens ao historiador Rocha Pombo e ao escriptor e pedagogo Nestor Victor — todos fallecidos. Usaram, por essa ocasião, da palavra: d. Rachel Prado, oradora official do Centro; Napoleão Lopes, director, e os dres. José de Albuquerque, Walfredo Machado, do Centro do Maranhão, e desembargador Mello Rocha. O presidente, commendador J. M. de Faria, saudou o novo presidente da directoria então empossada, capitão Stoll Nogueira, que fallou agradecendo.

Noticiário Elegante

ANNIVERSARIOS

JANEIRO
Hoje 11º dia
11
SABADO

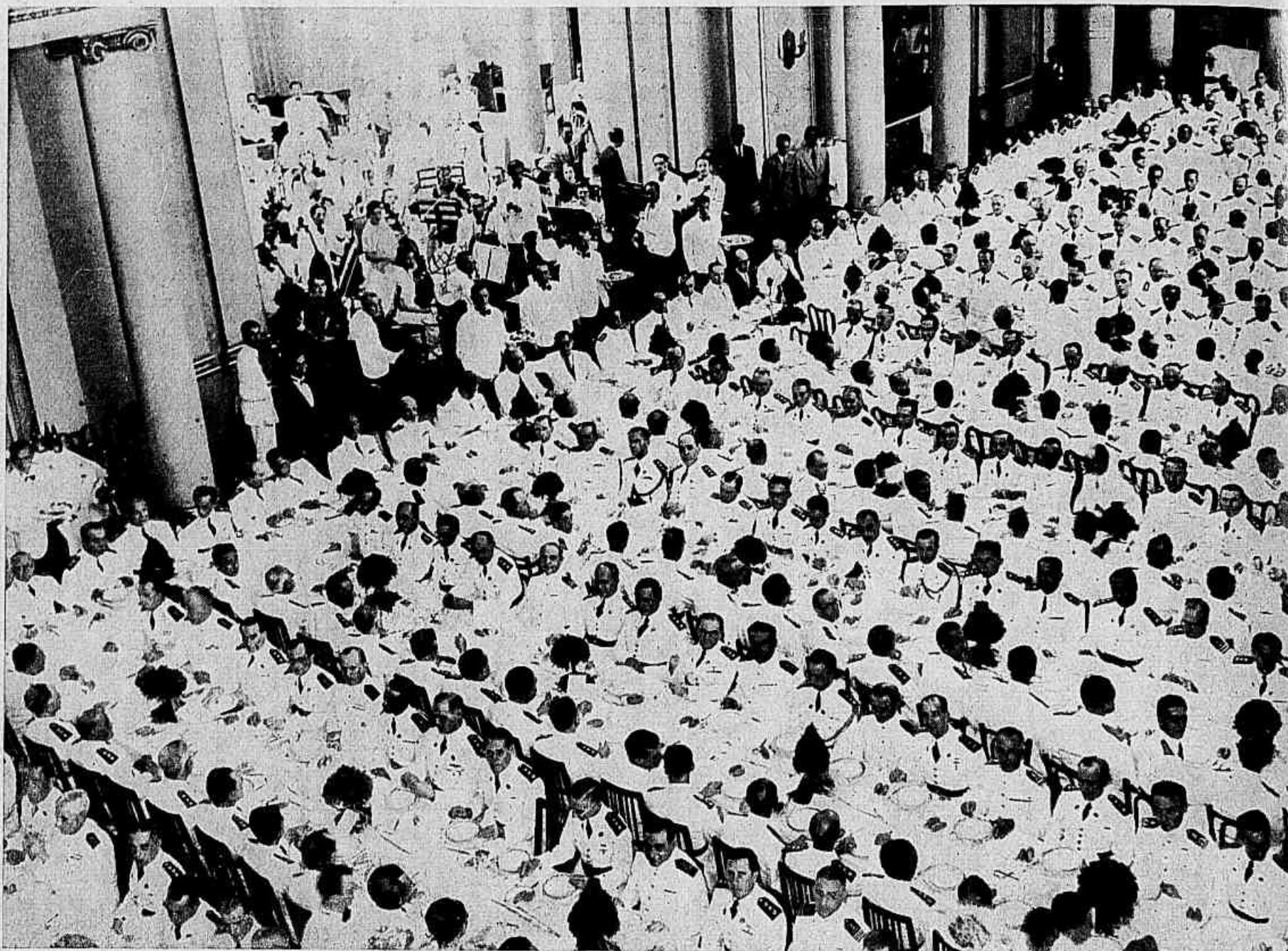
As sras. Sarah Verne de Abreu e Alcinda Palmeira da Silva; o general Manoel Rabello; o jornalista Candido de Campos; os drs. Galdino Travassos, Alarico Silveira, Cornelio Vaz de Mello e Ernesto Cony Filho.

JANEIRO
Quarta-feira 12º dia
12
DOMINGO

A sra. Maria de Lourdes Vallim Balthazar da Silveira; a senhorita Guimar de Lima Costa; os drs. Luiz Lyra e José Rodrigues Barbosa; o dr. Celso Vieira, da Academia Brasileira.



A senhorita Lina Camara Sobral Pin'o recém-diplomada contadora pelo Collegio da Companhia de Santa Teresa de Jesus. A jovem graduada é filha do dr. Luiz Sobral Pinto, medico da Saude Publica e Superintendente Geral de Ensino da Cruzada Nacional de Educação.



Aspecto parcial da mesa do almoço, de 1200 talheres, que o Exército e a Marinha ofereceram ao presidente da Republica no Automovel Club no ultimo dia de 1940. O sr. Getulio Vargas, que se vê ladeado pelos titulares das pastas militares, general Eurico Dutra e almirante Aristides Guilhem, foi saudado pelo ministro da Marinha.

JANEIRO
Quarta-feira 13º dia
13
SEGUNDA FEIRA

As sras. Nair Teixeira de Mello Milanez e Gastão Maranhão; o embaixador Leão Velloso Netto; o coronel Costa Netto; os drs. Abel Guimarães Porto, Juvenal Murtinho Nobre e Armando Vidal Leite Ribeiro.

JANEIRO
Quarta-feira 14º dia
14
TERÇA FEIRA

A sra. Mazzini Bueno (née Lauro Muller); os drs. Sergio Barreto, Eloy de Andrade e Edgard Soutello.

JANEIRO
Quarta-feira 15º dia
15
QUARTA FEIRA

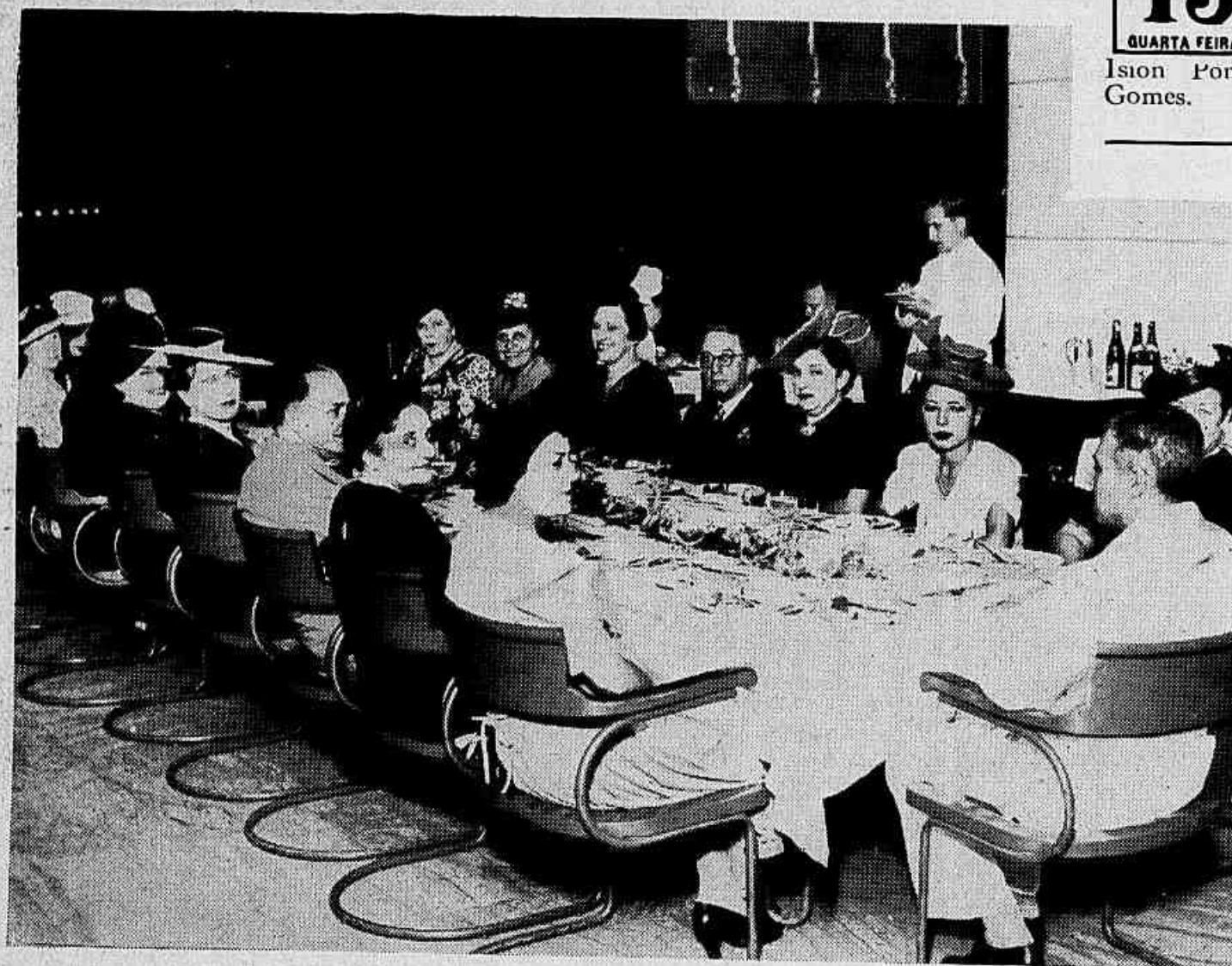
A sra. Giselda Feijó Pereira Pinto; o ministro João Severiano da Fonseca Hermes; o coronel Theodoro Pacheco Ferreira; os drs. Alberto Toledo Bandeira de Mello e Alberto Ison Ponte; o sr. Manoel Ferreira Gomes.

JANEIRO
Quarta-feira 16º dia
16
QUINTA FEIRA

As sras. Judith Alves Alvarenga, Elza de Moraes Singer e Carmen Limoeiro; o dr. Marcello Silva.

JANEIRO
Quarta-feira 17º dia
17
SEXTA FEIRA

A sra. Eugenia Dutra; o embaixador Olyntho de Magalhães; o dr. Jorge Dodsworth.

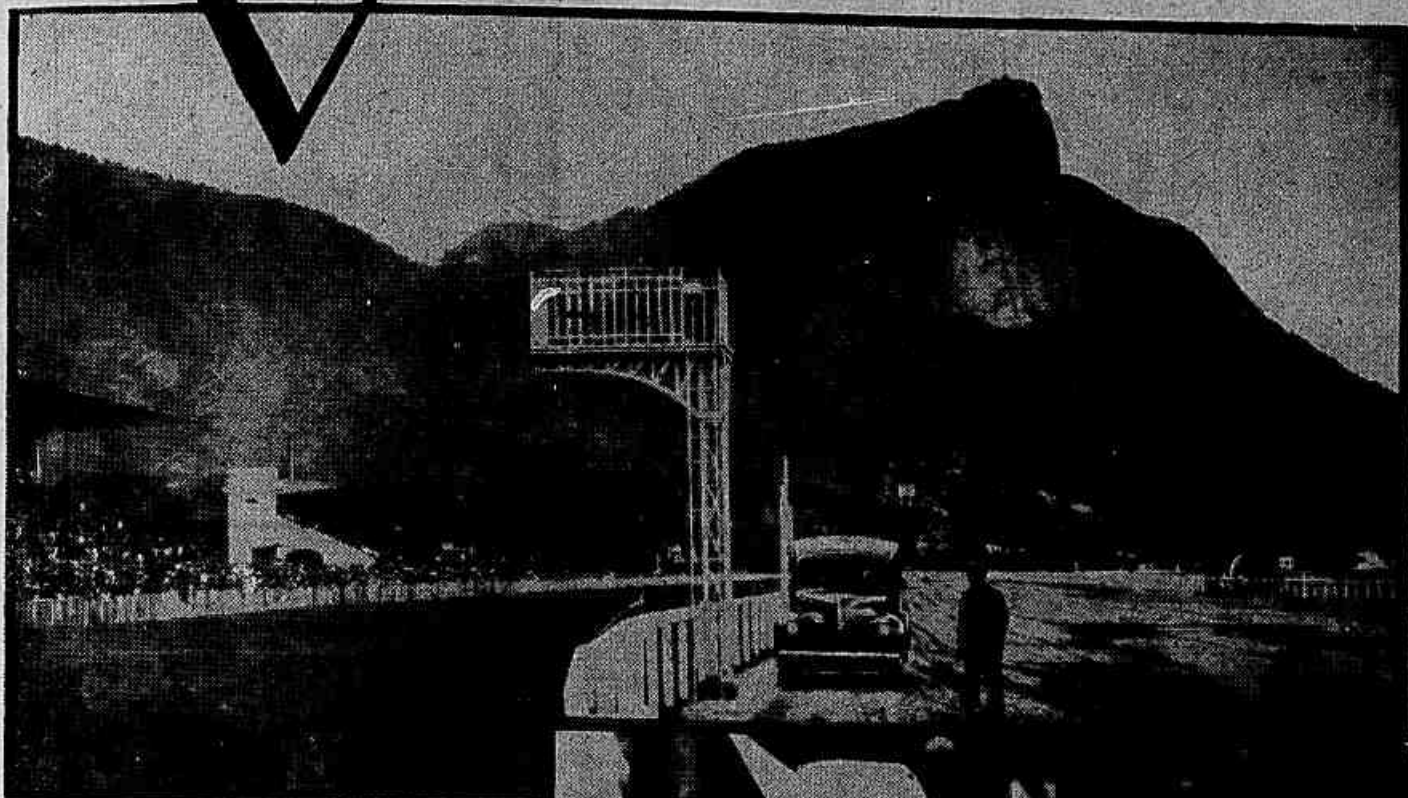


Jantar oferecido pelas Diretoras da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra em homenagem aos Presidentes das Sociedades dos Estados, em visita ao Rio. A' cabeceira da mesa o dr. Emami Agrícola, diretor da Divisão de Saúde Publica nos Estados. A' esquerda, dr. Mirocles Veras e snra., presidente da Sociedade de Assistência aos Lázaros de Parahyba, Piahy; senhorita Noemy Medeiros, vice-presidente da Sociedade de Assistência aos Lázaros de Juiz de Fora; d. Aurea Agrícola, dr. Edgard Teixeira Leite, presidente do Conselho Deliberativo da Sociedade de Assistência aos Lázaros de Pernambuco; senhorita Suzana Oliveira, da mesma Sociedade e d. America Xavier da Silveira, presidente da Sociedade de Assistência aos Lázaros do Distrito Federal. A' direita: Snra. Dagmar Gentil, presidente da Sociedade Cearense de Assistência aos Lázaros; senhorita Neuza Feital, secretária da Federação; snr. Antonio Pereira Leal e snra., presidente da Liga contra a Lepra do Pará; Snra. Eunice Weaver, presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros; senhorita Irene Pereira Leal, da Liga contra a Lepra, e snra. Olga Teixeira Leite, tesoureira da Federação.



A gentil senhorita Maria Bustamante de Carvalho, alumna do Instituto de Educação, filha de d. Moema Bustamante de Carvalho e do dr. Luiz Gonzaga Castilho Carvalho.

V ERANEIO...



MG
RIO!



O verão foi consagrado pela cidade como a estação sem divertimentos, em que as actividades artisticas e sociaes são consideradas impraticaveis. Processa-se verdadeira transumancia na direcção das montanhas e cidades de clima ameno, por parte da população de nossa capital nesta época do anno. O unico centro de elegancia que conserva intensidade e interesse em suas reuniões é o hippodromo do Jockey Club Brasileiro. E é com indissolvel prazer que, ás tardes de domingo, o carioca sobe ao magestoso centro turfista da Gavea em busca de um refugio e na certeza de alli encontrar o sorriso confortador das heroicas apreciadoras do sport aristocratico.

Noticias e commentarios

A nossa capa



Aspecto obtido para esta Revista durante a cerimonia de collação de gráo dos alumnos da Escola Amaro Cavalcante, no salão de festas da Escola Nacional de Musica. Ao centro do grupo feminino, o professor que paranymprou o acto solemne.

Perto da cidade de Ponta Grossa, no Paraná, ha, em pleno descampado, enorme massa rochosa que se eleva do nivel do campo numa altura de 25 a 30 metros, estendendo-se sua frente por cerca de um kilometro, com a profundidade de 500 metros, mais ou menos. E' uma extensa e pittoresca pedreira de grés avermelhado, cheia de córtes, incisões, talhos, fendas, lascas, pannos e lanços de muros, que simulam ruínas de cyclopicos edificios, torres, castellos, fortalezas, cathedraes, gigantescas esphinges de varios aspectos e verdadeiras ruas.

De longe, toda essa maravilha natural de Villa Velha dá a impressão de restos de immensa fortaleza; de mais perto, porém, tem o aspecto de uma grande e abandonada cidade em ruínas, que deslumbra os olhos dos viajantes.

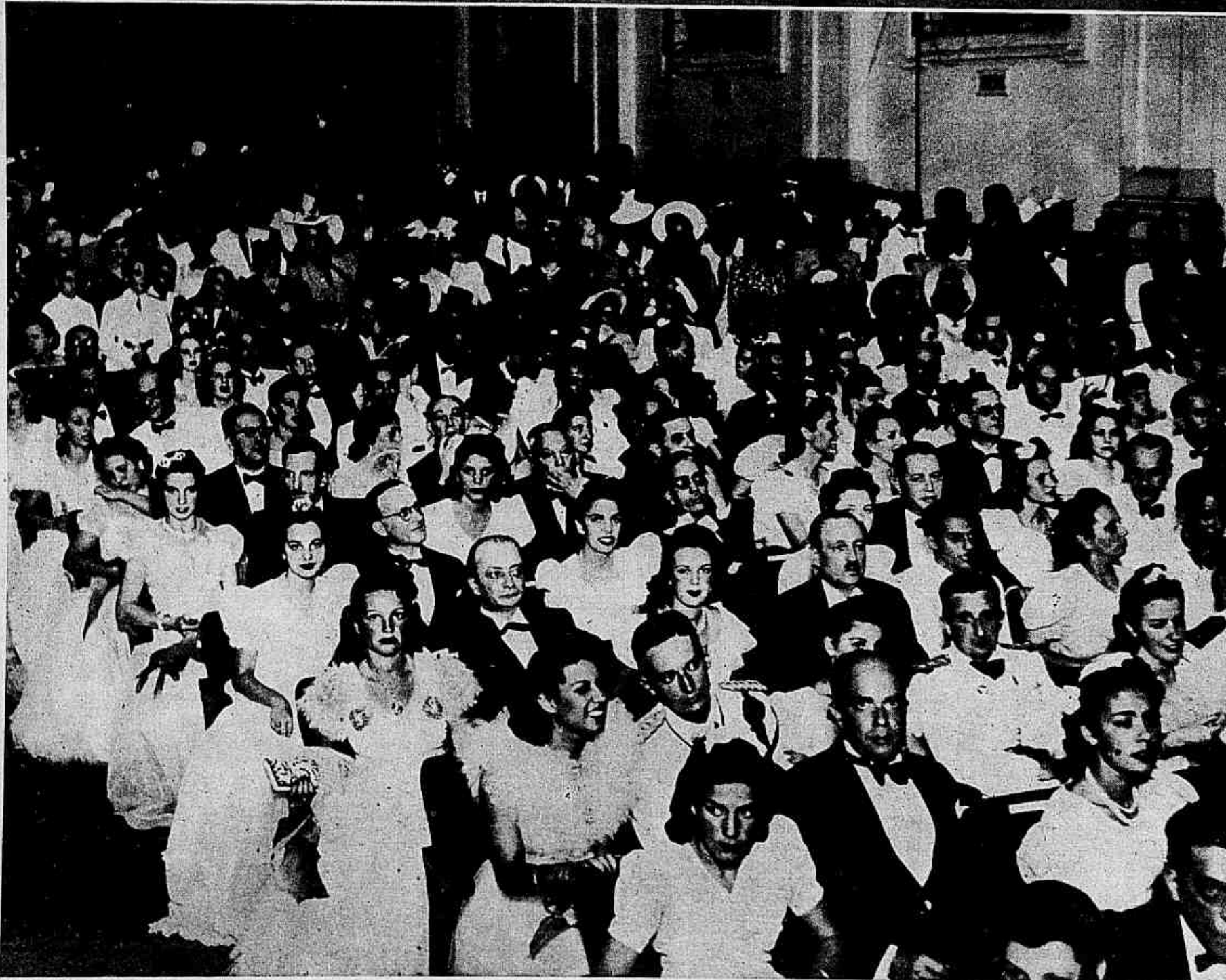


Alguns massiços que se agrupam toucam-se de relva, suggestivamente cobertos de verde. Dahi, desses observatorios naturaes, o panorama é empolgante.

Em toda essa maravilha da natureza impera a diversidade. Os aspectos não se confundem nem se repetem. Ha, em determinados logares, grutas extranhas e ruas subterraneas que são um labirinto.

Diz uma lenda antiga que isso que hoje se vê foi uma cidade que submergiu e que um dia reaparecerá.

A nossa capa fixa — através de linda photographia do sr. Ovidio Bittencourt Ribas — um aspecto parcial de Villa Velha.



A collação de grau das bachareladas de 1940, da Escola Secundaria do Instituto de Educação. Ao alto, grupo das bachareladas, que tem ao centro seu director coronel Arthur Rodrigues Tito; em baixo, aspecto do Auditorio do Instituto de Educação, onde se realisou a solemnidade.

COISAS NORTE-AMERICANAS

Uma revista norte-americana registra na sua secção de variedades estas coisas interessantes:

Na Bibliotheca Publica de Nova York ha 9.500 volumes sobre electricidade e apenas 7.000 sobre astronomia, sciencia que, como se sabe, é cultivada ha milhares de annos. Sobre metallurgia e mineração existem alli nada menos de 12.000 volumes.

— As tartarugas dos desertos do sudoeste dos Estados Unidos ingerem ás vezes tanta agua duma vez que o seu peso augmenta mais de 40%.

— As fabricas de gelados dos Estados Unidos empregam annualmente uma quantidade de leite superior á que possa ser produzida por um milhão de vaccas.

— Nos Estados Unidos não podem ser dados aos cavallos de corrida nomes de mais de quatorze letras.

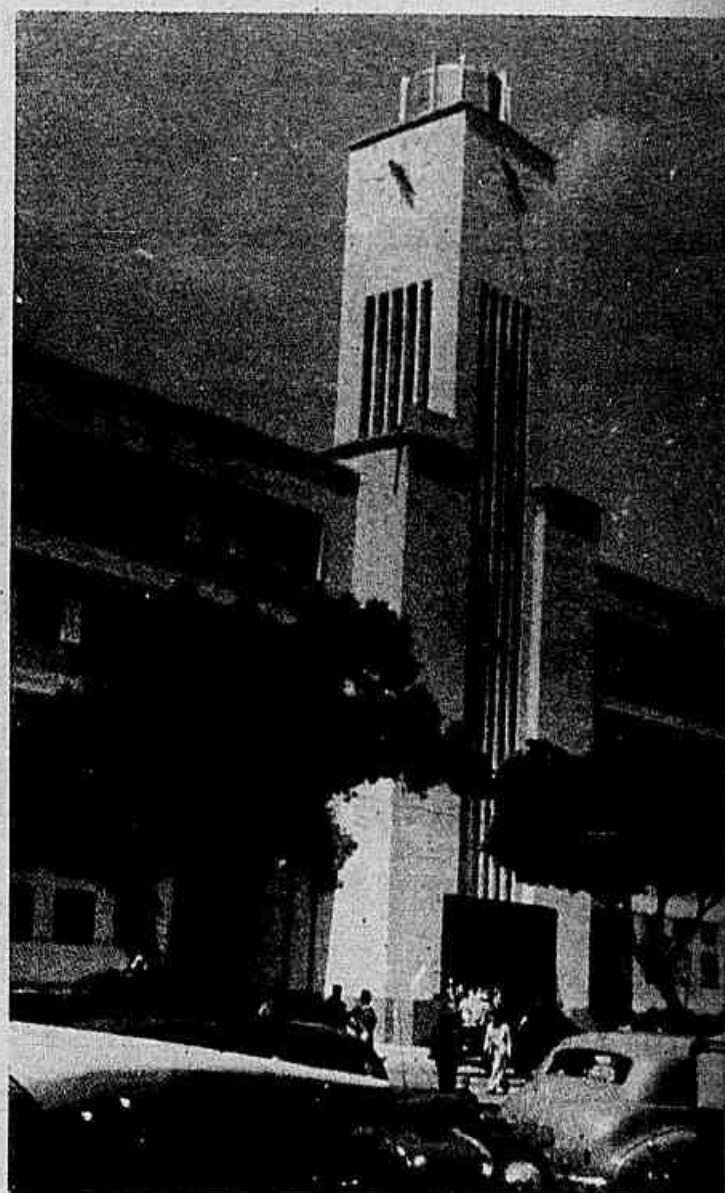
— Os archivos da Repartição Geral de Investigações de Nova York contêm 250.000 alcinhas usadas por malfiteiros.



Senhorita Esmeralda Ramalho, da nossa sociedade, filha do sr. Manoel Ramalho e de d. Herminia Ramalho.



Entrega de diplomas aos decoradores que concluíram o curso de aperfeiçoamento de Artes Decorativas da Universidade do Brasil. Aspectos tomados no salão nobre da Escola Polytechnica, vendo-se ao alto a mesa que presidiu aos trabalhos — e, assinalado, o professor Fléxa Ribeiro, director do Curso — e em baixo, grupo parcial dos diplomados.



O novo edificio da Imprensa Nacional inaugurado, ha dias, pelo sr. Presidente da Republica.

naram na Inglaterra, em Junho ultimo, 479 mortes, contra 493 em igual mez de 1938.

NO MUNDO DO AUTOMOVEL

Na Suécia estão se fabricando automóveis accionados a lenha. Uma das mais importantes fabricas suecas do genero é a de Volvo.

— Em Londres ainda se conservam os signaes de transito collocados em 1868.

— Em pleno deserto do Sahara ha um posto de soccorro e fornecimento a automoveis. O respectivo encarregado construiu uma habitação com velhas carrosseries de omnibus. O posto mais proximo é dalli a 560 kilometros.

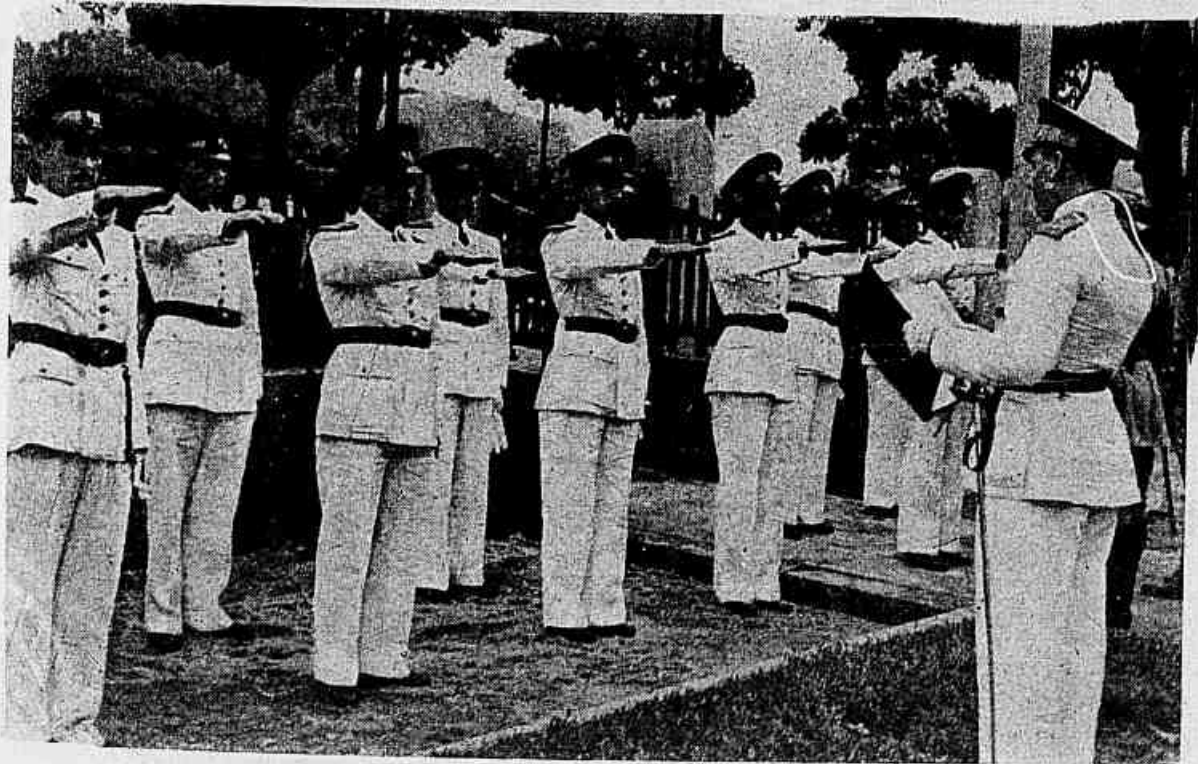
— O Canadá está desenvolvendo um grande plano de vias de comunicação. As novas estradas para automovel são semelhantes ás mais modernas dos Estados Unidos.

— A Hungria importou, durante o anno proximo findo, mais de 7.000 automoveis, a maior parte dos quaes de procedencia allemã.

— Os accidentes de transito occasio-



A passagem do 14.º anniversario da fundação do Club dos Advogados, desta capital, foi festejada numa reunião de sua directoria que teve a presença dos mais prestigiosos causidicos dos nossos auditorios. Neste cliché, fixado expressamente para a Revista da Semana, figuram os directores do Club dos Advogados e alguns de seus convidados, e a mesa que presidiu á commemoração festiva.



Flagrante do acto de compromisso dos Medicos Veterinarios do Exercito que acabam de receber grão, incorporados nos ultimos dias de 1940.



Aspecto do chá offerecido ao professor J. Octaviano pelas suas alumnas que concluíram o curso no Instituto Nacional de Musica.



Hayendo-se o nosso illustre confrade Elmano Cardim tornado co-proprietario do **Jornal do Commercio**, que dirige ha tempo com a maior proficiencia e onde na qualidade de red.c.or ha vinte annos actua com brilho, os seus collegas da redacção do velho orgão da imprensa carioca promoveram grande manifestação de cordialidade a que esteve presente a exma. viuva Felix Pacheco, tambem proprietaria do decano dos nossos diarios, e o presidente Herbert Moses, da Associação Brasileira de Imprensa. Nestes flagrantes das homenagens a Elmano Cardim vê-se o escriptor João Luso, folhetinista do **Jornal do Commercio** e seu redactor theatral, nosso companheiro da "Revista da Semana", quando falava em nome dos companheiros do homenageado.



Por motivo da inauguração do seu novo consultorio, o dr. Fernando Diaz foi alvo de expressiva manifestação de apreço por parte de seus clientes e amigos. Aqui fixamos um aspecto da homenagem que lhe foi prestada.

BERGSON

O patrimonio espiritual do mundo perdeu na segunda-feira ultima uma de suas mais ponderaveis parcelas. Morreu Bergson!

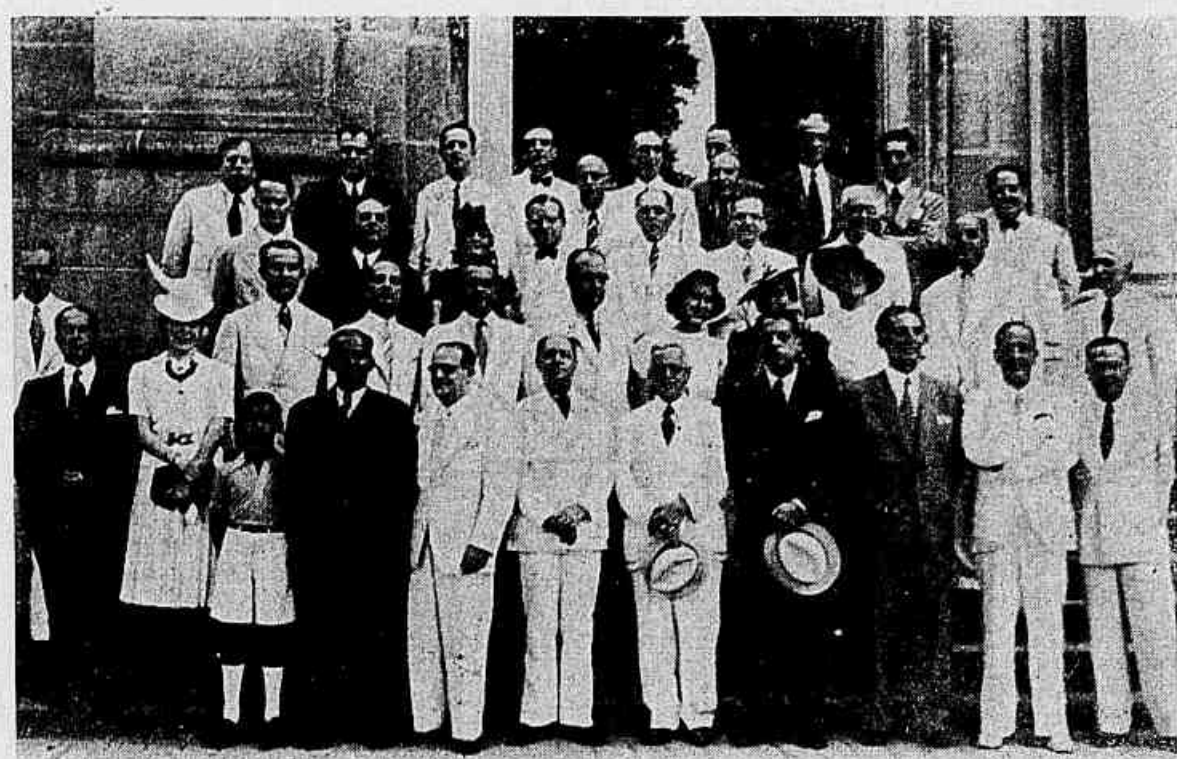
A philosophia contemporanea tinha nelle sua expressão maxima. Professor do Collegio de França, membro da Academia de Sciencias Moraes e Politicas e da Academia Franceza, Henry Bergson foi tambem o detentor do Premio

Nobel de Litteratura, de 1927. Sua obra opulenta e profunda, de projecção mundial, penetrou largamente no pensamento moderno, notadamente "Materia e Memoria" e "Evolução Creadora".

Pontificando na cathedra do Collegio de França, Bergson, judeu nascido em Paris, recusou a isenção que lhe foi

offerecida da lei que vedava aos judeus a occupação de posições educacionais, e renunciou ao cargo que lhe pertencia no notavel instituto de Francisco I.

Bergson, que viu a luz do dia em Paris, em 1859, ahi cerrou os olhos para sempre, aos 82 annos de idade.



Os bachareis em Direito que collaram gráu em 1915, no Rio, fizeram celebrar missa votiva pela passagem anniversaria de sua formatura. A' cerimonia religiosa estiveram presentes alguns mestres da turma laureada ha vinte e cinco annos.

REVEILLON NA URCA



Aqui reproduzimos dois detalhes da incomparavel noitada de festa com que foi recebido no Casino da Urca o anno novo. A sociedade carioca alli reunida, numa sincera homenagem aos idolos da alegria, deu um adeus barulhento ao anno que findava e recepcionou 1941 com uma prophecia de grandes felicidades...



Erico Verissimo, o victorioso escriptor gaúcho, de passagem pelo Rio, a caminho dos Estados Unidos, realizou no auditorio da Associação Brasileira de Imprensa uma conferencia intitulada "Viagem através da litteratura americana". Vemolo-o, em photographia, produzindo sua interessante palestra para uma numerosissima assistencia, de que a photo á direita dá um aspecto parcial.



O almoço offerecido ao embaixador Baptista Luzardo, em regosio pela sua actuação como representante diplomatico do Brasil junto ao governo do Uruguay, e por iniciativa de uma comissão constituída pelos ministros Oswaldo Aranha e Souza Costa, general Góes Monteiro, major Filinto Muller, major Carneiro de Mendonça, srs. João Neves, Negrão de Lima, Levi Carneiro, Leonidio Ribeiro, Euvaldo Lodi, Manoel Pereira Guimarães e coronel Benjamin Vargas. Vê-se o homenageado entre os srs. Oswaldo Aranha, ministro do Exterior, e general Eurico Dutra, ministro da Guerra.

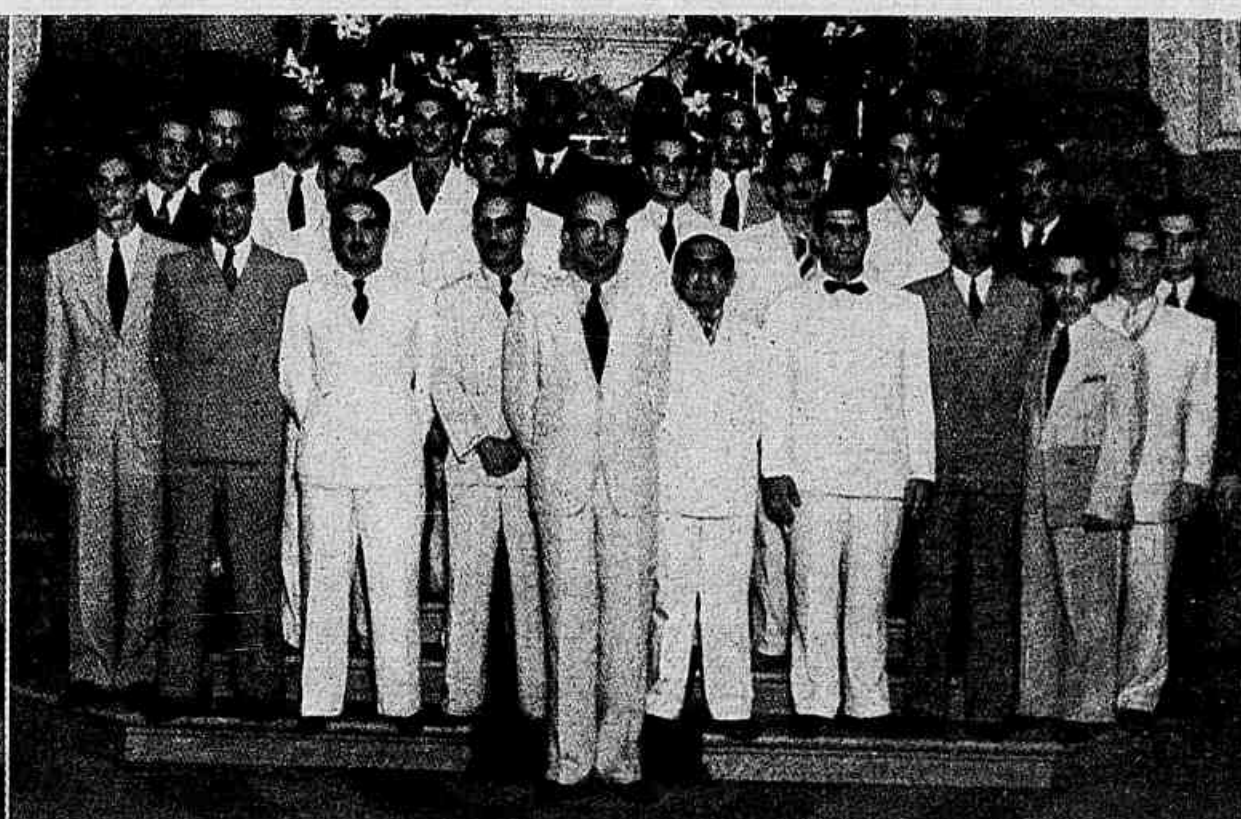


Entrega de diplomas aos officiaes que terminaram o curso de artilharia de Costa, no Forte de S. João, com a presença dos srs. ministro da Guerra e chefe do Estado Maior do Exército, generaes Gaspar Dutra e Góes Monteiro.

Bôas Festas

Além dos cumprimentos pela entrada do Anno Novo que já registrámos, desvanecidos, recebemos mais os seguintes, que retribuimos cordialmente:

de "O Globo"; Banco de Credito Commercial e Constructor; escriptora Mariza Lira; gerencia do Palace Hotel (Juiz de Fora); Luiz de Carvalho — Typographia Alagoana (Maceió); Imper Ltda.; Casa Leandro Martins



Os novos professores de Educação Physica da Universidade do Brasil, acompanhados de seus paranympchos, assistiram á missa solemne na Candelaria celebrada para festejar a conclusão do curso.

DR. RAUL LEITE -- Homenageada sua memória pela nova directoria dos Laboratorios Raul Leite S./A.



Num gesto elevado, a directoria recém-empossada dos Laboratorios Raul Leite S./A. compareceu ao Cemiterio São João Baptista, para prestar homenagem á memória do saudoso dr Raul Leite, fundador daquella importante organização. Para traduzir a saudade de todos aquelles que allí trabalham, o sr. Manoel Seixas, director-presidente da grande empresa, depositou uma corôa no mausoléo do dr. Raul Leite. Vêem-se na photographia acima directores e altos funcionarios dos Laboratorios Raul Leite S./A., quando prestavam sua respeitosa homenagem á memória do inesquecível morto.

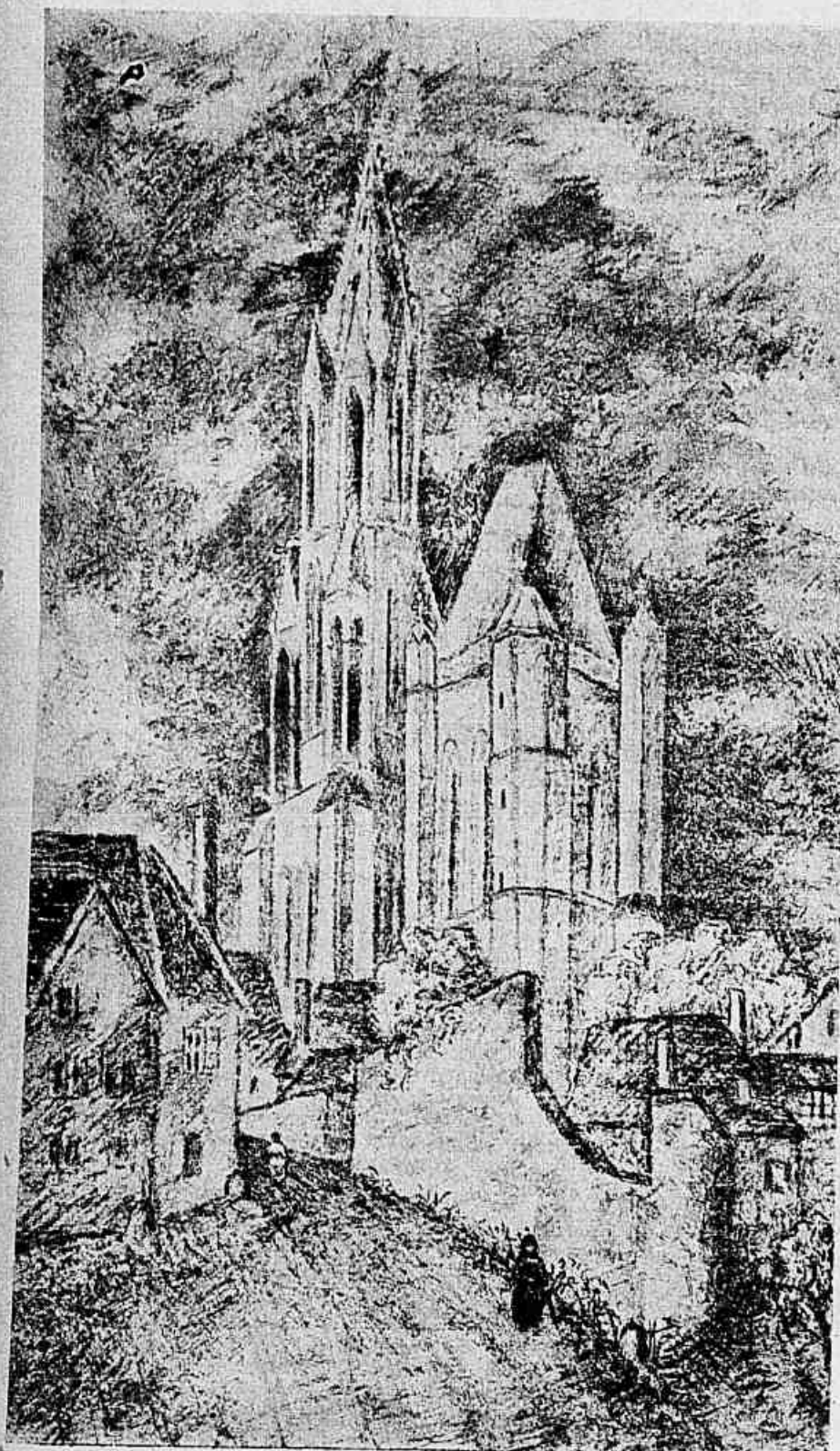
MOLESTIAS DOS PULMÕES
DR. FRIEDMANN
Rua Alvaro Alvim n.º 24, de 1 ás 4.

S. A.; Departamento de Imprensa e Propaganda; Empresa de Propaganda Standard Limitada; pintor Cesar Formenti; Sino S. A.; José Filastrio R. de Albuquerque (B. Horizonte).

NAÇÃO ARMADA
REVISTA CIVIL-MILITAR

Numero de Janeiro á venda

REDACÇÃO:
RUA ALVARO ALVIM, 33 - RIO



Anita Orientar



A sra. Anita Orientar, brasileira de nascimento, depois de longos annos de ausencia, voltou ao Brasil. Sua educação foi processada na Europa. Na França, na Alemanha, na Italia, derivou dos estudos gymnasiaes e universitarios para a pintura, que é a sua grande aspiração. Com um feitiço eminentemente pessoal, faz aquarellas, desenho a crayon, compõe aguas-fortes, dedica-se ao pastel, executa oleos. Sua bagagem artistica revela qualidades e affirma o cunho personalissimo da artista sensível. Estampamos aqui tres produções da pintora patricia que, em visita que nos fez gentilmente, annunciou, á semelhança do que já realisou em Petropolis, que apresentará á sociedade carioca, brevemente, uma exposição dos seus trabalhos.

FAMILIA DE MACROBIOS

Em Portugal, ha quatro irmãos que — caso talvez unico no mundo — contam mais de noventa annos de idade.

Trata-se da familia Ramires, natural da villa de Mafra e composta de tres mulheres e um homem. Com excepção do mais velho, que conta 95 annos e recentemente perdeu a vista, os irmãos Ramires gosam de excellente saúde e de toda a possivel satisfação de viver.

Os outros irmãos têm 94, 93 e 92 annos, respectivamente.

Ha pouco tempo, os quatro macrobios, que vivem em differentes localidades, reuniram-se na terra natal, numa festa de familia. E dessa cerimonia se tirou uma photographia que foi publicada no *Diario de Noticias*, de Lisboa.

PENSAMENTO

O desprezo das riquezas era nos philosophos um desejo escondido de vingar seu valor da injustiça da sorte, pelo desprezo dos proprios bens de que ella os privava; era um segredo para garantir-se do aviltamento da pobreza; era um caminho desviado para ir á consideração, que não podiam ter pelas riquezas.



LYTOPHAN





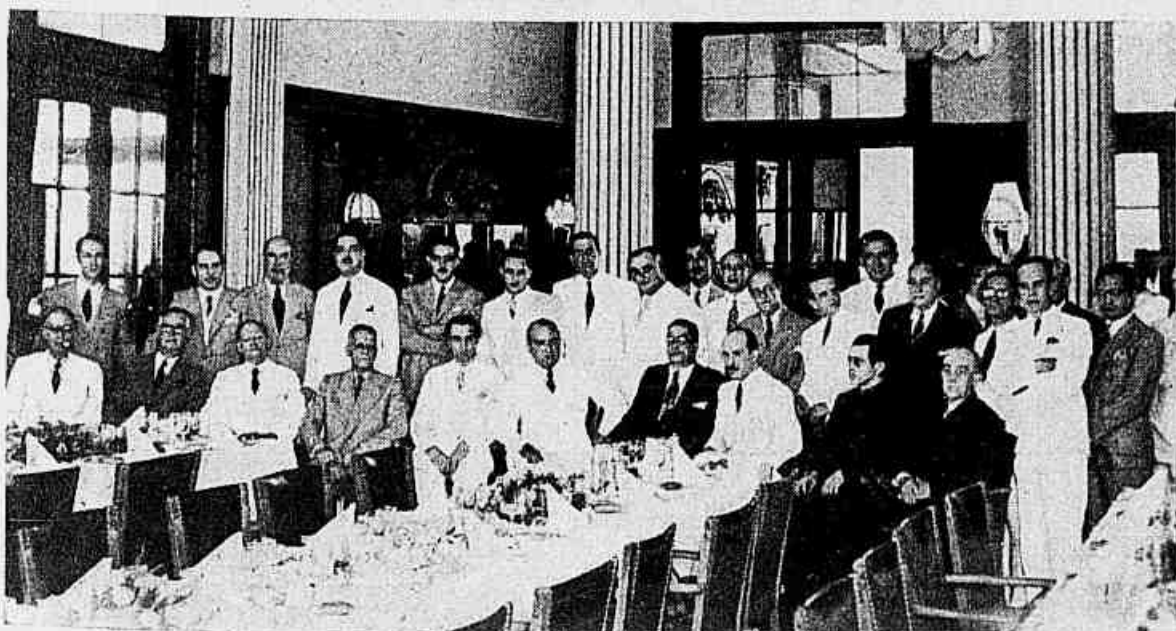
Foi empossada, no Salão Nobre do Lyceu Litterario Portuguez, a nova directoria da Federação das Academias de Letras do Brasil. Vêem-se, sentados, da esquerda para a direita os membros da nova directoria: Eipidio Pimentel, Alcides Maya, Monte Arrais e Francisco Leite. De pé, na mesma ordem, Aldo Delfino, Paulo Bentes, Domingos Barbosa, Carlos Xavier, Costa Filho, Alfredo de Assis e Virgilio Correia Filho. Em baixo, um aspecto da assistencia.



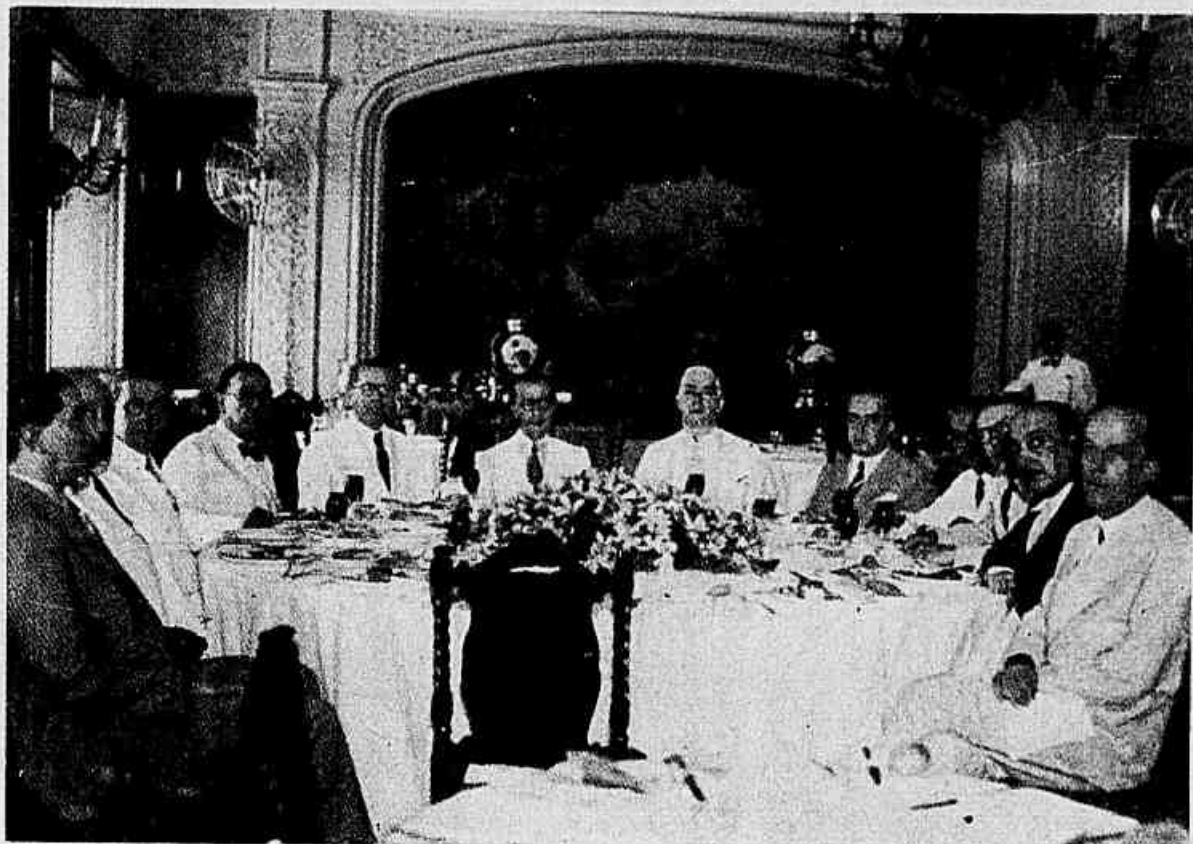
Como nos annos anteriores, a directoria do Touring Club do Brasil offereceu, no Hotel Gloria, um almoço de confraternisação ao seu comité de imprensa na ultima semana de dezembro. Directores do Touring Club e os seus convidados posaram então para a nossa Revista.



Os pobres da Igreja de S. Jorge tiveram este anno nas vespas do Natal a habitual distribuição de viveres pela benemerita Irmandade do tradicional templo. No cliché um flagrante do bôdo e grupo da Irmandade.



Os amigos e antigos collegas do desembargador dr. Saboia Lima offereceram-lhe um almoço no Automovel Club, que foi bastante concorrido.



Almoço commemcrativo do 31.º anniversario de formatura dos bachareis de 1909 da antiga Faculdade Livre de Direito, offerecido ao seu collega, dr. Nelson Hungria Hoffenbauer, que vae representar o paiz no proximo Congresso de Criminologia, a reunir-se no Chile. Vêem-se, da esquerda para a direita, os srs. Olympio Barreto, conferente da Altandega do Rio; Anôr Margarido da Silva, escrivão do Tribunal de Segurança; Alfredo Balthazar da Silveira, professor da Escola Normal; Rodolpho Macedo, advogado e presidente do Instituto dos Advogados Fluminenses; Julio de Oliveira Sobrinho, desembargador; Nelson Hungria Hoffenbauer, juiz de Direito de Orphãos e Successões; Alvaro Macedo, advogado; Pedro Berauó, jornalista e professor; J. R. Monteiro Silva, advogado e professor, Joaquim Portella Santos, juiz dos Feitos da Fazenda em Nictheroy; João Saraiva, advogado, industrial e tambem medico; Mario Cardoso de Castro, ministro do Supremo Tribunal Militar.



Acompanhados do presidente Herbert [Moses, da A. B. I., os jornalistas cariocas visitaram a Exposição Retrospectiva do Ministerio da Guerra. No cliché, o capitão Rubem Rosado Teixeira, da comissão de Construcção do Quartel General, mostra ao leader da classe jornalistica o stand organizado pelo major Antonio Carlos Bethencourt, da Escola de Educação Physica do Exercito.



Grupo dos diplomandos de 1940, do mosteiro de S. Bento, desta capital, posando com os seus paranympfos em seguida á missa celebrada em regosijo pela terminação do curso, na tradicional igreja do templo dos Benedictinos.

MARIA ISABEL DE VERNEY CAMPELLO

Morreu Bebellla. Este era o nome com que acudia, solicita, aos seus collegas e amigos, a professora Maria Isabel de Verney Campello.

Com sua morte perde a Escola Nacional de Musica uma das mais antigas cathedricas.

Tendo nascido no Estado do Rio Grande do Sul, aos 8 de Setembro de 1879, e fallecido nesta capital a 24 de Dezembro de 1940, contava 61 annos de idade. Sua carreira escolar foi intensa. Matriculou-se no Instituto Nacional de Musica nas classes de Solfejo e Canto Coral, a 1 de Abril de 1901, sob a direcção do prof. F. Nascimento, e egualmente na classe de Canto especializado do prof. L. Gillaud.

Num concurso realizado a 13 de Dezembro de 1904, obteve o 1.º premio, Medalha de Ouro, por unanimidade. Desligando-se da vida escolar por conclusão do curso, ingressou no magisterio ainda muito jovem.

Nomeada, por portaria de 30 de Abril de 1904, para o cargo de *monitor de canto*, logar creado pelo Decreto 1.197 de 31 de Janeiro de 1892, tomou posse a 5 de Maio



O ultimo retrato da prof. Maria Isabel de Verney Campello, tirado na E. Nacional de Musica, entre alumnas suas.

do mesmo anno. Nessa occasião recebia a insignificante gratificação annual de rs. 200\$000. A seu pedido, foi exonerada do cargo por despacho do Director de então, maestro Henrique Oswald, de saudosa memória, a 30 de Setembro de 1904.

No anno seguinte, 1905, o Governo brasileiro enviou á Europa a jovem cantora, para realizar um curso de aperfeiçoamento. O paiz escolhido foi a Italia, patria de Caruso, onde estudou com o conhecido maestro Sabatini.

Depois de ter estreado como cantora de opera em varios theatros da Italia, seguiu para Londres, onde cantou no *Covent Garden*.

Mais tarde, já em 1911, foi nomeada professora de Canto, logar creado no Regulamento approved pelo Decreto n.º 9.056 de 18 de Outubro de 1911, tendo assumido a investidura do cargo a 25 do mesmo mez e anno, cargo que sómente com a morte abandonaria, depois de haver prestado á Escola 29 annos de serviços inestimaveis, 29 annos de serviços prestados á Escola que tanto amou, os quaes nem mesmo a inclemencia do tempo, que tudo esquece e tudo apaga, fará desaparecer.

Mas não foram só essas as actividades da illustre professora. O Congresso Nacional concedeu, pelo Decreto n.º 3.972 de 31 de Dezembro de 1919, um premio de viagem á Europa a sua irmã, professora Maria Campello Barroso, tambem cathedrica de canto na Escola N. de Musica, e que foi sua alumna, e partiram as duas para o Velho Mundo no intuito de se aperfeiçoar na arte que professaram.

Regressando ao Brasil, aqui iniciou Bebellla suas actividades didacticas, já então com mais idade e, consequentemente, mais experiencia, alliadas a maiores conhecimentos dos assumptos relacionados com a sua cathedra.

A estima de que gozava na Escola Nacional de Musica a illustre extincta é attestada por dois factos altamente significativos: o primeiro, ter sido membro do Conselho Technico Administrativo durante varios annos, sempre eleita por maioria de votos, pela Congregação; e o segundo, mais significativo ainda, é ter sido a primeira mulher que occupou o logar de Membro do Conselho Universitario do Brasil, tambem eleita pelos seus pares.

Não cabe aqui citar o numero infindavel de alumnos que, sob a orientação da insigne mestra, cursaram Canto Especializado, no nosso principal estabelecimento de ensino superior. Não cabe egualmente fazer commentarios sobre o methodo de ensino que adoptava. Mas cabe dizer que Bebellla foi uma das professoras mais esforçadas da velha Casa de Miguez e Nepomuceno, que soube honrar com sacrificio e denodo. Assisti a innumerables debates seus na Congregação da Escola, notando sempre a preocupação que tinha em acertar, afim de poder melhor servir ao estabelecimento a que dedicara quasi toda a sua existencia. Ella conhecia de cor todas as leis e regulamentos relativos á nossa Escola e mesmo á Universidade.

Ao ouvil-a, tinha-se a mais viva impressão de se estar deante de uma hábil advogada e não de uma professora de canto, taes a eloquencia e os argumentos juridicos de que se servia a cada instante, agindo sempre com muito acerto e absoluta serenidade. Sem querer offuscar-lhe o brilho como professora de canto, não erro em affirmar que Bebellla teria sido, se quizesse, uma das nossas melhores caudilhas. E o foi em defesa da Escola, ora na Congregação, ora no Conselho Technico, ora no Conselho Universitario, que tanto honrou, embora não tivesse cursado Sciencias Juridicas e Sociaes.

Dedico-lhe estas linhas como homenagem posthuma de um collega que, sem dizel-o pessoalmente, sempre lhe teve admiração e respeito, e que nunca deixou de ficar a seu lado na Congregação, quando suppunha que estivesse com a verdade; e isso acontecia nas mais das vezes.

A Maria Isabel de Verney Campello, os agradecimentos da Escola Nacional de Musica, pelo muito que lhe fez.

JOSÉ SIQUEIRA

A cerimonia do chá

Conclusão da pag. 28

se açoitada por um genio do mal. Isto augmentava ainda mais sua já grande dôr. Teve, então, uma idéja luminosa — rasgou o forro carmezim do kimono e com a tira obtida amarrou os cabellos.

As *musumés* que a viam passar acharam aquelle modo de compôr a cabelleira muito interessante e passaram a usal-o, dando ao panno com que se enfeitavam o nome de *hiki-dashi* que significa farrapo. E em memória da corajosa O-Kichi, que poz seu amor acima dos preceitos tradicionaes, apparece o lenço vermelho na cerimonia do chá — terminou meu companheiro.

Antes de findar, devo dizer que os nipões bebem chá como agua. Em casa têm sempre ao alcance da mão uma chavena de chá verde sem assucar, fumegando. Nos quarteis ha pipas com chá á disposição dos soldados que podem beber a quantidade que desejarem.

Assim que se chega a uma casa, por mais pobre que seja o dono, um chá é offerecido incontinenti.

E graças a esse habito de beber chá a todo momento, dizem os nipponicos, não têm fadiga nervosa, dormem a bom dormir, quaesquer que sejam as attribulações do espirito, quaesquer que sejam os soffrimentos do corpo.

Jose Siqueira

O Morro do "Mestre Chico"

Conclusão da pag. 23

Pernasanta sitúa o mastro nos dois orificios apropriados do "banco de governo" e, mais logo, o "bico de prôa" sóbe á haste balançante.

Todos fazem força para um lado, sobre a "mimbura" esquerda, ao tempo em que Zé da Maruja, que se alteára no mastro, como se quizesse avançar, com elle, para o céu, faz pender na direcção onde se encontram os demais tripulantes.

Espera-se o momento da virada salvadora. Cresce o arfar do oceano. Erguem-se e alegram-se, em disparadas de corceis, as muralhas d'agua. Urge aproveitar a occasião.

O mastro enverga e aquelles corpos, fazendo finca-pés nas extremidades, se dobram para dentro do oceano, enquanto as vagas ajudam a volver, de um para outro plano, o barco resistente.

Os nautas prendem, então, o mastro entre a "carlinga" e a "eneca", no "banco de vela", desenrolam o "panno", acoxam, horizontalmente, um dos extremos da "tranca" no "punho de vela" e a mão da "tranca" no mastro, para o esticamento do triangulo de panno, retendo, logo, a "mura" numa das pennas do "banco" afim de retesar o angulo inferior da vela.

E amarram, depois, a "peia" da "tranca", um pouco acima desta, ao mastro erecto.

Enlaçam a "escóta" nos dois "calçadores" da pôpa e a "ligeira" no "espeque" do "aracambuz" e dão inicio, dentro da noite, guiados pela "estrella do porto", á volta do sul.

E a jangada desliza na pressa de chegar a bom termo.

Pannejando ao vento a vela se retalha como a asa da gaivota que se deixou ferir em pleno vôo.

Aos lidadores era impossivel darem-se como vencidos: lançam os "tauassús", de novo, ao mar, procurando ancoradouro.

Com as agulhas proprias para coser e que trazem sempre no "sambará", preso ao chapéo de palha, á cabeça ou ao paletot, os jangadeiros tratam de unir os rasgos do "panno", onde faltam os pedaços de vela, carregados pelo vento.

Devêstem-se os bustos dos atletas e, com as camisas de gente pobre, improvisam os remendos, de maneira que a vela, em andrajos antes, se alteia novamente, como o pavilhão que veiu rasgado da luta, mas sempre nos braços do valente que o conduziu á partida. E' que ostenta, nas falhas concertadas, a condecoração que a tormenta despegou no emblema do trabalho honrado do jangadeiro.

Elles não trazem peixes, porém a vida, que valia muito mais porque cheia de um pelear como poucos.

E ainda dizem que o peixe é caro, accentua, resignadamente, o Pé de Brasa, enquanto Pernasanta deixa escapar, num queixume, a tortura que encerra, ao mesmo tempo, a gloria de ser cearense: se sertanejo, a secca expulsa a gente; se jangadeiro, o mar carrega tambem.

—oOo—

No outro dia o "mestre do paquete", com a vela concertada com retalhos mais fortes para resistirem aos embates, torna, sózinho, á "parede do mar".

—Pra onde se bota, "Pé de Brasa"? A gente não vae tambem? indaga o "bique" á beira da praia.

—Vou alli e já volto p'ra levar os companheiros. Tenho que ir só p'ra trazer, sem a ajuda dos outros, o "Morro do Mestre Chico", que os homens "doutores" mandaram p'ra o fundo do mar.

—Homem de Deus, você morre de velho e não ajunta a areia p'ra fazer, de novo, o morro, pronuncia, voz maguada, o Zé da Maruja.

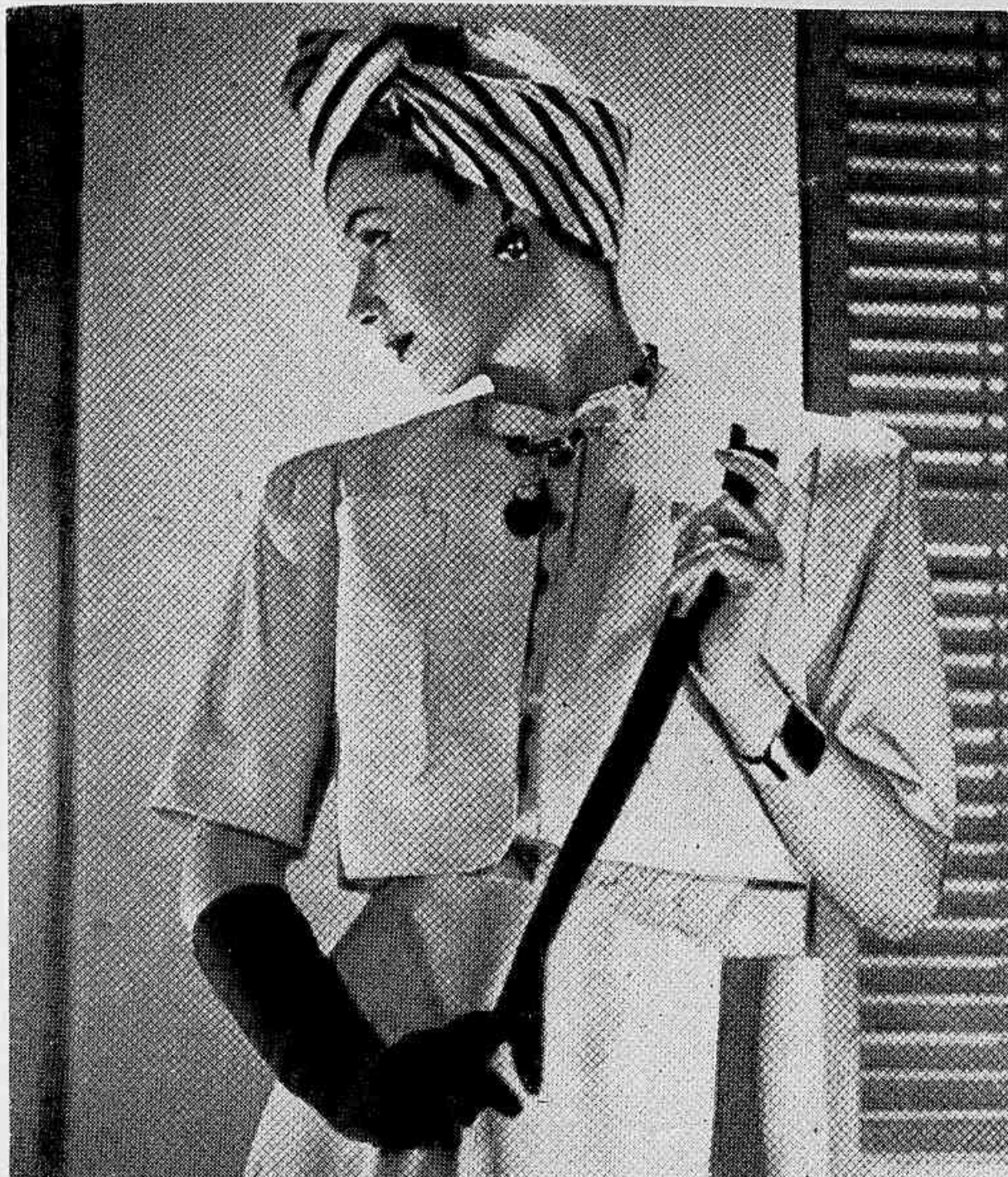
—oOo—

E ninguem mais soube noticias do "Pé de Brasa".

—oOo—

Quem sabe se não foi procurar, tambem, no céu o "Morro do Mestre Chico"?

F JORNAL DAS FAMILIAS



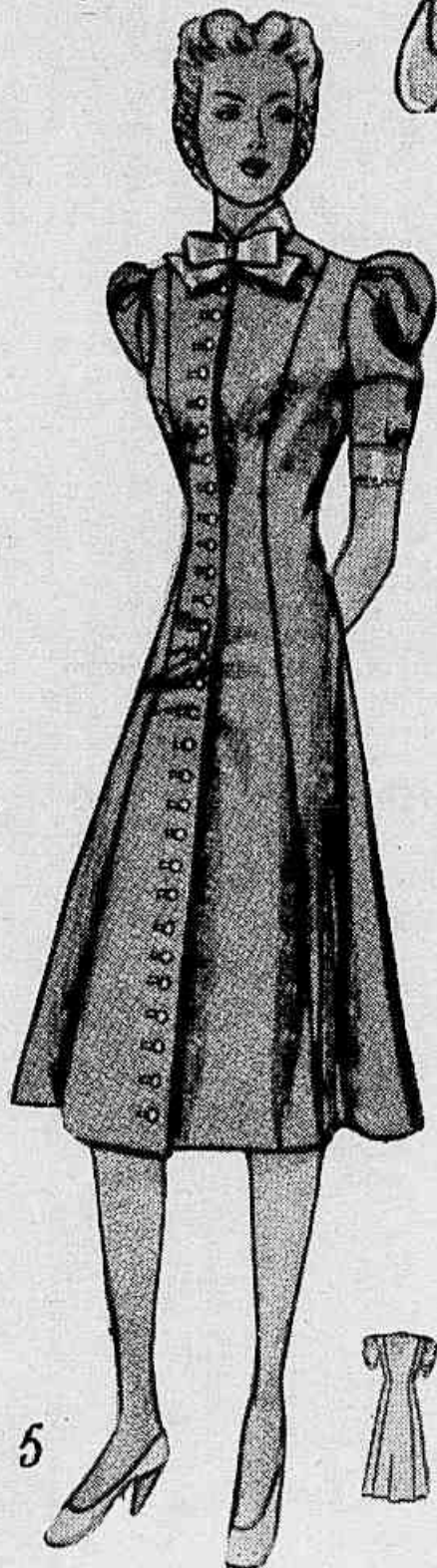
Quatro encantadores modelos, próprios para a estação: um bolero de tussor; um tailleur de tussor, com chapéu de shantung; um costume de shantung; por ultimo, com um lindo caracter tropical, outro costume, também de shantung, preto.

MODA

ESTIVAL



1 — Vestido de crepe marocain ou shantung branco, guarnecido com pregas na frente. Pespontos nos punhos e na pala. 2 — Vestido de crepe de fantasia, com pala na blusa e na saia. Fecho éclair na frente. 3 — Vestido de crepe marocain ou linho, guarnecido com pespontos. 4 — Vestido de crepe ou fustão com corpo ajustado, saia ampla com pregas duplas. Frente, gola-gravata e punhos de cambraia branca com pregas e pespontos. 5 — Vestido princeza de shantung ou linho. Abotoamento ao longo da frente. 6 — Vestido de crepe branco com desenhos marrons, guarnecido com incrustações e botões. 7 — Vestido de crepe ou linho, enfeitado com tiras applicadas e pespontadas. 8 — Vestido de linho branco com bolas vermelhas, botões e faixa vermelhos. 9 — Vestido de fustão ou linho rosa, botões do mesmo colorido, assim como o cinto de fita *gros-grain* ou camurça. 10 — Vestido de tricoline listada; na pala, punhos e bolsos as listas no sentido horizontal. 11 — Blusa de crepe de fantasia, pala original, gola-gravata e laço do próprio tecido. 12 — Blusa de crepe georgette bege claro, com entremeios de renda do mesmo tom e guarnecida com nervuras. 13 — Loretta Young com um original turbante de jersey e setim preto, guarnecido com enormes tulipas cor de rosa.





A PRÓPRIA MAÇÃ DE EVA NÃO TENTARIA MAIS DO QUE ESTES DENTES!

Para ter dentes fortes e bellos assim, visite o seu dentista duas vezes por anno e escove os dentes com ODOL tres vezes ao dia. Esses preceitos de hygiene, tão simples de observar, serão uma garantia para a proteção de sua bocca: o dentista, evitando a tempo o trabalho destruidor da carie e ODOL, conservando os dentes sempre alvos e brilhantes.

ODOL é encontrado em tubos, como pasta, e em liquido proprio para bochechos e gargarejos. Use, também, a escova ODOL. Sua conformação especial facilita a perfeita limpeza dos dentes.



Odol



1 — Vestido de tulle amarelo sobre forro de lamé dourado, contas douradas em duplo collar em volta do decote. 2 — Saia de tulle cinza claro sobre forro de lamé prateado. A blusa de lamé e crepe, formando xadrez.

PARA CORTAR E GUARDAR

As flôres conservam-se frescas quando mudamos a agua dos vasos em que estão, diariamente, quebrando — e não cortan-

do — um pouquinho da extremidade do cabo de cada uma, mergulhando-as também em agua fresca durante uns 2 minutos, antes de recollocal-as nos respectivos vasos. Mais tempo ellas se conservam vi-

çosas quando os cabos ficam imersos, durante a noite, em agua com sabão.

Partes eguaes de terebinthina, oleo de linhaça e vinagre é excellente lustro para os moveis.



Costume de crepe ou linho.
O casaco guarnecido com bordado e pregas.



Vestido curto para sport ou praia, de fustão branco com listas verdes, chapéu de palha verde.



eliminado, sua pelle alisada e seu corpo adquirirá elasticidade e elegancia com os "Banhos de Esbeltez Sarowal".
"BANHOS DE ESBELTEZ SAROWAL VENDEM-SE NAS PRINCIPAES PERFUMARIAS E NAS DROGARIAS."
Pedidos do interior attendem-se no mesmo dia. Folhetos gratis. Envie o coupon



BANHOS DE ESBELTEZ

SAROWAL

DIMINUE O PESO

Com este agradável banho de beleza, sem exercício, sem drogas perigosas, V. S. pode adquirir um typo elegante e esbelto, e por uma forma agradável e sem prejuizo para sua saúde. Milhares de senhoras e homens o experimentaram. Tomam na intimidade de suas habitações os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Durante muitos annos as fontes thermaes, famosas em todas as partes do mundo, foram o recurso das pessoas que desejavam conservar-se jovens e ageis.

A sciencia, que tudo investiga e descobre, reuniu nos "Banhos de Esbeltez Sarowal" os principios activos dessas fontes. Assim, pois, tem V. S. á sua disposição as virtuosas aguas que manterão seu corpo jovem, dando-lhe uma forma escultural.

Para o banho dissolva V. S. em uma banheira de agua quente o conteúdo de um dos 4 pacotinhos que contém cada caixa de "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Tomem um "Banho de Esbeltez Sarowal" esta noite e o achará agradável e refrescante.

Pese-se V. S. antes e depois do banho, e noites depois, ao repetil-o. V. S. poderá constatar por si mesma a diminuição do peso que corresponda á sua estatura; um banho por semana bastará para conservá-lo.

Depois de cada banho, V. S. se sentirá mais jovem. Na manhã seguinte de cada banho, V. S. experimentará a sensação de ter descansado bem.

Notará que se alisam mais as rugas da pelle, e que seu corpo adquiriu maior agilidade. Não é necessario que V. S. se prive nas suas refeições dos alimentos que mais aprecie. Não lhe fazem falta os exercicios cansativos, nem as drogas que arriscam sua saúde. Seu excesso de peso será

eliminado, sua pelle alisada e seu corpo adquirirá elasticidade e elegancia com os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguayana, 104-5º and. - Tel. 23.1100 - Rio de Janeiro.

LABORATORIOS VINDOBONA

R. S. S. - 3

Rua Uruguayana, 104-5º andar — Rio de Janeiro

NOME.....

RUA.....

CIDADE..... ESTADO.....



Bordado com placas douradas este vestido elegante em crepe preto.

Chronica de Paris

Trataremos hoje da moda infantil. Os coloridos adoptados para os vestidos são naturalmente mais alegres que os das suas mães, mas estão em accordo com os coloridos na moda. Dominam os vermelhos, desde o grenat até ao vermelho claro, o verde e os azues; naturalmente o azul marinho tem sempre um lugar á parte. O cinza, o bege e o marron tambem são empregados, mas não tanto naturalmente como os coloridos alegres e o branco. Sem cahir nos excessos da moda passada, o escocoz continua a agradar. Mas os tecidos floridos agradam mais que os listados e de xadrez. Apesar de serem muitos os vestidos singelos de zephyr de xadrez, guarnecidos com viezes ou sobretudo com o cadarço zig-zag branco ou de côr. Os desenhos dos tecidos para os vestidos infantis são sempre pequenos.

Muitos são os vestidos cuja saia é de tom differente do corpo.

Ainda se emprega o jogo de opposições em tecidos e coloridos.

Os tecidos de um só tom unindo-se com os de fantasia. Em principio a parte de baixo dos vestidos é mais escura que a parte de cima, seja no mesmo colorido ou num tom differente, mas como em quasi

tudo ha excepção á regra. Muitos são os vestidos com pala e manguinhas de um tom differente do resto do vestido: por exemplo uma pala e manguinhas verdes num vestido cinza ou bege.

As saias são cortadas **en-forme**, quando o corpo vae só até á cintura e é ajustado. São a fio direito, nos outros casos, e alargam a roda por meio de pregas, plissados, franzidos. Vê-se saias, plissadas em toda a volta, com nervuras contrariadas, quer dizer respontadas estas nervuras, uma pelo direito a outra pelo avesso, a uma certa distancia uma da outra.

Esta fantasia dá um aspecto de plissado leve, encantador, que se pode executar no fio direito, o que facilita o trabalho e economisa tecido.

Muitos vestidos com **bretelles**, com guimpes ou blusas diversas. Alguns destes vestidos tem corpo sem mangas e bastante decotado, noutros as saias são subidas formando **corselet** com **bretelles**, cruzadas ou rectas. Alguns **corselets** abotoam-se na frente, mas a maioria nas costas.

Os bordados, galões, botões e fitas são as guarnições mais empregadas nos vestidos infantis.

Marinette.



Essenciaes á Beleza...

Limpe - pois a limpeza é o cuidado essencial á belêza. O "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Tonico para a Pelle", limpa profundamente, sem ressecar a cutis. A combinação desses preparados, torna a péle isenta da poeira e livra a tez dos vestigios da maquillage.

Tonifique - para conservar a cutis transparente e avelludada. O "Tonico para a Pelle" contráe os póros e proporciona uma tez fina e delicada. O "Especial Adstringente", indicado para uma cutis gordurosa, enrijece tambem a péle e aperfeiçoa o contorno do rosto.

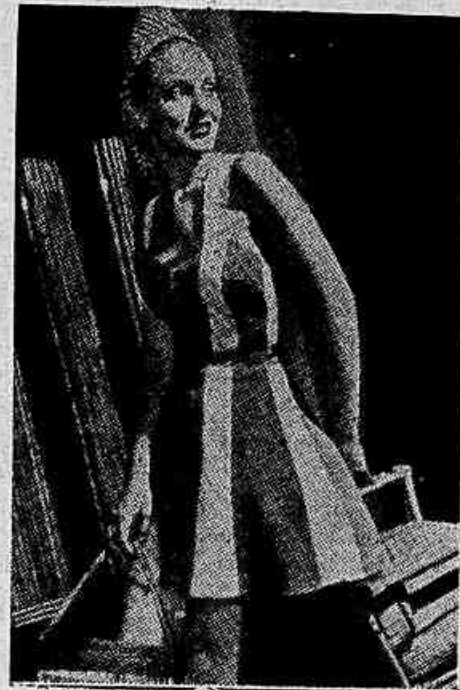
Suavise - e mantenha a cutis macia. O "Creme Velva" ou o "Creme de Laranja" (si a cutis estiver ressecada), suavizam e nutrem a péle. O "Oleo Adstringente" de otimo efeito, faz desaparecer as rugas e linhas do rosto e cólo, tornando a cutis lisa e impecavel.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Vestido de toile de seda listada de rosa e cinza claro.



Vestido curto para sport, de toile de seda azul e branco. Calção de tecido azul.

- 1—Vestido de zéphir, fundo branco com xadrez azul marinho. Guarnecido com cadarço zig-zag azul marinho. Avental de cretonne florida.
- 2—Vestido singelo de linho branco, guarnecido com um galão de algodão em tons vivos. Faixa do proprio tecido. Abotoamento nas costas.



Vestido e bolero de crepe branco; bouquet de bleuets no bolero.



Vestido de linho rosa; casaco de linho branco.

Modelos para Crianças



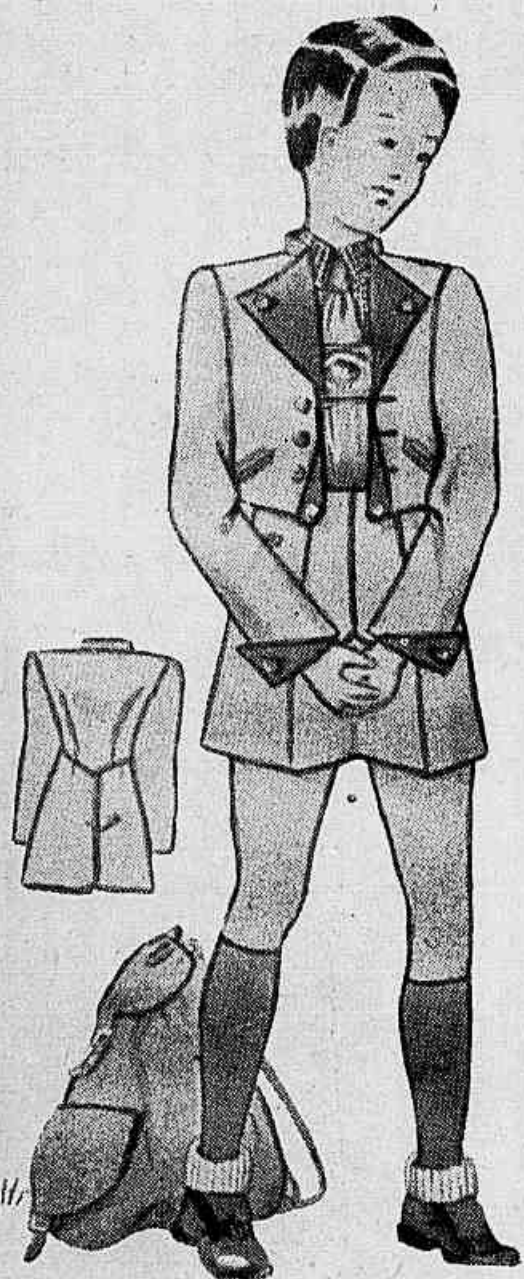
1 — Roupinha de fustão branco, com guarnição de linho azul. Blusa de cambrá listada de branco e azul. 2 — Calcinha de linho branco, blusa de cambrá listada de branco e vermelho. Cinto de pelica vermelha.



1 — Vestidinho de crepe amarelo claro, com applicações do próprio tecido, com recortes em festões. 2 — Vestido de crepe da China branco, guarnecido com pontos abertos. Cinto de fitas azul marinho e rosa. 3 — Vestido de crepe georgette cor de morango, enfeitado com babadinhos franzidos.



Vestido de crepe branco, com xadrez preto e desenhos neste mesmo tom. Corselet de faille preta, grandes bolsos na saia e bolero.



Roupa tyroliana, executada em lã cinzenta com guarnição de lã verde. Póde ser feita em linho destes mesmos coloridos.



Calcinha de linho verde, a blusa de linho branco com tiras applicadas de linho verde, vermelho e azul.



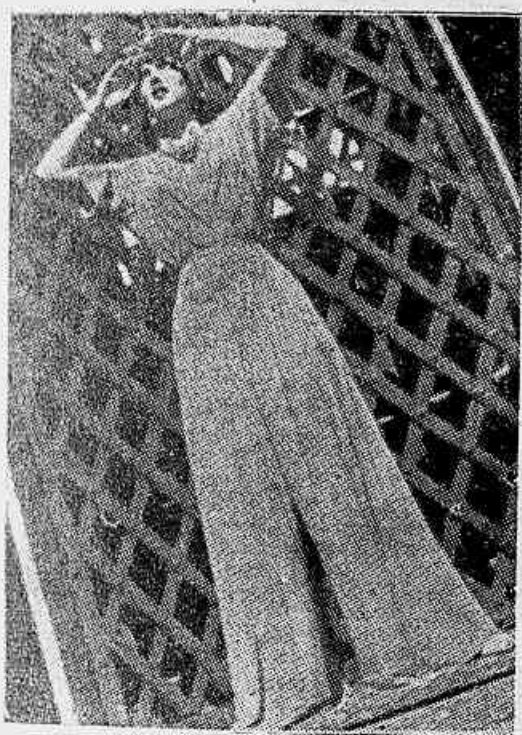
Roupa de brim cinzento claro, o casaco um pouco cintado.



1 — Camisa de dormir para menina, de cambrá ou opala branca com rosinhas vermelhas. Faixa de fita vermelha. 2 — Camisa de dormir para mocinha, de crepe ou opala rosa claro, golla e punhos festonados.



Vestido para a noite, de lamé prateado, acompanhado por um bolero de crepe cinza bordado com fio de prata.



Pyjama elegante de jersey de seda verde jade.

EMAGRECIMENTO

Por novo systema, sem dieta e sem exercicios fatigantes no "INSTITUTO DE BELLEZA MARILU".

AV. RIO BRANCO, 128-2.º, SALA 209
TEL. 42-4872



Vestido de crepe marron tendo nos hombros applicações de crepe bege bordado com pequenas lentejoulas cor de cobre.

E' PROHIBIDO SER ALEGRE?

Vivemos distantes dos acontecimentos da Europa. Mas nada nos separa do radio, do telegrapho, do correio. de nosso vizinho, dos nossos parentes e amigos. Temos olhos que vêem e ouvidos que escutam, e temos sobretudo uma alma sensível, capaz de apprehender, mesmo á distancia, de comprehender e até de soffrer todas as misérias que se passam do outro lado do oceano. Nada nos é sufficientemente remoto para poder escapar á nossa attenção. Não somos indifferentes e displicentes ao ponto de também não sentir a dôr inaudita e indescritível de centenas de milhões de entes humanos e a desgraça de outros milhões de homens, pacíficos e innocentes, arrancados de subito aos seus labores, expulsos de seus lares e arrebatados pela furia dos acontecimentos.

Somos felizes pela circumstancia de poder viver num paiz sem inimigos. Nada desejamos de ninguém e só queremos trabalhar e desfructar tranquillamente as delicias da terra em que pisamos. E um destino feliz permitirá, sem duvida, que possamos continuar a sentir essa ventura descuidada.

Ha pessoas, porém, que se revoltam contra isso, pessoas para as quaes vivemos em uma época em que cada hora que passa traz consigo alguma coisa de irremediável. E' possível admittir que nós as mulheres não tenhamos o direito de viver nossa vida de hoje, nossa vida de sempre? Como esquecer os padrões multicoloridos dos nossos vestidos, dos chapéus e de tudo quando faz o encanto de nossa existencia e não somente da nossa?

Não ignoramos que os tempos novos impõem novos deveres e sabemos cumprir esses deveres. Mas não somos lidadoras, nem amazonas, não queremos esquecer-nos de que existem a alegria tranquilla e a claridade, somente porque vivemos numa época de trevas.

A vida continúa e temos de servir á vida e aos vivos. Nossa tarefa é disseminar a alegria, é tornar a existencia mais singela e facil, é corrigir-a nos pontos onde ella parece demasiado grave... Não pretendemos affirmar que sejamos felizes nos dias actuaes, mas também não desejamos pensar insistentemente nas misérias do

mundo, pois achamos que o pranto é as lamentações tiram ao homem o appetite de criar. Onde nosso prestimo vale alguma coisa estamos promptas a contribuir com elle. Tal é o nosso tributo á hora que passa.

Mas deixem-nos o nosso universo, nosso amor ás pequenas frivolidades. E serão tão pequenas essas preoccupações em que gastamos nosso tempo? Reflectamos um pouco, já que estamos fallando serenamente. De onde veem essas coisas que alegam nosso coração. Cêem do céu? Não são productos da industria humana, elaborados por muitas mãos, sonhados por muitos cerebros; não representam o esforço de innumerados trabalhadores, cujo destino depende de nossas necessidades, por pequenas que ellas sejam?

Temos o direito de permittir que outros milhões de trabalhadores caiam na miséria, por um sentimento falso de nossos deveres para com o tempo?

Viver também quer dizer sobreviver. E nós, as mulheres, queremos também soccorrer os homens, criadores dessa economia, dessa ordem do mundo que é, ao cabo, tão cheia de coisas excellentes. Queremos tornal-os menos graves, menos preoccupados, sobretudo nos momentos de nosso convivio. Nós, que seguimos de olhos abertos as mutações do tempo, nós também temos a nossa philosophia. Sa'emos que nada, nenhuma moda de vestuario tem duração eterna. Tudo desaparece bém mais depressa do que imaginamos.

Levantae, pois, as vossas cabeças, minhas amigas! Enfrentae com olhos brilhantes a nova moda. E se vos falarem nas tristezas do presente sorri, porque vosso sorriso é uma promessa de alegrias futuras.

Marly

PENSAMENTOS

(La Rochefoucauld)

O amor da justiça na maior parte dos homens não é mais que o receio de soffrer a injustiça.

Não é sensato aquelle que o acaso

fez ser sensato, mas aquelle que sabe o que é a sensatez, sabe discernil-a, e que a aprecia.

Os grandes espiritos dizem em poucas palavras muitas coisas, os pequenos, pelo contrario, teem o dom de falar muito para não dizer nada.



Vestido de crepe marron com iras incrustadas e saia cortada en-forme.



Saia com bretelles de crepe ou linho vermelho, a blusa de crepe branco com botões vermelhos.



Toque com uvas verdes, pretas e rosadas. Folhas de parra, damascos e fita preta completam a guarnição.

MENU DE JANTAR

SOPA DE LEGUMES
 PUDIM AU GRATIN — SALADA DE PEPINOS COM TOMATES
 LINGUA DE VITELLA — PALMITOS
 POMBOS ASSADOS COM BATATAS FRITAS
 PUDIM DE MAÇÃS À INGLEZA



Pombos assados com batatas fritas e agrião.

SOPA DE LEGUMES COM PÃO

Tomar dois nabos, duas cenouras, quatro batatas descascadas, picar todos os legumes e pôr para refogar num pouco de manteiga com cebola picada; não deixar escurecer e juntar litro e meio de caldo de carne ou de água simples, juntar duas fatias de pão e um bouquet de cheiros, deixar cozinhar tres quartos de hora, depois esmagar tudo muito bem e passar por uma peneira ou coador. Pôr o puré obtido na panela e juntar mais um litro de caldo ou de água, deixar cozinhar em fogo brando mais uns minutos, mezer de vez em quando para não pegar no fundo; na hora de servir juntar meia colher de manteiga.

PEIXE AU GRATIN

Pôr para cozinhar filetes de linguado num pouco de vinho branco com manteiga. Cozinhar em água e sal uns pepinos descascados, em seguida cortar em bolas com o aparelho especial para este fim ou então cortar em quadrados. Arrumar os filetes num prato que possa ir ao forno, untado com manteiga, arrumar em volta as bolas de pepinos e cobrir com o seguinte molho. Refogar na manteiga cebola ralada e uma cenoura picada, juntar salsa picada e depois farinha de trigo (o suficiente para engrossar o molho) meze-se bem alguns minutos antes de juntar o leite e uns grãos de pimenta do reino, deixa-se engrossar e passa-se no coador antes de pôr sobre os filetes.

Vae ao forno para tostar.

SALADA DE PEPINOS COM TOMATES

Os pepinos depois de raspados são cortados em fatias finas e estas postas de molho em água e sal duas horas. Escorrer bem a água e temperar com azeite, vinagre, pimenta e um pouco de cebola ralada. Arrumar na saladeira e enfeitar com fatias de tomates passadas no tempero de azeite, vinagre e sal.

LINGUA DE VITELLA

Pôr para cozinhar na água e sal a língua fresca, depois retirar a pelle. Pôr no fundo de uma panela grande uma camada de cenouras picadas, um pedacinho de aipo e de alho poireau e de toucinho picado e de carne; arrumar por cima a língua e juntar caldo de carne ou água até cobrir a língua, deixar cozinhar até reduzir o molho. A língua não estando cozida, juntar mais um pouco de caldo. Passar em seguida a língua um instante no forno, untada com manteiga.

Juntar mais um pouco de caldo se for necessario ao molho, depois coar. Fazer um refogado com manteiga, um dente de alho esmagado e um pouco de cebola ralada, juntar em seguida o caldo coado e engrossar com um pouco de maizena; na hora de pôr o molho na molheira juntar uns pedacinhos de presunto.

PALMITOS

Cortar os palmitos em pedaços e pôr para cozinhar juntando á água algumas gotas de caldo de limão, para não escurecer. Escorrer a água e passar na manteiga derretida.

POMBOS ASSADOS COM BATATAS FRITAS

Depois dos pombos bem limpos e passados na chamma para não ficar penna alguma, pôr dentro dos pombos uma tira de toucinho e sal, enrolar em seguida os pombos numa larga tira de toucinho e pôr no forno para assar.

Cortar as batatas em fatias finas, depois collocar 5 ou 6 dessas fatias umas por cima das outras; cortar em finas tiras. Pôr para fritar na banha fervendo.

Arrumar os pombos no meio de uma travessa, de um lado pôr agrião e do outro as batatas fritas. O molho servido na molheira.

Póde-se enfeitar também a travessa com umas torradas fritas na manteiga.

PUDIM DE MAÇÃS À INGLEZA

A massa para este pudim é feita na Inglaterra com gordura de vacca, aqui temos de substituí-la por banha de porco ou manteiga, ou em partes eguaes de banha e de manteiga.

Amassar 250 grs. de farinha de trigo com igual quantidade de banha ou manteiga, juntando um pouco de água e sal. Deixar a massa repousar meia hora.

Descascar umas seis maçãs e picar em pedaços depois de tiradas as partes duras e sementes. Pôr numa panela manteiga, juntar os pedaços de maçãs e um pouco de assucar. Pode-se juntar á vontade um pouco de canella, de noz moscada ou raspa de casca de limão.

Separar a massa em dois pedaços, um maior do que o outro, abrir com o rolo e formar com o maior uma fôrma, despejar dentro as maçãs preparadas, cobrir com o outro pedaço de massa. Envolver a fôrma dentro de um guardanapo grande, amarrar do lado do fundo da fôrma, e mergulhar dentro de um caldeirão com água fervendo. Deixar cozinhar hora e meia, tomando o cuidado de não deixar seccar a água.

Depois de collocado o pudim no prato, regar com um pouco de calda, feita com as aparas e cascas das maçãs. Póde-se também fazer uma calda temperada com caldo de limão.

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

É preciso combater a causa do embranquecimento dos cabellos



★ Os cabellos brancos são provocados pela destruição da materia pigmentar que lhes dá a cor natural a qual é atacada por um micro-organismo, que age como um verdadeiro oxydo.



HA muita gente moça de cabelleira branca. As feições, embora jovens, perdem todo o seu vigor, empanadas por uma cabeça encanecida. Cumpre corrigir o mal, combatendo-lhe a causa com o uso da Loção Brilhante, que é um poderoso microbicida. A sua applicação é facilima. Umas tantas gottas usadas pela

manhã no momento de pentear-se, devolverão aos cabellos brancos ou grisalhos a sua cor natural e primitiva. Nem as pessoas mais intimas explicarão o milagre por que o cabelo se torna sedoso e brilhante.

Em poucos dias começará a readquirir a cor primitiva, com a qual irão nascendo os fios novos

ALVIM & FREITAS, LTDA. • SÃO PAULO

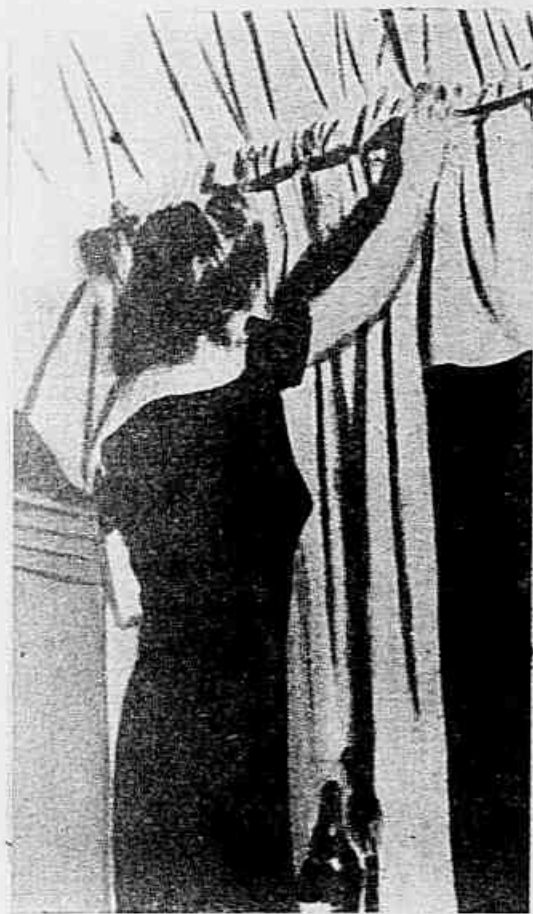
Loção Brilhante



Belleza do Egypto de hoje — A marquesa de Worcester, filha de Abulah Bey, do Cairo.

Limpeza das argolas das cortinas

As argolas de metal, que tão lindo efeito dão aos reposteiros e cortinas, escurecem e enferrujam-se com facilidade. Para limpá-las quando estão apenas escuras, basta esfregá-las com kaol e em seguida com uma camurça ou flanela. Mas quando estão enferrujadas é preciso pôr de molho no petróleo pelo menos duran-



te uma hora. Caso esfregando com um pano não se desprenda toda a ferrugem, tem-se então de esfregar com uma lixa fina, depois untar com azeite.

Quando a sala onde são utilizadas as argolas é húmida, é indispensável então empregar um meio para evitar a ferrugem. Untar as argolas com a seguinte mistura: derreter uma parte de resina em 6 a 8 partes de banha sem sal, esfriar agitando a mistura para ficar bem misturada.

O remédio pior que o mal

O desejo de fazer bem de mais prejudica-nos muitas vezes.

É melhor saber tolerar certos inconvenientes do que combatê-los por meios mais incômodos ainda.

Contra as moscas — Certas pessoas suspendem em toda parte os repugnantes papéis onde as moscas vão grudar-se e penar, outras põem apanhadores de moscas com líquido onde ellas se vão afogar, outras enfim cobrem osapparehos de iluminação com uma gaze medonha que depressa fica empoeirada e suja pelos desagradáveis insectos. Meios horrores que podem no entanto ser substituídos com vantagem pela grande limpeza e por bons guarda-comidas na copa e cobridores de tela de arame na cozinha. Não havendo alimentos descobertos consegue-se muitas vezes evitar a invasão das moscas.

É sobretudo a lata de lixo mal lavada e destampada o maior chamariz para as moscas. Nos lugares onde ha muitas moscas é melhor pôr tela de arame nas janellas que empregar os outros meios que enojam.

Contra os ratos — O cão rateiro e o gato indispensavel fazem pagar caro sua utilidade. Tem-se que aturar os latidos do cão e todos os estragos e inconvenientes desses animais. Não seria melhor boas ratoeiras e veneno posto com todo o cuidado?

O vestido universal



Uma só peça para qualquer hora do dia

Lembram-se bem de Greta Garbo naquelle film admiravel em que ella apparece sempre com o mesmo vestido, da primeira á ultima scena, o busto coberto apenas de um pull-over, de onde se destaca seu semblante sereno e calmo? A extraordinaria sueca renuncia nesse film a qualquer effeito de vestuario e todavia ninguem negará que se apresenta alli tão elegante como nas melhores produções em que collaborou com talento sem par. Nunca ella se apresentou mais bem vestida nem mais "aristocratica".

— Mas Greta Garbo pode permittir-se taes coisas! dirão, sem duvida. Hoje, recordando-me desse film, tenho deante de mim aquella silhueta de pull-over. Para uma dama que segue a moda á risca, nada seria mais natural do que repudiar o vestuario com que se apresentou a artista incomparavel.

Mas só agora comprehendendo o valor de uma peça de vestuario tão secundaria appare-

temente como o é um simples pull-over. Que significa elle em nosso guarda-roupa senão uma peça subsidiaria? Vamos buscá-lo para ver se não pode servir de mais alguma coisa.

Antes de tudo não deve parecer gasto. É preciso que a gola não apresente marcas, denunciando uso insistente. E as mangas que não sejam demasiado longas...

Abandonemos por enquanto o pull-over feito em casa e tratemos de comprar outro, que assente perfeitamente no corpo. Se não assentar é preciso modificá-lo. E isso é possível. O decote, por exemplo: faça-se uma ligeira abertura nas costas, podendo ser fechada por um pequeno botão. É importante que a qualidade seja a melhor possível, que o material seja adequado e que a cor possa combinar com a de uma das saias.

E vamos começar o dia com o pull-over.

De manhã, em casa, usamol-o com uma calça ou uma saia commoda e curta. Para a hora do almoço já se torna mais elegante. Sob o pull-over vestimos uma blusa de mangas curtas, de modo a apparecer a gola branca. Ou então compramos dois grandes lenços multicores, um dos quaes é collocado no pescoço, de modo que o nó desapareça



debaixo do pull-over emquanto o outro é collocado sobre a cabeça á maneira de um turbante. O pull-over é fechado por baixo da saia e um pequeno cinto de couro adorná a cintura.

À hora do chá. Escolha-se um cinto mais largo. Adaptemos ao pull-over uma pequena gola rendada e punhos. E aqui temos, ainda uma vez, numerosas possibilidades de variação.

Mesmo á noite o nosso querido pull-over não é inutil. Temos certamente uma saia curta e larga. Escolhamos uma gola larga, de velludo branco, um cinto igualmente largo, um collar moderno... E não estamos "vestidas"? É possível prolongar indefinidamente esta metamor-

phose e imagino quantas não terão descoberto as nossas leitoras...

Não nos assustemos com o facto do pull-over ter tido até aqui uma função bem differente. Elle pode continuar a ser o que era antes, mesmo que lhe attribuamos, de quando em vez, uma nova função.

É claro que nisso nunca deve entrar exagero. Não convem recorrer a elle em grandes reuniões mundanas, pois nem sempre petisca quem arrisca, apesar do dictado. E isso é verdadeiro com relação á moda como a tudo mais nesta vida... M. H.

Para que a gomma não estrague o tecido

— A gomma não é favoravel á boa conservação de tecido. No entanto não o prejudica mais que certos productos chimicos que se emprega sem hesitar para a sua limpeza. Quantas pessoas guardam nos armarios a roupa bem lavada, para ser engommada na occasião de servir. Mas não se sabe sempre com antecedencia quando se precisará da toalha ou da camisa de peito duro. A toalha continuará guardada e compra-se outra camisa, não sendo possível engommá-la ás pressas. Prudencia e economia, mas não exageradas.

Ha ainda os agasalhos tão empestados pelos productos contra as traças que se receia usal-os, joias tão bem escondidas ou guardadas em cofres-fortes que se chega a esquecer a sua existencia, fóra de algumas grandes occasiões. Ha os bons gestos que foram tomados com suas relações para proteger sua independencia que traz pouco a pouco o completo isolamento. Ha regimens tão escrupulosamente seguidos por certas pessoas que ninguem ousa mais convidá-las, e tantos outros remedios muito peores que os males que se lhes oppõem e que um pouco de bom senso bastaria para afastar.

MORTA ou VIVA



A SUA PELLE REJUVENESCERÁ EM 8 DIAS COM A MASCARA DE LAMA MARCA REGISTRADA SOB O Nº 480,1 APLICADA EM SUA CASA OU NOS SALÕES DA ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA M.ª CAMPOS SOB CONTROLE MEDICO, JUNTAMENTE COM O CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA A ENDA EM TODO BRASIL DEPOSITO-ASSEMBLEA IIS,1 RIO

PRECEITOS DE HYGIENE

As contusões

A contusão é uma machucadella, um esmagamento dos tecidos, provindo de um choque, duma queda ou duma pressão. Umas vezes superficial outras vezes profunda, sua gravidade depende da profundidade, da extensão e sobretudo da natureza das partes atingidas.

A ecchymose, que passa successivamente do azul escuro para o mais claro e depois para os esverdeado e amarello claro, caracteriza o primeiro grau.

A bolsa sanguinea é o segundo grau da contusão; o sangue que sae de veias mais importantes reune-se para formar um tumor que desaparece lentamente por absorpção. Quando a bolsa se infecta, forma-se um abcesso.

A mortificação é o terceiro grau; segue-se de uma crosta que se elimina pouco a pouco descascando-se.

O tratamento das contusões consiste na immobilisação da região atingida e na applicação de compressas de linho embebidas em agua fresca, fervida quando ha ferimento. A agua vegeto-mineral em compressas quando ha contusões sem ferimentos.

Uma leve compressão diminue a inchação da bolsa sanguinea.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

ESTATISTICA DE DESASTRES

Nos Estados Unidos os vehiculos a motor occasionam grande numero de desastres; e pouco menos avultada é a somma dos accidentes occorridos dentro das habitações.

Em 1939 deram-se no paiz 90.000 mortes por accidente, 32.600, isto é 35% do total devidos ao transito e 32.000 occorridas em residencias particulares.

Os fallecimentos determinados por quedas subiram a 25.800 ou sejam 28% do total annual.

As estatisticas demonstram que houve um desastre mortal em cada 5 minutos e meio; e em cada 16 minutos morreu uma pessoa em desastre de automovel.

O total dos feridos ou contundidos é ainda mais extraordinario: 8.800.000 pessoas ficaram, por mais de um dia, impossibilitadas de trabalhar. Em cada quatro familias um membro duma dellas ficou assim inutilisado no decorrer do anno.

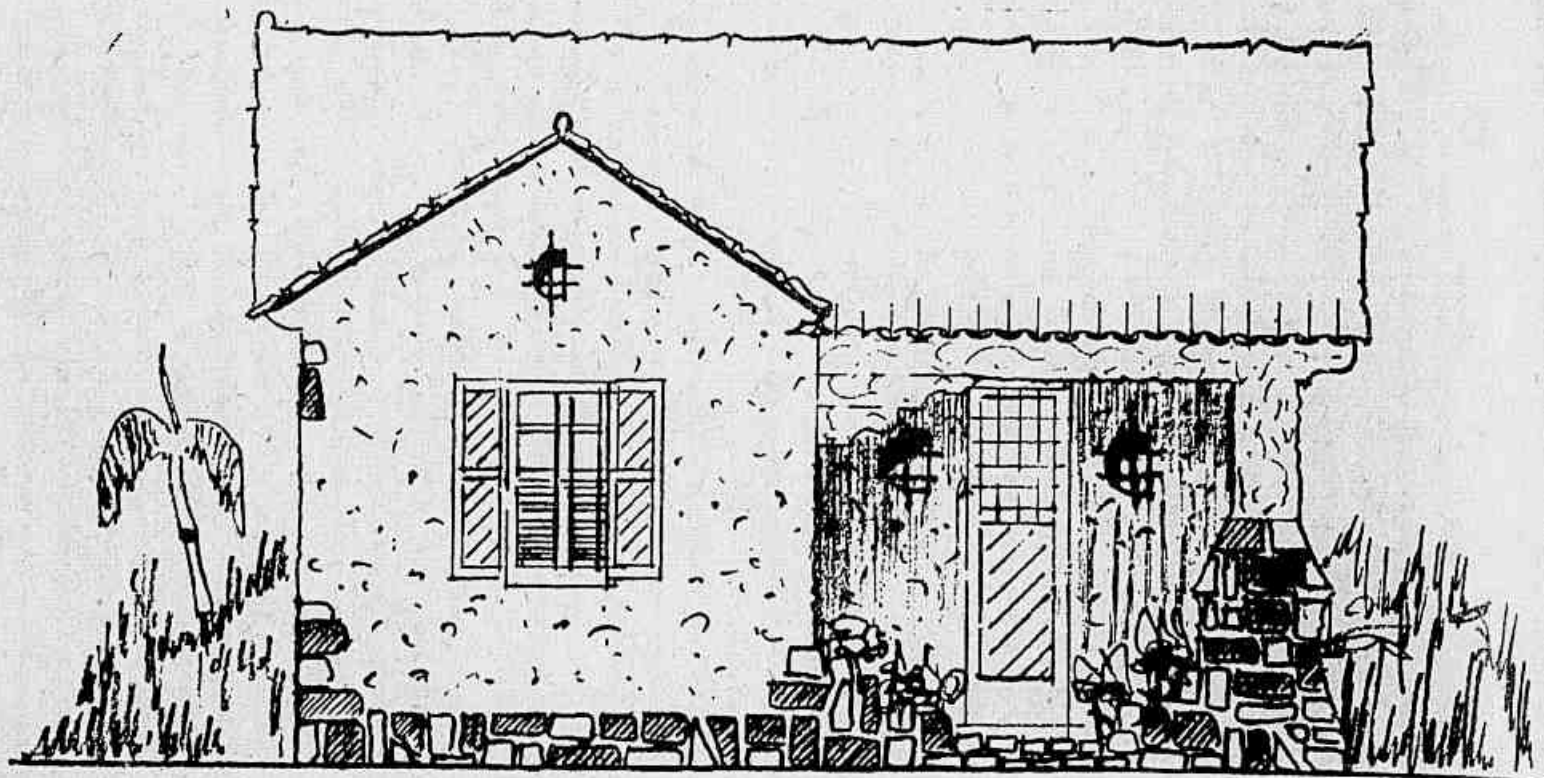
O Conselho de Segurança Nacional calcula que, em relação a 10 operarios que perecem em razão de accidentes de trabalho, ha 16 que são victimas de accidentes fora do trabalho.

Em 1939 o total de victimas de accidentes de automovel não augmentou consideravelmente em relação ao anno anterior; houve, porém, grande augmento em relação a 1929, tomando-se como base o numero de kilometros percorridos.

Em 1929 morreram 31.215 pessoas devido a accidentes de transito e estiveram em circulação 26.501.000 vehiculos que percorreram 308 bilhões de kilometros. Resulta dahi a média de 17,3 fallecimentos por 160 milhões de kilometros.

Em 1939 deram-se 32.600 mortes e circularam 30.615.000 vehiculos, que percorreram 432 bilhões de kilometros, do que resulta a média de 12,1 morte por 160 milhões de kilometros.

A menor média de mortes causadas por desastres de automovel verificou-se no mez de Fevereiro e a maior no mez de Dezembro.



COMO FAZER A SUA CASA?

BUNGALOW

Temos publicado nesta secção projectos de estylos varios e com orçamentos ao alcance de todas as bolsas. Vamos dar agora aqui uma série de casas economicas.

Apresentamos hoje um projecto de inteira modicidade e, entretanto, capaz de agradar a qualquer um. Um bungalow com todas as commodidades.

As residencias desse genero devem ser construidas preferentemente em bairros novos, para que se possa realizar uma arborização adequada.

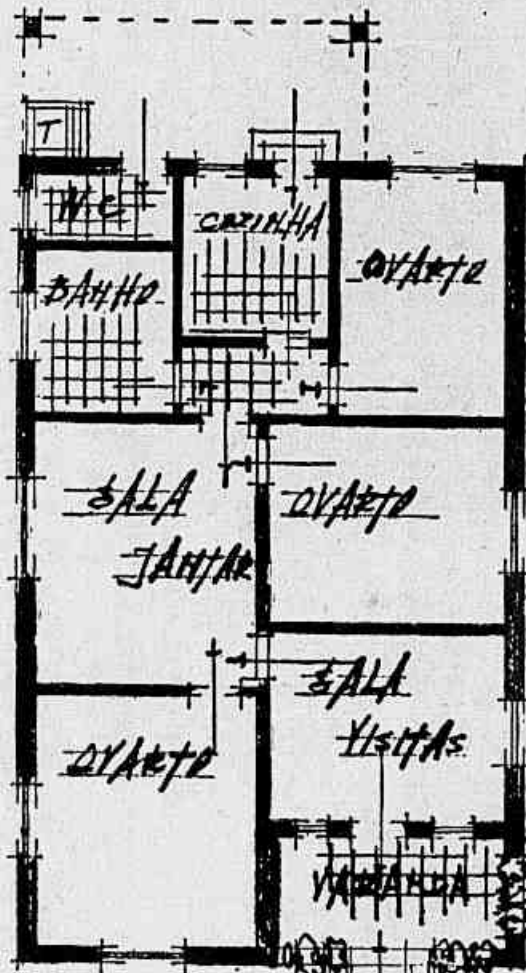
Se o executor dispuzer de terreno, a vivenda deverá ser localizada de modo a permittir que se faça um amplo jardim, bastante arborizado.

A planta baixa mostra as seguintes peças: varanda, sala de visitas ou escriptorio, sala de jantar, tres optimos quartos, banheiro completo, cozinha e w. c. para empregado.

O orçamento não irá além de trinta e oito contos e quinhentos mil réis (38:500\$000).

Oswaldo de Noronha

(Engenheiro-architecto)



CONSELHOS PRATICOS

O espelho mais sujo ficará resplandecente se juntarmos à agua da sua lavagem um pouco de anil.

♦♦♦

As camuças, utilizadas para a limpeza dos vidros e espelhos, devem ser lavadas na agua salgada morna e postas para secar na sombra. Nunca as torcer.

♦♦♦

As marcas dos dedos sobre as portas pintadas são tiradas facilmente com oleo de parafina.

Os relógios de bolso ou de pulseira são muito sensíveis às mudanças de temperatura. Nunca os pousar sobre placas de vidro ou de marmore. A' noite dependurá-los num porta relógio ou collocá-los sobre um pedaço de flanela espessa.

♦♦♦

O lustroso nos tecidos de lã é tirado esfregando-se com uma solução de 10 grs. de sal e 10 grs. de ammoniaco na agua morna.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, INFLAMAÇÕES,
ÉSPINHAS, CRAVOS, SARDAS, ETC.
MELHOR QUE QUALQUER CRÊME DE TOUCADÔR**

A moda na America do Norte



Vestido para noite de setim e faille azul claro.

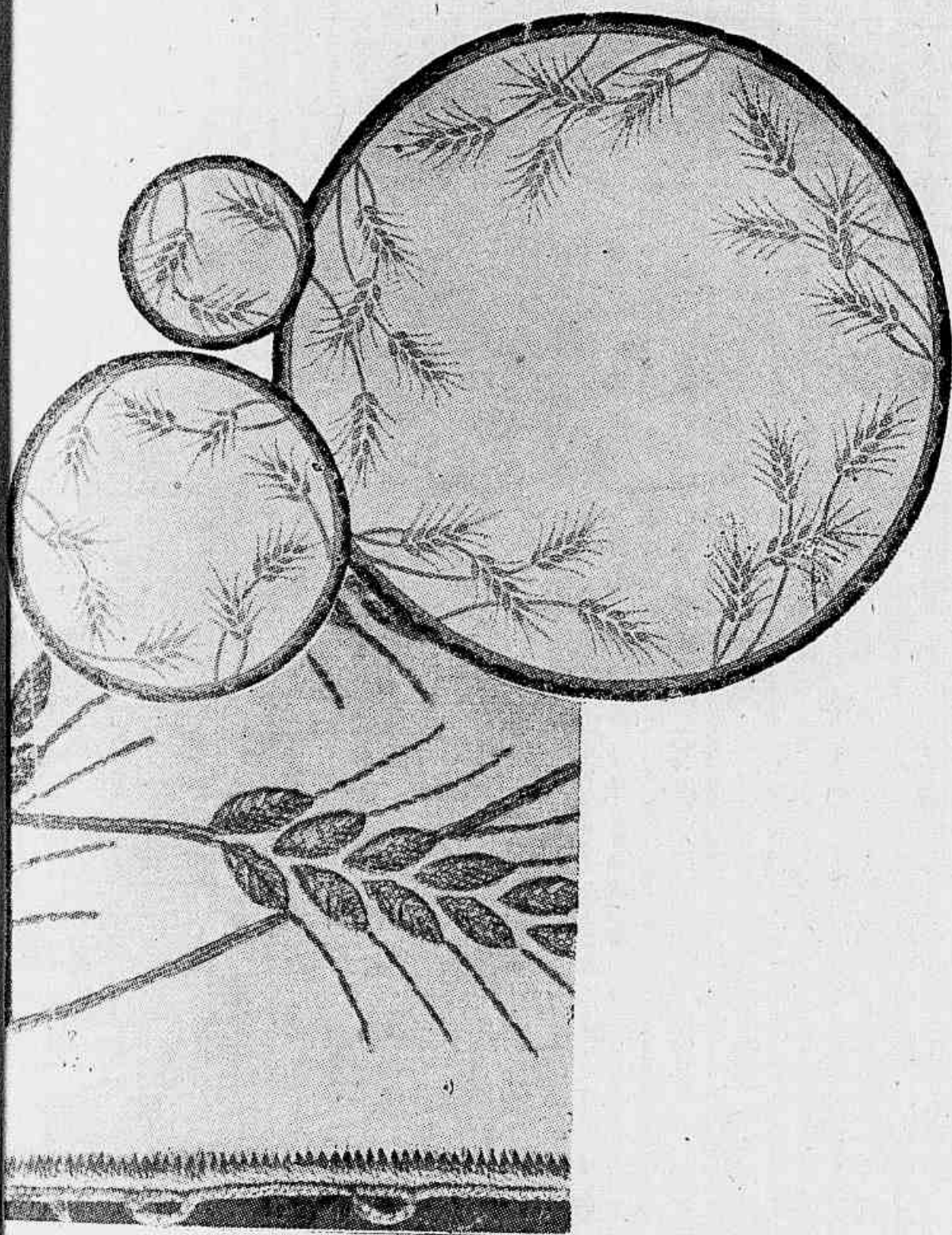


Vestido para a tarde de crepe marron bronzado, bordado com lentejoulas bronzeadas.

ORNAMENTAÇÃO DO LAR

Guarnição para mesa de almoço ou chá

Borlas decorativas

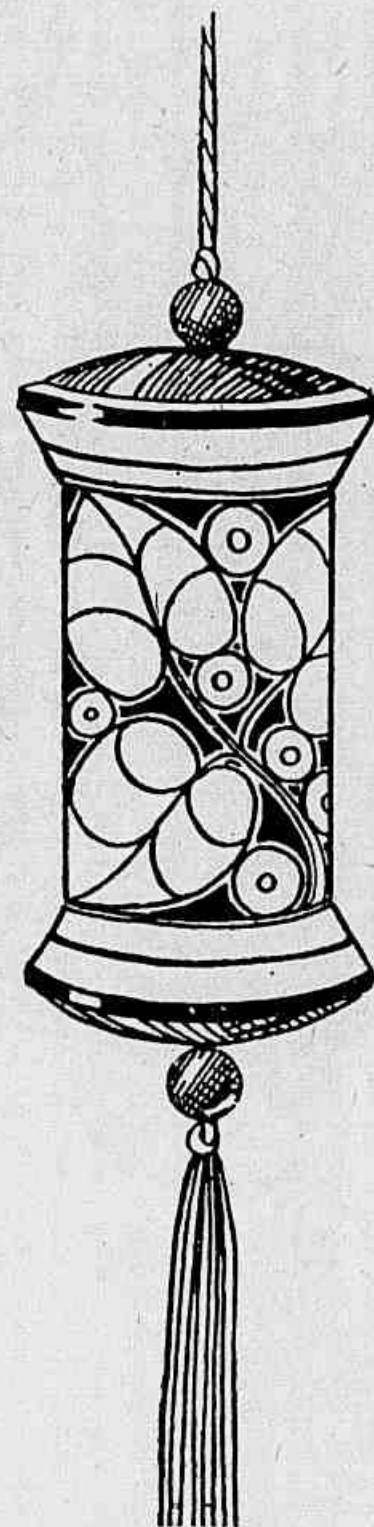


Esta guarnição compõe-se de uma toalha de um metro e trinta por um metro e trinta, de um centro de mesa, de guardanapo e panno redondo. Executados em linho azul com o bordado feito com linha cor de palha. Um ponto de **crochet** feito com linha **perlée** do tom da toalha.

As hastes são bordadas com o ponto de haste com linha **perlée** fina; sobe-se

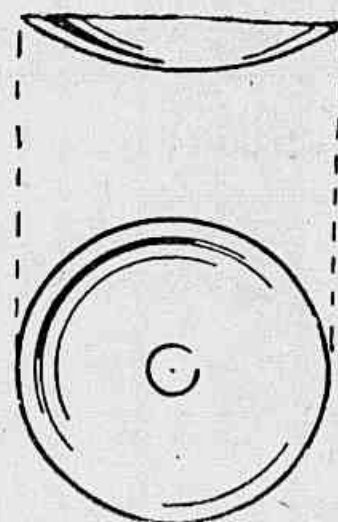
até á espiga em pontos miudos e volta-se com os mesmos pontos formando duas linhas bem juntas. As pontas das espigas são feitas com esta mesma linha mais fina. As espigas em linha mais grossa no ponto russo, seguindo bem o desenho. A linha **perlée**-C. B. (la Croix) ns. 8 e 12.

Na toalha pôde se fazer uma bainha aberta antes do ponto de **crochet**.



As donas de casa, amigas de ornamentar os seus apartamentos de um modo mais pessoal e artistico do que costumam fazer os profissionais, gostam sempre de confeccionar **borlas**, para terminar os cordeis de um **transparente** ou **store**, ou para os angulos de algum tapete.

Esses **borlões** são facéis de confeccionar, bastando para isso dispôr de carreteis de linha, botões de grande formato, e retalhos de fazendas de padrões **vivos** e alegres. Mas quem se dedica á **arte applicada** não precisa instruções mais detalhadas do que um simples olhar para as illustrações que publicamos acima...



Haste superior maior que a inferior: — actividade intellectual.

Haste inferior maior que a superior: — actividade physica.

Hastes bem proporcionadas: — equilibrio intellectual e physico.

Haste com a ponta revirada: — animação.

Hastes curtas: — espirito claro, bom julgamento.

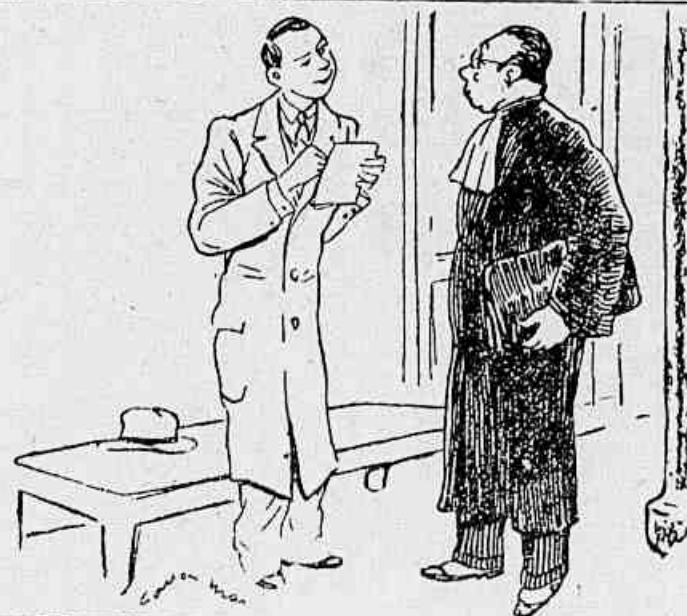
Hastes longas: — imaginação viva.

Hastes longas com excesso: — imaginação exaltada.

Hastes barradas na volta: — obstinação.

Hastes com voltas na base: — verbosidade.

Haste ligada á minúscula seguinte: — sociabilidade.



— Senhor juiz, não seria melhor a forca que a guilhotina?
— Evidentemente, os herdeiros sempre poderiam tirar algum proveito com a corda!

PILULAS DE FOSTER
PARA
REUMATISMO • ACIDO URICO • DORES LOMBARES

VARIEDADES

GRAPHOLOGIA — Pernas e hastes

Arredondadas e leves: — ternura.

Arredondadas e grossas: — dedicação.

Angulosas e leves: — egoismo, seccura de coração.

Angulosas e grossas: — paixão.

CORTINAS • MOVEIS
PASSADEIRAS • STORS
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

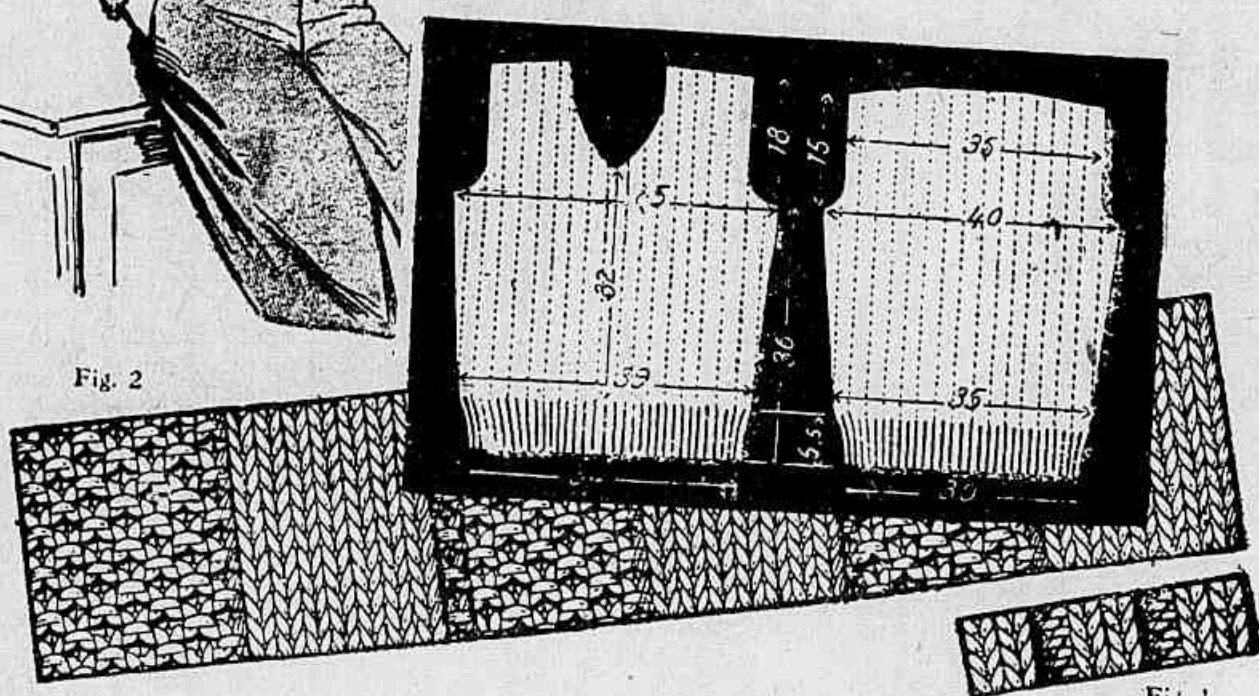
ASA MARCA **UNES** REGISTRADA

MATRIZ E ESCRITORIOS **65 • RUA DA CARIOCA • 67**

E TAMBEM NO ANEXO A RUA 7 DE SETEMBRO, 82 JUNTO A AVENIDA



**Pull-over
sem mangas
em tricot de lã**



Para tamanho médio, são necessárias 150 grs. de lã "Mérinos" de 6 fios e duas agulhas de **tricot** de 3 mm. de diâmetro.

Execução: Costas — Pôr na agulha de tricot 104 malhas e trabalhar no ponto de gaita: 2 malhas pelo direito, duas malhas pelo avesso (fig. 1) até medir seis centímetros e meio de altura, depois tri-

cotar o seguinte ponto: (x) 7 malhas pelo direito e 7 malhas no ponto de areia: 1 malha pelo avesso, 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso, e recomeçar em (x). Voltar fazendo as 7 malhas pelo avesso e as malhas no ponto de areia invertidas. Terceira carreira: como a primeira, quarta carreira como a segunda, etc., assim até

ao fim do trabalho. Tricotar vinte nove centímetros e meio de altura aumentando de cada lado uma malha, a 8 centímetros do ponto de gaita, todas as 8 carreiras. Quando medir 36 centímetros de altura, começar as cavas fechando de cada lado 4 malhas, depois duas vezes 2 malhas e 1 malha. Continuar a direito até medir 51 centímetros de altura. Fechar as malhas para os ombros, 8 malhas, quatro vezes em seguida de cada lado, fechar as malhas restantes de uma só vez, para formar a gola.

Frente — Pôr na agulha de **tricot** 120 malhas, tricotar os seis centímetros e meio no ponto de gaita da fig. 1. Depois tricotar o ponto da fig. 2, aumentando de uma malha de cada lado todas as 8 carreiras, começando no mesmo ponto que nas costas. Quando medir 36 centímetros de altura começar as cavas, fechando 4 malhas, depois 2 malhas cinco vezes em seguida, continuar a direito até medir 38 centímetros de altura. Fechar toda a lista do meio, sejam 7 malhas, e trabalhar cada lado separadamente, fechando 1 malha no começo de cada carreira, do lado da golla, até restarem apenas as 32 malhas para formar o ombro, fechando

8 malhas em quatro vezes, quando medir
54 centímetros de altura.

Coser as costuras dos ombros e apertar em toda a volta da gola as malhas, começando e acabando no lugar onde forma a ponta do decote; fazer 12 carreiras no ponto de areia, fechar as malhas sem apertar.

Antes de feitas as costuras dos lados, apanhar da mesma maneira as malhas da cava, fazer as 12 carreiras no ponto de areia, fechar as malhas sem apertar.

PENSAMENTOS

Enganavam-se quando pensavam que o espirito e o julgamento eram duas coisas diferentes. O julgamento não é mais que a grandeza da luz do espirito; esta luz penetra o fundo das coisas, observa tudo que deve ser observado e percebe aquellas que parecem imperceptiveis. Deve-se pois concordar em que é a extensão da luz do espirito que produz os effeitos que são attribuidos ao julgamento.

A galanteria do espirito consiste em dizer coisas lisonjeiras de uma maneira agradável.

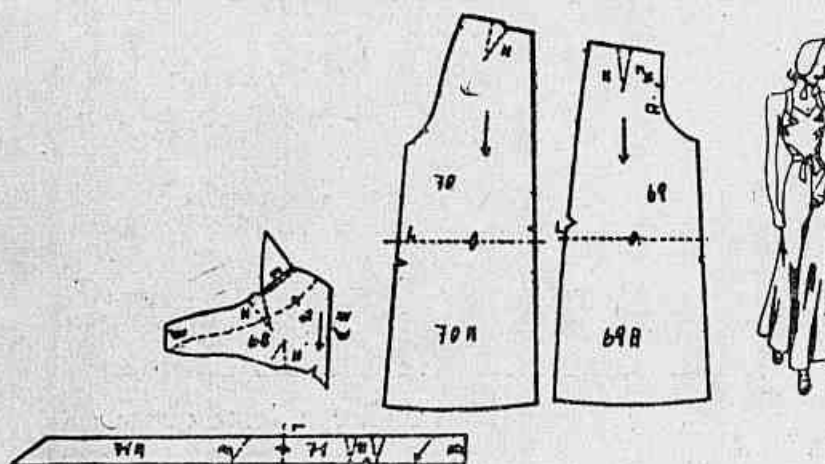
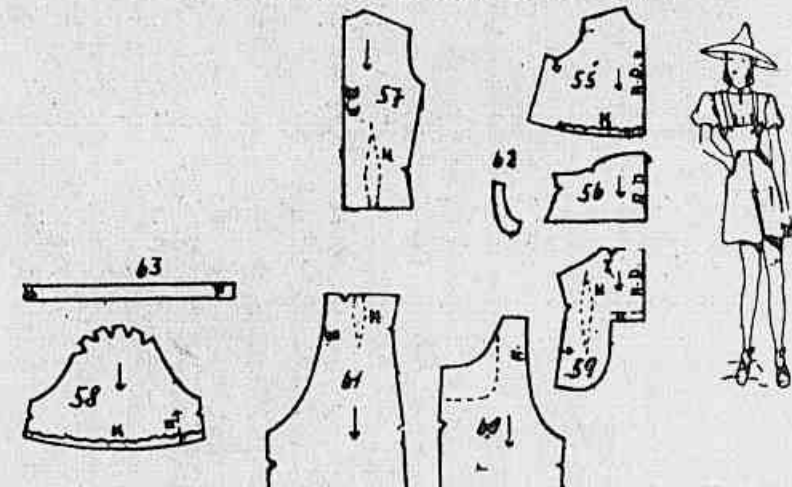
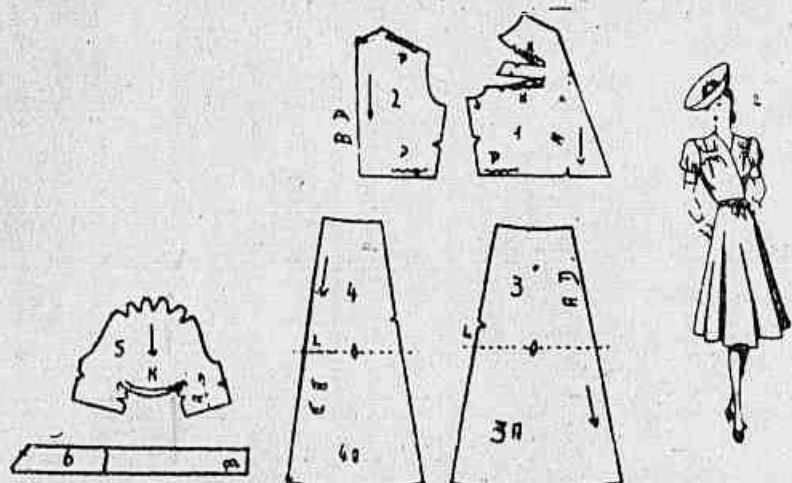
Numeros atrasados desta revista em

S. PAULO

Tratar com o Sr. OLIVEIRA

EDIFICIO MARTINELLI — 10.º ANDAR — SALA G

FIGURINOS COM SEUS MOLDES



**SAUDE E BELLEZA
PELA GYMNASTICA**

Exercícios para fazer trabalhar os músculos do busto e das pernas

1 — Sentada no chão cruzar as pernas, collocar as mãos por trás da nuca. Inclinar para um lado e para o outro só o busto, conservando na mesma posição o resto do corpo. Repetir dez vezes este exercício.

2 — Deitada de costas, os braços em cruz, erguer os joelhos apoiando os pés no solo, depois dobrar as pernas de maneira aos joelhos virem quasi a encostar no corpo, girar em seguida com os joelhos para um lado e para outro, as pernas bem unidas. Repetir estes exercicios dez vezes para cada lado.

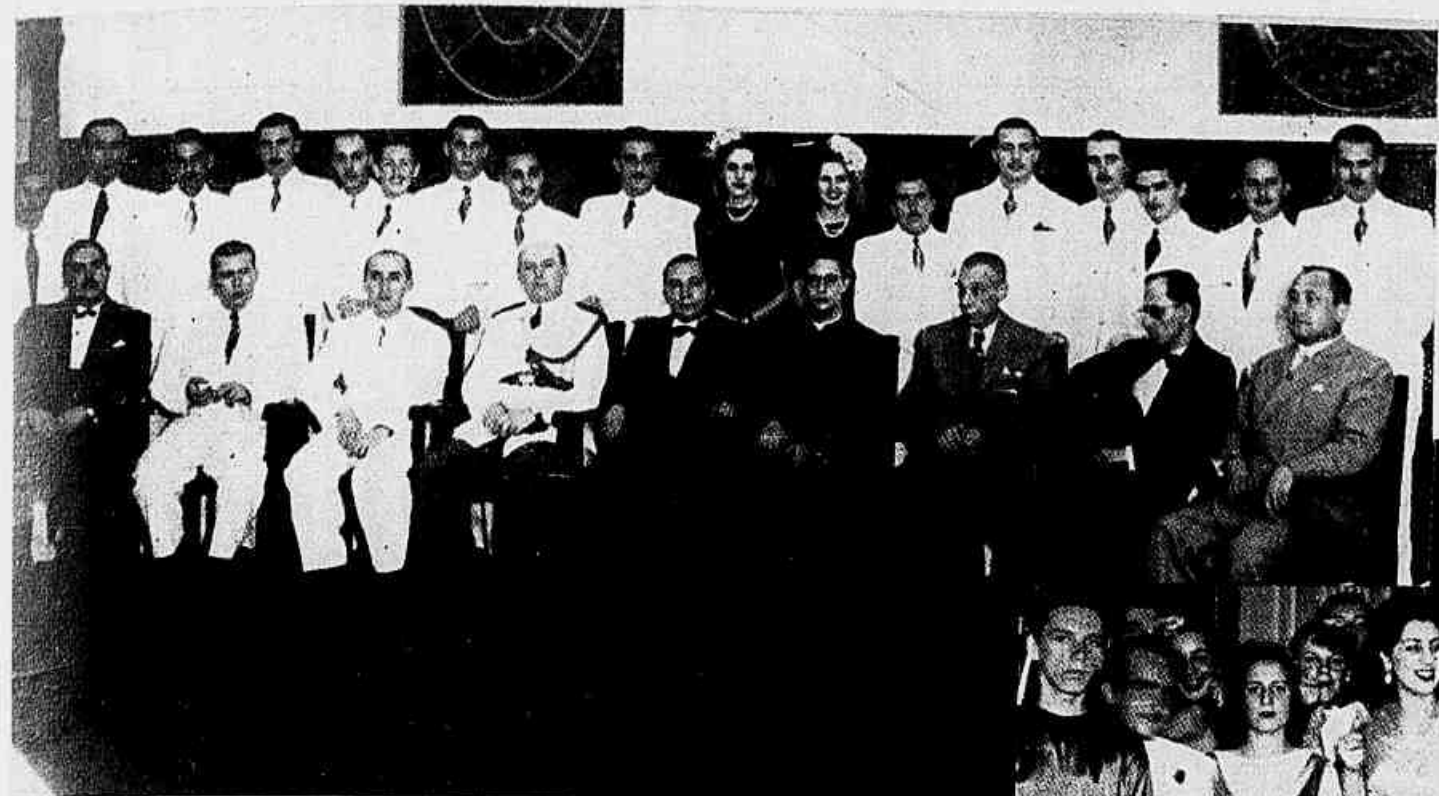
Vestuários
para
a praia

1 — Short e blusa de fustão branco, guarnecidos com pespontos verdes. Fechoclair e cinto verdes, assim como o lenço de cambraia, com pintas brancas.

2—Maillot de tricot azul marinho com desenhos brancos.



JORNAL DOS ESTADOS



Aspecto tomado por ocasião da colação de grau dos novos médicos-veterinários que concluíram o curso da Escola Fluminense de Medicina e Veterinária. A cerimônia realizou-se na Academia Fluminense de Letras.



O réveillon do Anno Novo no Club Central de Nictheroy.



Grupo obtido no baile das novas professoras do Instituto de Educação de Nictheroy, da Escola de Professoras.

No gymnasio da Faculdade de Direito de Nictheroy: grupo tirado no baile levado a effeito pelas alumnas do Instituto de Educação que concluíram o 5.º anno.



ESTADO DO RIO

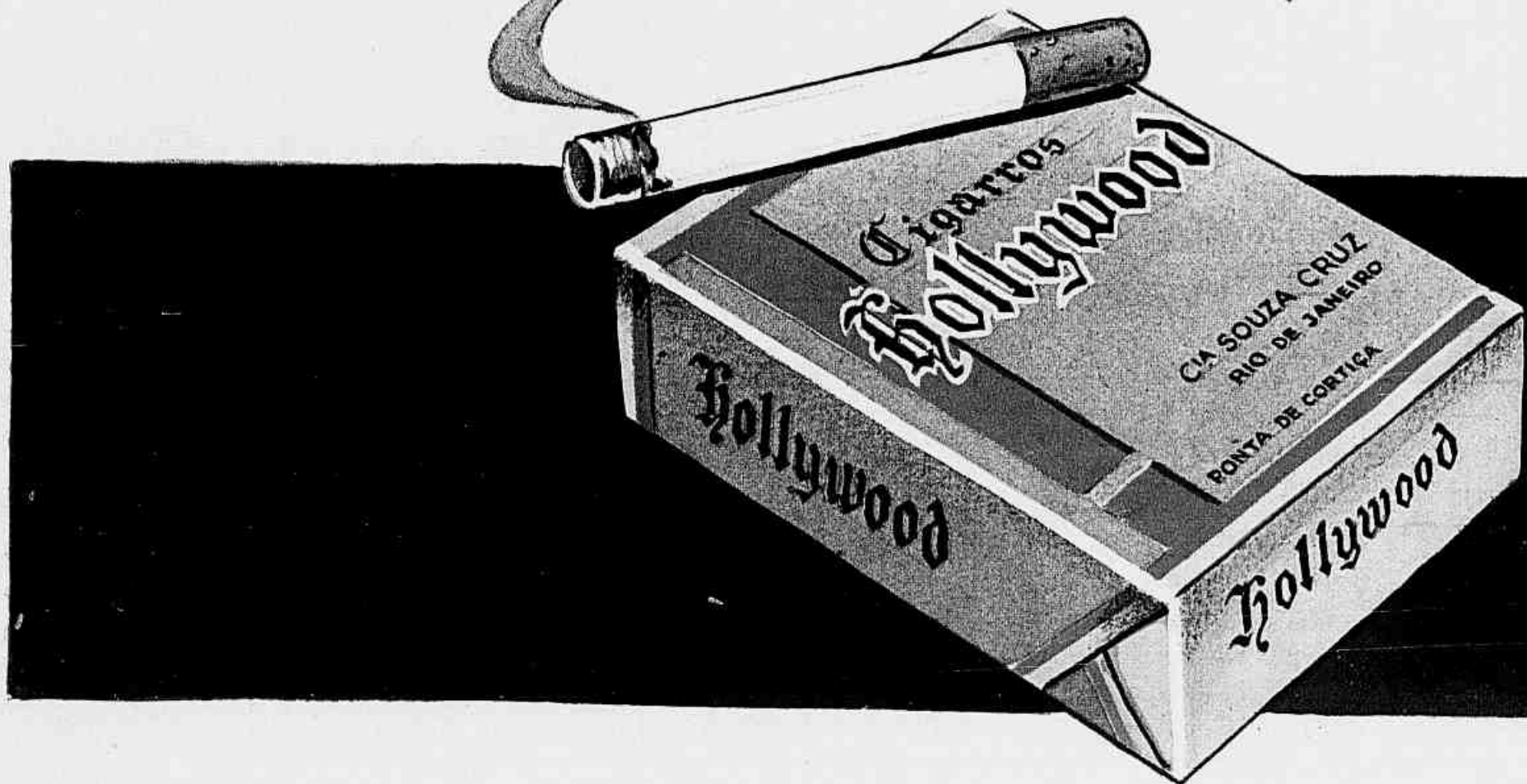
O lançamento da pedra fundamental do Lactário do Dispensário S. Vicente de Paulo, do capital fluminense. Vê-se no grupo a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que presidiu á cerimonia.

MINAS GERAES

Luiz de Fôra perdeu em Abril de 1937 seu poeta predilecto — Belmiro Braga. Autor de versos de estranha sensibilidade, de infinita delicadeza, o poeta — que era na vida civil tabellião — teve um grande publico no Brasil inteiro. O seu suave lyrismo valeu-lhe o cognome de "João de Deus brasileiro". A grande cidade mineira — berço e tumulo de Belmiro Braga — ergueu um monumento ao seu poeta glorioso. A gravura ao lado fixa um aspecto tomado na inauguração do monumento.



A MARCA que se IMPÔZ!



DELIO SA'